



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

**GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA ANÁLISE DOS JORNAIS FOLHA DO MATE E O
INFORMATIVO DO VALE**

Graziele Taís Posselt

Lajeado, dezembro de 2017.

Graziele Taís Posselt

**GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA ANÁLISE DOS JORNAIS FOLHA DO MATE E O
INFORMATIVO DO VALE**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ms. Sérgio Luiz Puggina Reis

Lajeado, dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos cinco anos de estudos na graduação em Jornalismo pude contar com o apoio de pessoas muito especiais, que possibilitaram a minha trajetória até aqui.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Nelci e Ari Posselt, que estiveram sempre ao meu lado e sonharam junto comigo. Obrigada por transmitirem a segurança de estarem presentes em todo esse tempo, me apoiando e incentivando em todos os momentos. Hoje, divido com vocês esse sonho e a expectativa do futuro. Serei eternamente grata por tudo que já fizeram por mim.

Ao meu namorado, William, por sempre me motivar a seguir em frente, a superar obstáculos e trilhar o meu caminho rumo a essa conquista. Obrigada por toda a ajuda e compreensão nesse intenso período de estudos. A também a minha família, em especial a minha prima Cris, que sempre esteve ao meu lado e torceu pelas minhas vitórias. Você também faz parte dessa conquista. Muito obrigada por todo o seu auxílio e de sua família.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Ms. Sérgio Luiz Puggina Reis, que me guiou neste projeto e compartilhou comigo todo o seu conhecimento e experiência em práticas jornalísticas. As equipes dos jornais Folha do Mate, de Venâncio Aires, e O Informativo do Vale, em Lajeado. Em especial, as editoras, Letícia Wacholz e Luciane Ferreira, que me receberam para desenvolver a pesquisa e proporcionaram o necessário para conhecer a rotina de produção dos jornais.

Obrigada aos demais mestres que fizeram parte da minha trajetória, em especial à minha banca avaliadora. Aos colegas, e também amigos, por estarem

sempre ao meu lado, compartilhando ideias e conhecimento. Por fim, a todas as pessoas que acreditaram e colaboraram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Os gêneros jornalísticos surgem concomitantes ao início do desenvolvimento dos jornais impressos. Representam as modalidades e os formatos utilizados frequentemente pelos meios de comunicação, indicando a função do texto para o leitor. Esses padrões específicos da área do jornalismo referem-se à redação, ordenando e formulando o conteúdo publicado. Com base na literatura sobre o assunto, apresentam-se as principais definições de gêneros na imprensa brasileira e, a partir dos impressos Folha do Mate e O Informativo do Vale, esta monografia busca identificar a sistematização de cada veículo de comunicação, evidenciando as modalidades e formatos identificados nos jornais. O estudo concretiza-se por meio de levantamento teórico, entrevistas, e análises de conteúdo, resultando em uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa mostra que ambos jornais operam de forma semelhante, com prioridade para os gêneros informativo, utilitário e opinativo nos âmbitos regionais e locais. Embora tenham representatividade semelhante, cada jornal produz conteúdos diferentes, mesmo que sigam os mesmos gêneros e formatos. São características de cada veículo retratadas a partir dos materiais publicados.

Palavras-chave: Jornalismo. Gêneros jornalísticos. Classificações e Formatos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte de Informe Publicitário devidamente identificado ao leitor.....	70
Figura 2 - Recortes do Caderno “Na Pilha”	71
Figura 3 - Recorte de reportagem publicada na Folha do Mate	81
Figura 4 – Editoriais publicados durante o período de análise	85
Figura 5 - História em destaque no Jornal Folha do Mate.....	87
Figura 6 - Recorte de Olho e Box Relembre o Caso	91
Figura 7 - Notas da editoria de Polícia	92
Figura 8 - Tema do Dia	93
Figura 9 - Formatos de Indicador e cotação.....	97
Figura 10 - Cronologia da história da Univates	98
Figura 11 - Comparação os jornais a partir do tema “Doações de Órgãos”	102
Figura 12 – Tema “Suicídio” publicado nos veículos de comunicação.....	107
Figura 13 - Publicações do jornal O Informativo do Vale	109
Figura 14 - Publicação do Jornal Folha do Mate.....	111

Figura 15 - Primavera foi pauta nos veículos de Comunicação	112
Figura 16 - Erro de apuração e interpretação dos fatos	114
Figura 17 - Grêmio e Internacional pautam a editoria de Esportes	117
Figura 18 - Gênero utilitário na editoria de esportes	118
Figura 19 - Reportagem publicada pela Folha do Mate	119
Figura 20 - Colunas apresentadas nos Jornais	120
Figura 21 - Comparação entre as colunas	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Categorias comunicacionais do Jornal Folha do Mate	68
Gráfico 2 - Categorias comunicacionais do jornal O Informativo do Vale.....	73
Gráfico 3 - Gêneros Jornalísticos presentes no jornal Folha do Mate.....	76
Gráfico 4 - Gêneros Jornalísticos presentes no jornal O Informativo	89
Gráfico 5 - Abrangência dos Jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale.....	99
Gráfico 6 - Conteúdos jornalísticos: principais temáticas	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificações mais populares de gêneros jornalísticos no Brasil	34
Quadro 2 - Formatos do Gênero Informativo.....	44
Quadro 3 - Comparação entre jornalismo e propaganda na Folha do Mate	69
Quadro 4 - Gêneros e seus respectivos formatos no Jornal Folha do Mate	77
Quadro 5 - Gêneros e seus respectivos formatos no Jornal O Informativo do Vale..	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MÉTODO	14
3	JORNALISMO IMPRESSO E AS CLASSIFICAÇÕES DE GÊNEROS	18
3.1	A história do jornalismo impresso	18
3.2	Contextualização e aplicação de gêneros no jornalismo.....	25
3.2.1	Teorias: Fundamentação para as classificações.....	36
4	OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	40
4.1	Informativo: a comunicação de forma isenta	40
4.2	Opinativo: a propagação de ideias.....	50
4.3	Interpretativo: várias faces de um fato	55
4.4	Diversional e Utilitário: entretenimento e serviço à comunidade	61
5	ANÁLISE DOS DADOS	67
5.1	Identificação das categorias comunicacionais.....	67
5.2	Mapeamento dos Gêneros Jornalísticos	75
5.2.1	Gêneros Jornalísticos no Jornal Folha do Mate	76
5.2.2	Gêneros Jornalísticos no Jornal O Informativo do Vale.....	88
5.3	Comparações entre os jornais a partir dos gêneros mais frequentes	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS.....	128

APÊNDICES132

APÊNDICE A - Entrevista.....133

APÊNDICE B - Entrevista.....142

ANEXOS147

Anexo A.....148

Anexo B.....149

ANEXO C150

Anexo D.....154

Anexo E.....156

Anexo F160

Anexo G.....162

Anexo H.....164

Anexo I166

1 INTRODUÇÃO

Para cumprir a função de noticiar os fatos, o jornalista faz uso de um conjunto de técnicas que objetivam facilitar o seu trabalho. Esses padrões específicos da área do jornalismo referem-se à redação jornalística, com o objetivo de ordenar e formular o conteúdo transmitido ao público diariamente, principalmente por meio de jornais impressos. A prática denomina-se de gêneros jornalísticos, sendo a base de conhecimento necessária para os profissionais da área, determinando o conhecimento sobre o próprio exercício da profissão.

Os gêneros constituem-se nas modalidades discursivas utilizadas com mais frequência pelos meios de comunicação. São geralmente determinados pela função que exercem ao leitor, como a informação ou interpretação de um fato. Com origem antiga, a estrutura de gêneros está diretamente associada a história do jornalismo, alterando-se conforme os diferentes períodos.

Desde 1960, o assunto tem sido discutido de forma acadêmica, com o desenvolvimento de estudos e pesquisas voltados ao tema na comunicação. No Brasil, a questão foi introduzida por Luiz Beltrão, ao produzir a trilogia nomeada de *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980). Diversos autores da área também passaram a discutir sobre gêneros, entre eles, destacam-se os estudos de José Marques de Melo (2010) e Francisco de Assis (2010) que questionam e reestruturam os formatos já existentes.

Embora diversos pesquisadores já tenham contribuído ao assunto, o estudo de Marques de Melo (2010) se popularizou no âmbito acadêmico e profissional, sendo a

classificação de gêneros mais citada nesses meios. Com uma carreira dedicada às suas pesquisas, o autor defende que há cinco gêneros presentes no atual jornalismo brasileiro, sendo eles, informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Após mais de cinco décadas o assunto continua sendo relevante na área da comunicação, gerando livros, artigos e dissertações relacionados. Recentemente, a criação de um grupo de pesquisa na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) motivou a continuidade de debate sobre gêneros jornalísticos, com o objetivo de sistematizar reflexões existentes e tornar o assunto acessível aos professores e estudantes de comunicação.

A proposta deste estudo é apresentar historicamente os gêneros do jornalismo no Brasil e, a partir dos jornais o Informativo do Vale e Folha do Mate, reconhecer a sistematização de cada veículo de comunicação, assim como a mutação de seus formatos. Com isso, identifica-se especificamente como esses impressos utilizam os gêneros em suas edições. Para isso, delimitam-se três objetivos fundamentais, partindo da teoria ao empírico. Revisa-se a bibliografia sobre gêneros jornalísticos e as principais classificações utilizadas no Brasil. Ao mesmo tempo, caracteriza-se os gêneros presentes nos jornais a partir de padrões identificáveis em suas pautas. Com isso, investiga-se o grau de relevância dos gêneros jornalísticos na contemporaneidade.

A partir desses objetivos, o estudo busca problematizar se os gêneros jornalísticos mantêm-se relevantes e ainda orientam os conteúdos nos jornais impressos contemporaneamente, além de reconhecer como os próprios veículos de comunicação se apropriam dos diferentes tipos de textos. Além disso, o estudo aplica-se em jornais caracterizados como regionais, com a proposta de verificar se os gêneros e os formatos mais citados na literatura também se enquadram em impressos de menor abrangência. Assim, além possibilitar a pesquisa em um novo âmbito, também busca-se comparar o conteúdo dos impressos.

Este trabalho surge a partir da percepção do processo de construção de um jornal impresso, bem como os critérios utilizados na redação do dia a dia. Nesse sentido, os gêneros jornalísticos são importantes para a compreensão de como transcorre a estruturação da prática profissional, permitindo a análise dos formatos

contemporâneos, a fim de aprimoramentos pessoais e técnicos. A abordagem ainda é relevante para âmbito acadêmico e profissional, pois esclarece os principais conceitos relacionados à produção de informação.

Desta forma, o tema mostra-se importante para o âmbito acadêmico, pois é por meio dos gêneros, que o aluno compreende as particularidades dos diferentes tipos de textos que estão inseridos na imprensa, domina essa técnica e a utiliza em seu trabalho no cotidiano. Além disso, o estudo também permite que a sociedade como um todo também possa compreender as características que moldam o jornal que leem no dia a dia, tendo conhecimento de técnicas que geralmente são apenas da percepção de quem está inserido ou relaciona-se com de forma direta com a imprensa.

Os objetos de estudos para esta pesquisa são os jornais O Informativo do Vale, de Lajeado (RS) e Folha do Mate, de Venâncio Aires (RS). O acompanhamento dos impressos realiza-se do dia 28 de agosto a 30 de setembro de 2017, com a análise de todo o conteúdo presente nesses materiais. A escolha do veículo justifica-se pelo reconhecimento dos jornais nas localidades em que atuam, além de possibilitar a pesquisa em um novo âmbito, já que os estudos relacionados aos gêneros jornalísticos incluem uma lista pequena e fechada de jornais analisados, geralmente voltados aos grandes centros do país.

Este trabalho apresenta-se em seis partes. Após a introdução do assunto, relatam-se os métodos escolhidos para a aplicação e execução desta pesquisa, que se caracteriza como qualitativa e quantitativa, com finalidade exploratória e descritiva. A partir do terceiro capítulo são introduzidas informações bibliográficas envolvendo a história do jornal impresso, o conceito de gênero, os diferentes tipos e formatos, bem como a descrição de cada um. Em seguida, apresenta-se a análise prática desse processo de pesquisa e as considerações feitas a partir do estudo.

2 MÉTODO

A pesquisa deste trabalho é de cunho qualitativo e quantitativo. O primeiro método caracteriza-se por poucas fontes de pesquisa, mas conteúdos de qualidade e em profundidade, em que podem ser utilizadas entrevistas, fontes, observações e análises, obtendo assim descrições detalhadas dos fatos (GOLDENBERG, 1997). Busca-se analisar os gêneros jornalísticos presentes nos impressos Informativo do Vale, de Lajeado (RS) e Folha do Mate, de Venâncio Aires (RS). Desta forma, utiliza-se esse tipo para descrever e detalhar as características de cada jornal.

Já a partir do método quantitativo, busca-se evidenciar elementos significativos dos jornais. Desta forma, além das descrição e aprofundamento de dados, permite visualizar quantitativamente a utilização e frequência dos gêneros e seus formatos nos jornais que são objetos desse estudo. Permite também que dados complementares sejam mensurados, como as categorias comunicacionais de cada veículo, as temáticas utilizadas, e as abrangências dos conteúdos publicados.

Ambas abordagens são utilizadas com a finalidade de obter-se uma pesquisa em que seja possível compreender diferentes questões abordadas, reunindo dados qualitativos e quantitativos, permitindo um estudo descritivo e explicativo. “A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (FONSECA, 2002, P. 20).

Com esses procedimentos é possível realizar uma análise comparativa entre os impressos, ressaltando os conteúdos e a descrição dos gêneros utilizados em seus diários. Por isso, trata-se também de uma pesquisa com finalidade exploratória e descritiva. O tipo exploratório possibilita o planejamento da pesquisa por meio de

levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas relacionadas ao problema de estudo, e análises de conteúdo (GIL, 2002).

Com isso, destaca-se no referencial teórico toda a história do jornalismo impresso e das classificações de gêneros, para que então, seja possível compreender as características que determinam cada modalidade de gênero. Já na pesquisa descritiva, a principal finalidade é descrever e expor as características do fenômeno de estudo, utilizando também técnicas de coleta de dados, como a entrevista. Por isso, além das análises, foram realizadas entrevistas com as editoras dos impressos, com o objetivo de compreender e detalhar a rotina e as especificidades de cada veículo de comunicação.

Os tipos de pesquisa utilizados quantos aos meios foram do tipo bibliográfica, documental e de campo. A primeira tem o intuito de revisar todo o conteúdo bibliográfico referente ao assunto de gêneros jornalísticos. Trata-se de um procedimento relevante, pois reúne todas as informações necessárias sobre o tema, permitindo que o pesquisador examine a literatura e evidencie o posicionamento de autores que já trabalharam com a questão proposta (STUMPF, 2015). É um meio que auxilia o pesquisador a explicar e a interpretar os fenômenos observados, com base na bibliografia consultada, sendo também um auxílio externo que facilita a análise de estudo.

A pesquisa bibliográfica assemelha-se a documental. Entretanto, nesse meio, são utilizadas fontes de natureza distintas ao anterior, com materiais ainda não analisados analiticamente ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos do pesquisador. Entre as vantagens desse tipo de pesquisa, Gil (2002) destaca a intensa quantidade de dados e subsistência de documentos como fontes. De acordo com Moreira (2015), a análise documental é uma forma de investigação que organiza o conteúdo a partir de semelhanças e diferenças. Proporciona conteúdo para a contextualização dos fatos estudados, introduzindo novas perspectivas em outros ambientes e respeitando a substância original dos documentos. Nesta pesquisa, a análise documental conta com a avaliação de textos de dois jornais impressos, o Informativo do Vale e a Folha do Mate, no período entre 28 de agosto a 30 de setembro de 2017, totalizando 25 e 29 exemplares, respectivamente.

Outro procedimento utilizado é a investigação empírica, ou seja, de campo. Conforme Gil (2002), o estudo de campo busca descrever em profundidade determinado fenômeno e os fatores que estão relacionados a ele e que possam exercer influência. Busca explicações e interpretações do que ocorre nesses meios, sendo um complemento de outros procedimentos. Como já dito anteriormente, a pesquisa de campo caracteriza-se nesse estudo por meio de entrevistas e acompanhamento das rotinas dos jornais.

A pesquisa define-se pelo tipo de amostra não probabilística de acessibilidade e tipicidade. A não probabilidade caracteriza-se pelo raciocínio do pesquisador, na construção de uma amostra por julgamento e de escolha deliberada. Desta forma, não faz uso das seleções aleatórias de amostras, com a representatividade estatística da população. Com a acessibilidade de fontes e documentos, o pesquisador obtém os dados pelo meio em que tem maior facilidade de acesso, sendo menos rigorosa (BEUREN, 2004).

As fontes também foram selecionadas por meio da tipicidade, “construída pela seleção de elementos que o pesquisador considere representativos da população-alvo, o que requer profundo conhecimento dessa população” (VERGARA, 2010, p. 47). Assim, o tipo constitui-se como a seleção de amostras feita a partir de informações e conhecimentos prévios, considerando a representatividade dessas pessoas para o estudo (BEUREN, 2004).

Para auxiliar a compreensão sobre o tema, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e de perguntas abertas com as editoras dos respectivos jornais. Em Lajeado, as questões sobre o Informativo do Vale foram discutidas com Luciane Ferreira, sendo uma das responsáveis pela função no jornal. Atualmente, divide o posto com Márcio Souza. Já em Venâncio Aires, na Folha do mate, a conversa ocorreu com a editora Letícia Wacholz. Foram questionados assuntos como a rotina do jornal, a estruturação dos impressos, o processo de produção dos jornais, dentre outros.

Conforme Duarte (2015), a entrevista é um modo de procurar respostas por meio da experiência e opinião dos entrevistados, partindo de um roteiro de questões guias, que fornecem os dados básicos para a compreensão do estudo e que podem ser aprofundados pelo pesquisador. Goldenberg (1997) ressalta que as perguntas

abertas são utilizadas com o propósito de obter uma resposta livre do entrevistado, não-limitada por alternativas apresentadas, expressando-se livremente sobre o tema.

Para o tratamento de dados foi utilizada a análise textual, que conforme caracteriza Moraes (2007, p.86), “são modos de aprofundamento e mergulho em processos discursivos, visando atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendido”. Gil (2002) destaca que o método é uma forma de análise de conteúdo, que advém do grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-los.

A técnica é feita por meio da análise de conteúdo presentes e manifestos nos diferentes veículos. Conforme o autor, essa análise compreende, geralmente, três fases: pró-análises, em que se formulam de hipóteses e se prepara o material que será estudado; exploração, envolvendo a escolha de unidades, a enumeração e a classificação; e por fim, a interpretação dos dados.

3 JORNALISMO IMPRESSO E AS CLASSIFICAÇÕES DE GÊNEROS

Este capítulo visa a contextualização do tema proposto para esta pesquisa, com base na revisão da literatura especializada sobre os gêneros jornalísticos reconhecidos atualmente. São abordados aspectos sobre o conceito de gênero e sua função no processo de comunicação; as diferentes classificações propostas por autores no jornalismo e sua respectiva fundamentação teórica; e a história do jornalismo impresso. Considerando as obras pioneiras e recentes sobre o assunto, o capítulo destaca a evolução de gêneros e seus formatos, descrevendo suas modificações conforme cada período da história da imprensa brasileira.

3.1 A história do jornalismo impresso

O jornal é um dos principais meios de comunicação em que as pessoas buscam informações sobre os acontecimentos recentes. Entretanto, antes de seu surgimento e de outras formas de transmissão de mensagens, a comunicação era existente apenas pela oralidade. Jorge Pedro Sousa (2001) aponta que as informações eram repassadas por meio de conversas com pessoas próximas ou até mesmo em lugares públicos, como estabelecimentos e praças. Por um tempo, a difusão de conteúdo foi se readequando e apresentando melhorias, principalmente com a invenção da escrita e o desenvolvimento do papiro, e mais tarde, do papel. Com esses recursos, a história

poderia ser registrada e contada fielmente conforme o ocorrido, não caindo no esquecimento pela população ou modificando a realidade enquanto era repassada.

A partir disso, o autor destaca que todo conhecimento que se tinha era escrito e reproduzido a mão. Quando finalizados, eram entregues à população várias cópias do documento, como uma espécie de boletim dos acontecimentos. Tratava-se de um processo lento e destinado apenas a uma parcela da população: a que era alfabetizada. Conforme Luiz Beltrão (1980), esses panfletos distribuídos tratavam-se de folhas volantes, de carácter opinativo. Entretanto, a livre circulação do material não durou muito tempo. Papas, imperadores e reis católicos tornaram os impressos restritos, controlados e monopolizados. Assim, estavam expostos a censura governamental e da Igreja. Por mais de duzentos anos, as folhas tiveram seu papel apenas informativo, assim como os demais jornais que começaram a surgir a partir do século XVII.

O conteúdo obteve sua difusão a partir da invenção dos tipos móveis, de Johannes Gutenberg, em 1450, na Alemanha. O invento proporcionava que o conteúdo fosse copiado por meio da tipografia, sendo gerado a partir de material fundido, na qual o texto poderia ser impresso. “A instalação de tipografias por toda a Europa permitiu a explosão da produção de folhas volantes, de relações de acontecimentos e de gazetas, que, publicadas com carácter periódico, se podem considerar os antepassados diretos dos jornais atuais” (SOUSA, 2001, p 19). Com os tipos móveis foi possível expandir as publicações, abandonando os manuscritos pertencentes a Igreja.

Sousa (2001) enfatiza que o desenvolvimento da imprensa na Europa estava diretamente atrelado ao exercício do poder político. Os jornais se popularizaram rapidamente e, por isso, eram observados atentamente pelos que mantinham o poder. Os governantes tratavam de selecionar apenas alguns escritores de sua confiança para redigir esses impressos. Além da concessão de licenças, o conteúdo também era revisado.

Embora a tipografia tenha seu nascimento marcado no século XV, no Brasil sua introdução foi tardia. Conforme os estudos Richard Romancini e Cláudia Lago (2007), a primeira tentativa de introdução do método no país, com provas documentais, ocorre

apenas entre 1630 e 1655, através de holandeses que ocupavam o Nordeste do Brasil. Além disso, o profissional de tipógrafo que migrou ao país faleceu logo após a sua chegada, o que atrasou ainda mais o desenvolvimento da impressão. Há suspeitas de que a primeira tentativa após esse fato teria sido feita apenas sessenta anos mais tarde, em Recife. Entretanto, a ideia não é muito citada e defendida, pois não há provas que comprovem o ato.

Sendo assim, os autores reconhecem que a primeira oficina de tipografia completa no país ocorre no Rio de Janeiro, em 1746. Antônio Isidoro da Fonseca foi o responsável pela instalação dos equipamentos, pois em Portugal, já havia atuado como editor de obras, e no Brasil, passou a realizar a impressão de livros e folhetos. Era reconhecido pelo seu trabalho e sua chegada também foi uma forma de estimular a vida intelectual na cidade. Entretanto, a ideia de ter um espaço tipográfico no Brasil, sendo dirigido por um português, não agradou as autoridades de Lisboa, que em 1747, ordenaram o fechamento do estabelecimento e o retorno de Isidoro ao seu país de origem.

Assim como a tipografia, Sousa (2001) relata que não há certezas sobre o primeiro jornal diário impresso, embora muitas afirmações apontam para o *Daily Courant*. Criado em 1702, o exemplar continha apenas uma página e era produzido e distribuído diariamente. Ainda assim, o processo de desenvolvimento de todos os jornais era lento, mudando apenas após o surgimento da imprensa rotativa em 1812, possibilitando a produção a baixo custo.

O primeiro jornal diário português, a *Gazeta de Lisboa*, começou a editar-se a 1 de Maio de 1809. Mas é apenas com o aparecimento do *Diário de Notícias*, em 1865, que o jornalismo português entra na modernidade. Rompe-se com a tradição da imprensa opinativa ou partidária, designada muitas vezes por imprensa de partido (*party press*), que na realidade por vezes era simultaneamente noticiosa e opinativa, em favor da informação factual, e começa a trilhar-se o caminho que haverá de conduzir à profissionalização dos jornalistas portugueses (SOUSA, 2001, p. 20-21).

A imprensa que se tinha até então, no século XIX, era totalmente ideológica e opinativa, como afirma o autor. Isso ocorre devido a um conjunto de fatores, como a falta de conteúdos exclusivamente informativos; a população reduzida que sabia ler e

escrever; a baixa parcela de pessoas que tinham aquisição ao jornal; e os movimentos políticos que rodeavam o século. Romancini e Lago (2007) destacam que esse tipo de jornalismo durou até aproximadamente o período da República, sendo marcado pela radicalidade opinativa e descompromisso comercial. Após, já se organizam como empresa, em busca da consolidação comercial, já contando também com técnicas mais aperfeiçoadas.

Beltrão (1980) esclarece que a opinião também predominava devido a um pedido da população, que se encontrava perdida em diversos assuntos e aguardava por orientação. Os jornais passaram a adotar ideologias, propagar ideias e a combater os opositores. Esse modelo de jornal altera-se apenas a partir da terceira década do século, com o desenvolvimento do telégrafo, dos caminhos de ferros, e de equipamentos que aumentavam a circulação dos jornais e a produção de conteúdo. As notícias começam a predominar nos impressos e, desta forma, buscava-se o entendimento das notícias com facilidade (SOUSA, 2001, p.21).

Com as mudanças que propiciaram a alteração desse cenário, entre elas, a alfabetização da população, deixa-se de investir na difusão de ideias e são agregados assuntos de interesse humano, desenvolvendo novas técnicas, como a entrevista e a crônica. Esses elementos marcam o que se denomina a primeira geração da imprensa popular (*penny press*).

Responsável pelo primeiro jornal impresso no Brasil em 1808, Hipólito da Costa redigia todo conteúdo em Londres, com o intuito de não ser apenas informativo, mas apresentar críticas à população, como destaca Beltrão (1980). Seu texto era produzido na Inglaterra, pois até 1808, qualquer publicação deveria ser impressa na Europa, ou permanecer manuscrito devido a censura tipográfica. O exemplar era importado ao Brasil por vias normais até o ano seguinte, quando passou a circular de forma clandestina, já que era proibido pelo governo da época, como acrescenta Sousa (2001).

O Correio Braziliense era um jornal de circulação mensal, que em mais de cem páginas procurava manter a população bem informada, sem deixar de exercer seu caráter crítico sobre a administração portuguesa no Brasil, conforme destacam os autores Romancini e Lago (2007). A edição aproximava-se a um livro, formato comum

para a época. O jornal era totalmente administrado e estruturado por Hipólito da Costa, mantendo-se até aproximadamente 1822 e incluindo muitas causas, como o fim do trabalho escravo, à liberdade de opinião e à monarquia constitucional. Embora tenha sofrido com a pressão governamental, o jornal permaneceu com o mesmo formato até o seu fim. Foi a partir da Independência do Brasil que Costa julgou não ser mais necessário dar continuidade ao impresso, devido a proliferação na imprensa no então novo país.

É em 1808 que também ocorre a criação da Imprensa Régia, que em catorze anos produziu mais de mil itens e foi a editora responsável pelo primeiro jornal oficial do país: A Gazeta do Rio de Janeiro. A estreia do jornal foi em 10 de setembro do mesmo ano, com o frei Tibúrcio José da Rocha como redator. O jornal declarava-se como não oficioso, com conteúdo e críticas voltados à realidade social. Inicialmente era produzido semanalmente, passando após para trissemanal e, em muitas vezes, com edições extraordinárias. Desaparece em 1821, quando surge o Diário do Governo.

Ambos jornais, o Correio Braziliense e a Gazeta do Rio de Janeiro, eram modelos de impressos do período em que dominava o jornalismo de opinião. Cada jornal defendia determinada ideia política, influenciando seus leitores. O primeiro jornal essencialmente informativo circulou apenas a partir de 24 de setembro de 1821, como o Diário do Rio de Janeiro. O impresso não abordava questões políticas, apenas notícias variadas (ROMANCINI; LAGO, 2007).

No Brasil, a situação começa a mudar a partir de 1880, como aponta Beltrão (1980). O jornal adota características mercantis, com foco nas atividades do campo industrial. Diante desse novo modelo de jornalismo impresso, os pasquins, papeluchos e jornais efêmeros acabam por desaparecerem. Entretanto, todas essas transformações acontecem lentamente no país.

Sousa (2001) afirma que é no The New York Tribune que ocorre a categorização oficial de conteúdo, divididas em seções, com responsáveis para cada uma delas. Foi o primeiro jornal que teve jornalistas específicos para a redação de notícias. Era apenas o primeiro passo para o jornalismo especializado. Com o desenvolvimento da Guerra da Secessão e o uso do telégrafo, houve o início da

técnica “Pirâmide Invertida”, que prioriza os acontecimentos mais importantes, fixos ao início do texto. Desta forma, se o contato a distância entre o repórter e a redação fosse perdido, as informações mais importantes já teriam sido repassadas ao jornal.

No século XIX, outra revolução muda o estilo jornal: desta vez, a Revolução Industrial que atinge a América (EUA). Cria-se uma indústria em torno do jornal, objetivando o aumento de sua circulação e marcando o início da publicidade. “A sua rigidez política e doutrinária foi suavizada, visando não suscitar no público reações extremas contra as empresas que adotam ponto de vista em determinado momento impopular para a maioria da coletividade” (BELTRÃO, 1980, p.37).

A informação ganha destaque e reconhecimento, embora isso não signifique que a opinião tenha sido abolida dos impressos. A censura já havia sido derrubada em quase toda Europa Ocidental. Conforme Nilson Lage (2005a), as mudanças nas quais os jornais enfrentavam eram decorrentes de vários fatores, como o grande número de trabalhadores que sabiam ler, possibilitando um mercado de massa. O capitalismo fez com a produção se reorganizasse a partir da mecanização do trabalho com a primeira impressora de Koenig, proporcionando o barateamento das impressões. Por fim, como já dito, o início da publicidade despertou no público leitor o interesse em manter-se informado sobre ofertas de bens de consumo.

Já ao final do século XIX, surge a segunda geração da imprensa *penny press*, também conhecida como segunda geração da imprensa popular. Essa fase caracterizou-se pelo barateamento dos jornais, as quais, agora, eram destinados à maioria da população, com o propósito também de gerar lucro. Para isso, adotou-se o conteúdo factual e noticioso, atendendo aos novos interesses dos leitores. Essa renovação nas notícias ficou conhecida como Novo Jornalismo. Concomitante a imprensa popular, Sousa (2001) afirma que a imprensa de referência também se desenvolveu com as qualidades da *party press*. O jornal passa a adotar conceitos como a objetividade, exatidão, análise e opinião, caracterizando o jornalismo de referência.

Romancini e Lago (2007) destacam que com o desenvolvimento da imprensa nesse ritmo, os jornais que não se atualizavam conforme a lógica capitalista acabava desaparecendo. Ocorre a valorização e reconhecimento do repórter e da reportagem,

já que o gênero informativo, passa a ser a partir do século XX, a essência do jornalismo. Ainda no século XIX, surgem as agências de notícias, visando o desenvolvimento da comunicação de forma global.

O jornalismo desenvolveu-se de forma semelhante em todo o mundo, mudando apenas com a I e II Guerra Mundial, período em que os conteúdos se tornaram mais descritivos. Após a década de sessenta, o jornalismo de referência evolui para o modelo de análise, estruturando o jornalismo especializado. Ao mesmo tempo, surge também o Segundo Novo Jornalismo, com sua força determinada pela subjetividade dos relatos e o retorno do jornalismo investigativo. Inicia-se também uma nova modalidade textual que difere das demais: o jornalismo literário.

Com o advento deste segundo Novo Jornalismo, o jornalista passa a ser encarado como um intérprete ativo da realidade enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenômeno da mente e da linguagem. [...] A construção cena por cena, o uso de diálogos na totalidade, o simbolismo de uma linguagem cuidada, as frases curtas, a narração minuciosa, a caracterização das personagens das histórias e a descrição dos ambientes são domínios discursivos que alguns jornalistas começaram a explorar, bem dentro desse espírito da revisão estilística operada com o segundo movimento de Novo Jornalismo. Os títulos também se tornam mais curtos, incisivos e apelativos, ideias que são importadas quer da publicidade, quer do mundo do cinema. As fronteiras entre os mundos comunicacionais esbatem-se (SOUSA, 2001, p.30).

Lage (2005b) também menciona o período de mudanças, caracterizando a publicidade como meio capaz de integrar os interesses gerais da economia, dependendo do número de anúncios e de leitores. Surgem alguns gêneros a fim de conquistar o público, como folhetins e novelas, sendo textos extensos, muitas vezes publicados em capítulos. É nesse período que também surgem a charge, o cartoon e matérias com temas sensacionalistas, que exploravam o sentimentalismo, a aventura e o exótico.

No jornalismo diário até então, essas características muitas vezes não apareciam, pois não havia tempo para trabalhar apenas em um assunto, e por isso, centralizava-se no necessário para o entendimento do acontecimento e o que era relevante na visão do jornalista, como aponta Sousa (2001). Isso muda a partir do Novo jornalismo, em que se incentiva a documentação e investigação dos dados.

Desenvolvem-se os gêneros de jornalismo em profundidade e jornalismo analítico, assim como o jornalismo de criação, baseado no estilística da informação, no humor ou na literatura.

No Brasil, a terceira fase do jornalismo acontece apenas após a Revolução de 1930, quando há o desenvolvimento dos meios gráficos, que facilitam a impressão e a circulação de gazetas. Tratava-se de um jornal já periódico, mas de baixo custo, com texto simples, fontes, e narrativa cronológica e atual. Surgem também as grandes empresas jornalísticas (BELTRÃO, 1980). A partir da década de 1980 surgem gêneros oriundos das novas tecnologias. Há espaço para o jornalismo de serviço e utilitário.

Entretanto, a principal mudança ocorre com o sistema de World Wide Web, a Internet. Foi necessário adequar o sistema jornalístico a essa nova ferramenta, já que qualquer pessoa com acesso à Internet pode ser gestor dos fluxos de informação. A internet também facilitou o contato entre os próprios jornalistas e agilizou o processo de atualização de dados. A partir disso, formam-se grandes grupos multimidiáticos, promovendo a homogeneização de conteúdos e reduzindo custos. Tudo isso em busca de produzir jornalismo com qualidade para todos os tipos de públicos (SOUSA, 2001).

3.2 Contextualização e aplicação de gêneros no jornalismo

O surgimento de diferentes tipos de gêneros data o início da civilização. Conforme aponta Luiz Antonio Marcuschi (2005), sua origem está conectada com atividades sociais, culturais e até mesmo tecnológicas. O autor esclarece que com o início da alfabetização houve o crescimento em relação aos gêneros, que eram existentes apenas na comunicação oral. Desta forma, a partir da escrita, ampliam-se os gêneros e os formatos textuais.

Um dos principais conceitos de gênero está atrelado a origem histórica, supostamente na Grécia antiga, por meio de Platão e Aristóteles. Aponta-se que os gêneros, nesse sentido, refletiam a identidade do texto, sendo o meio de distinção. Era a forma de identificar a poesia, a prosa, ou outros tipos de discursos. A divisão

consolidou-se na literatura, sendo também inserida no cinema, e posteriormente, no rádio e na televisão. Entretanto, é Platão quem se interessa pelos gêneros relacionados à literatura, com a classificação entre comédias e tragédias das peças teatrais apresentadas nesse período.

Antes disso, Aristóteles já discursava sobre gêneros ao visualizar o gênero como a forma de organização de um discurso para o convencimento da população sobre os acontecimentos públicos do período. Francisco Alves Filho (2011) destaca que Aristóteles visualizava a questão de gêneros como uma fusão entre forma e o conteúdo. A teoria atualmente não faz parte da visão tradicional de gêneros, mas permaneceu como uma das primeiras ideias relacionadas ao tema.

A sugestão proposta por Aristóteles foi logo descartada, pois muitos estudiosos concentraram suas ideias apenas na forma, eliminando qualquer possibilidade de fusão. A partir dessa ação, Francisco Alves Filho (2011) considera que houve um equívoco nos estudos relacionados a gêneros, já que se adquiriu feição restritiva e formalista, definindo-os apenas como modos de classificação de textos, conforme estrutura e composição. Desta forma, não é bem aceita por escritores de literatura, já que eram entendidos como formas restritivas, reduzindo a criatividade para as obras.

O Dicionário de Gêneros Textuais, de Sérgio Roberto Costa (2008), com base nos famosos estudos de Mikhail Bakhtin (1953/1973), assinala três dimensões essenciais para a definição de gêneros. A primeira refere-se ao conteúdo, que segundo o autor, é expresso pelo gênero, e não por um conjunto de frases e orações. Na segunda, expõe que todo gênero é composto por uma estrutura ou forma específica de texto, como o narrativo e o descritivo. Por fim, aponta que os gêneros têm configurações específicas e estilos de linguagem próprios.

Marcuschi (2005) também utiliza os estudos de Bakhtin para afirmar que os gêneros não se definem por características linguísticas, embora sejam eventos linguísticos. Nesse sentido, se apresentam como atividades sócio-discursivas e como fenômenos históricos e moldáveis culturalmente, sendo esses os motivos de não se ter uma lista fechada de todos os gêneros existentes. “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”

(MARCUSCHI, 2005, p. 29). Entretanto, a visão tradicional evidenciou o gênero como produtor de sentido para textos, supondo que seriam estruturas estáticas.

Em desacordo com essa versão, Alves Filho (2011) compara os gêneros aos seres humanos, pois assim como os indivíduos, caracterizam-se pela mutabilidade, variabilidade, dinamicidade, e até mesmo, contrariedade e irregularidade. Nesse sentido, também aponta que duas forças opostas marcam a compreensão de gêneros: uma que regula, estabiliza e normatiza, a centrípeta; enquanto outra desestabiliza e relativiza, a centrífuga. Conceitos, que, aliás, provêm dos estudos de Bakhtin, que em suas obras também reflete a força da língua.

Os gêneros passaram a ser reconhecidos como formas de organização da comunicação humana e de expressar diversos significados, tornando-se assim, maleáveis e adeptos às situações. Nesse sentido, são variáveis conforme o tempo e a necessidade de comunicação, não sendo apenas modelos estáticos dispostos para serem seguidos. Por isso, os diferentes tipos de textos podem se adaptar a diferentes tipos de gêneros, dependendo apenas do propósito comunicativo e do contexto utilizado. O gênero deve estimular o desenvolvimento da habilidade de manipular a forma e o conteúdo.

A forma precisa ser vista como funcional, como tendo uma finalidade, uma razão de ser ou produzindo certo efeito de sentido. E, em contrapartida, o conteúdo precisa ser visto como algo semiótico, já que as ideias somente são veiculadas e mesmo pensadas através de signos. Ou seja, as ideias não são coisas puramente psicológicas ou cognitivas: elas se materializam através de sons, de palavras, e estruturas, razão pela qual as ideias dependem da forma (ALVES FILHO, 2011, p. 29).

Conceição Aparecida Kindermann (2003) relata que os estudos relacionados aos gêneros são recentes, pois no campo da Linguística, o objeto de pesquisa sempre esteve centrado apenas na língua, ignorando outros elementos textuais. É a partir da década de 1960 que os olhares se voltam para outros mecanismos de linguagem e incluindo novos elementos, como os gêneros. Assim, teóricos começaram a abordar estudos sobre a linguística textual, inserindo a tipologização como gênero, descrevendo critérios internos da língua e categorias de textos. A autora ressalta que

atualmente há várias abordagens teóricas que, inclusive, incluem critérios externos à língua, identificando novas identidades textuais.

No campo do jornalismo, Kindermann recorre aos estudos de Bonini (2001) para abordar a organização do jornal e de gêneros. Insere a pesquisa do autor para dizer que o assunto é pouco desenvolvido, não contendo respostas concretas sobre o que seria um gênero jornalístico e como ele se constitui. Partindo do processo de textualização do jornal, Bonini apresenta alguns apontamentos sobre o tema, como a origem de um gênero por meio da informação; teorias insuficientes que não possibilitam o levantamento de critérios sobre gêneros e suas funções no jornal; e a inexistência de critérios específicos e a dificuldade em visualizar limites em cada categoria.

Desta forma, o autor considera gênero no jornal o “conjunto de parâmetros de textualização que, em função do hipergênero (o jornal), estruturam um propósito, linearizando uma unidade textual identificável como totalidade”. (BONINI, 2001, 12, apud KINDERMANN, 2003, p. 36). Assim, para estruturar um jornal, o autor considera que o gênero deve ser estável e autônomo, atendendo aos propósitos comunicativos, informando, interpretando e opinando, além de estar em acordo com a estrutura do jornal.

O surgimento das classificações de gêneros jornalísticos envolve controvérsias, embora sabe-se que o tema é de origem antiga. Muitos pesquisadores, assim como José Marques de Melo (2010), apontam que no século XVIII, o diretor no jornal *The Daily Courant*, Samuel Buckeley, deu início ao primeiro molde de classificação textual jornalístico. Além de propor uma inovação para época, adotou também o conceito de objetividade no jornalismo, preocupando-se na forma em que o conteúdo era divulgado. Buscando a credibilidade, separou “news” (informação objetiva) de “comments” (opinião; liberdade de expressão), evoluindo o jornalismo existente e reordenando-o. Desta forma, criou-se o paradigma que persiste até hoje, entre opinião e informação.

Outra inserção antiga relacionada a gêneros foi por meio da primeira tese de doutorado em jornalismo, defendida por Tobias Peucer em 1690, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, como aborda Francisco de Assis (2011). O estudo mostra que

já se dominavam alguns aspectos relacionados a estrutura de gêneros, principalmente referentes ao meio informativo.

Os gêneros jornalísticos têm como base a literatura. Ao relatar a diferença entre ambos em seu estudo, Sonia Parrat (2007) afirma que os gêneros jornalísticos tratam de fatos reais, explicando a ocorrência e informando os leitores sobre os principais acontecimentos, enquanto que na literatura há a construção de uma ficção com base em fatos e personagens semelhantes a realidade.

A autora também recorre a Gomis (1991), ao destacar que o jornalismo é uma prática exercida por um conjunto de pessoas que trabalham no processo de produção de conteúdo e, e que por isso, muitas vezes, tem seus textos como anônimos. Caracteriza-se como um trabalho que envolve o preparo de informações, bem como a edição e o ajuste no espaço e tempo. Um processo em que se deve saber o que está dizendo e fazendo, como no caso das notícias, reportagens, crônicas e editoriais.

Parrat ainda define os gêneros jornalísticos como regras de redação jornalística que surgiram a partir da prática profissional relacionadas principalmente aos jornais impressos. Assim como outros autores, afirma que os diferentes tipos de gêneros surgiram conforme as necessidades da sociedade, sendo critérios funcionais, divididos inicialmente como relatos e opiniões, relacionando-se com as fases histórias do jornalismo, alterando-se em cada etapa.

Atualmente, a autora considera os formatos híbridos, de difícil distinção, e os critérios de classificações indefinidos são os principais problemas relacionados ao assunto. Embora faça essa notificação, ressalta que o problema não é novo, sendo um debate que permanece há anos. Mesmo com seus desafios, Parrat afirma que para o jornalista os gêneros são ferramentas importantes, pois auxiliam na produção do texto, atingindo com rapidez e segurança a mensagem na qual pretende-se comunicar. Representam, dessa forma, domínio técnico sobre os diferentes tipos de textos jornalísticos. Portanto, em sua visão, os gêneros se constituem como uma ferramenta que auxilia o aluno a aprender e diferenciar informações de opiniões.

Embora os autores já citados tenham feito suas contribuições ao tema, o reconhecimento de pioneiro nos estudos contemporâneos sobre gêneros jornalísticos é de Jacques Kayser, responsável pela análise de jornais franceses que denominou

três grandes grupos de gêneros no primeiro estudo, em 1950: informações, artigos de opinião, e a associação de opinião e informação. Seu estudo difundiu-se em vários países, sendo também reconhecido como o primeiro autor a utilizar o termo de “Gêneros Jornalísticos”. A pesquisa chegou a ser publicada em um livro póstumo, em 1963, com o nome “El Periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada (PARRAT, 2008, apud ASSIS, 2011).

Lailton Alves da Costa (2010) também aponta Kayser como pioneiro na área. Além disso, relata que seus estudos se baseavam na produção e no consumo, por meio da expressão linguística. Em suas publicações, Costa também se dispõe a definir uma conceituação sobre o assunto.

Identificamos gênero jornalístico como um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informação por meio de uma mídia/suporte (COSTA, 2010, p. 47).

Os gêneros jornalísticos foram oficialmente classificados a partir da década de 1960, quando muitos autores e professores de comunicação propuseram diversas orientações para guiar profissionais na geração de informação. No Brasil, o jornalismo se originou a partir de modelos europeus e norte-americanos. As primeiras aparições de classificações de gêneros surgem nas obras do pioneiro das ciências da comunicação, Luiz Beltrão, em uma trilogia: a imprensa em informativa (1969), jornalismo interpretativo (1976); e jornalismo opinativo (1980). A definição do autor tem como base a função e a finalidade do texto.

Para Lailton Costa (2007) a trilogia definida carecia de detalhes. O autor diz que na visão de Beltrão, os formatos eram definidos de acordo com a função determinada para cada. Preocupava-se com a forma didática, caracterizando os tipos de gêneros presentes em jornais impressos, mas não indicava a estrutura ou possível composição para cada um. Beltrão relata que o jornalismo tem três funções essenciais: informar, orientar e divertir.

Muitos autores discutiram sobre o assunto ou deram continuidade às obras já existentes, como José Marques de Melo, jornalista, professor universitário, pesquisador científico e consultor acadêmico. Iniciou a carreira acadêmica como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco (Recife), sendo reconhecido atualmente por seus estudos, principalmente relacionados aos gêneros jornalísticos. Entre suas obras, destaca-se sua tese de livre docência, intitulada inicialmente de “A opinião no jornalismo brasileiro”, defendida em 1985. O estudo também foi editado e publicado em 2003 como livro, assumindo então o título de “Jornalismo opinativo” (CIBERMEMORIAL, 2017). Para o autor, o gênero é

um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MARQUES DE MELO, 2003, p.64).

Inicialmente, o estudioso concentrou-se nos estudos de Beltrão para moldar sua pesquisa, considerando os gêneros informativo e o opinativo, alterando apenas os formatos existentes em cada categoria. Marques de Melo limitou-se apenas a duas modalidades, excluindo assim outras possibilidades de gêneros, “por não encontrarem ancoragem nas práxis jornalísticas observadas no país” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64). Entretanto, o autor afirma que esse modelo é baseado nos princípios funcionais e, ao mesmo tempo, questiona até que ponto os gêneros cumprem com a sua função, como a de informar e opinar.

Ressalta também que, em muitos casos, evidencia-se apenas a principal característica dos gêneros, já que suas fronteiras não são rígidas e nenhum gênero pode ser considerado totalmente puro. Para o autor, os gêneros se modificam conforme a cultura em que estão inseridos. Por fim, conclui que se trata de um recurso profissional que orienta o trabalho do jornalista e a sua relação com o leitor.

Com o avanço de sua pesquisa, Marques de Melo identificou outros gêneros presentes nos impressos, não sendo mais suficiente o modelo que se mantinha. A

partir desta nova obra, caracteriza-se a classificação mais conhecida até então: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Após mais de vinte anos sem abordar tema, o novo estudo do autor apresenta os gêneros a partir das propriedades discursivas de cada mensagem (forma, conteúdo e temática), não se limitando mais com apenas a função de cada meio. Desta forma, pode-se observar as relações socioculturais (como de emissor e receptor), bem como aspectos de natureza político-econômicas (instituições, estado, corporações etc.) que integram o universo jornalístico.

Sendo assim, a pesquisa apresenta a reclassificação de gêneros brasileiros com base em dois núcleos. O primeiro refere-se à intencionalidade dos relatos, inserindo-se duas vertentes: a reprodução do real (saber o que acontece) e a leitura do real (o que se pensa sobre o que acontece). Na segunda, considera a natureza estrutural dos relatos, incluindo a articulação entre os acontecimentos, a expressão linguística e sua consequência de leitura.

Em recente artigo publicado na Revista Brasileira de Ciência da Comunicação, editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), o artigo intitulado “Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório”, de Marques de Melo, em parceria com o pesquisador Francisco Assis, faz a relação das classificações utilizadas no Brasil de forma mais atual. Conforme os autores, embora a questão de gênero aparente ser algo “entendido”, o tema revela-se complexo, gerando o equívoco de que estudar gêneros e seus formatos é o mesmo que avaliar somente as suas particularidades linguísticas e textuais. Isso porque na percepção dos autores o jornalismo não deve ser julgado apenas pela sua mensagem, mas, pelo conjunto de atividades e técnicas que norteiam e que fazem parte da atividade jornalística. Outro problema relatado é que o assunto, geralmente, é abordado somente no âmbito acadêmico e pouco se discute sobre o tema na produção nos manuais de redação dos jornais (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016).

Por serem gêneros jornalísticos, a estrutura dessa modalidade, envolve, automaticamente, os agrupamentos associados, ou seja, os formatos, conforme mencionam Francisco de Assis e José Marques de Melo (2016). Para os estudiosos trata-se de uma forma, utilizada para manifestar conteúdos harmônicos, mas em circunstâncias distintas. É o meio pela qual a mensagem preenche uma função social,

em acordo com a normatização e os padrões textuais para cada formato. Assis (2016) aborda a questão de gêneros como algo intrínseco ao universo da comunicação social, que com suas propriedades, formam grupos de mensagens jornalísticas, cada qual com suas respectivas finalidades. Entretanto, os gêneros não devem ser vistos como tipos de textos que são determinados pela sua composição de palavras e estilos, mas como agrupamentos que refletem múltiplos desempenhos na área de comunicação, e que se articulam conforme o meio determinado. Sendo assim, gênero fica entendido como “a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade” (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 49).

Os gêneros caracterizam-se, então, pelo seu agrupamento de formatos. Assis (2016) completa ao afirmar que os formatos não têm funções isoladas, mas que sempre acompanham o objetivo do grupo que pertencem, ou seja, ao gênero ao qual está subordinado. Nesse sentido, os formatos são modos em que o gênero cumpre a sua função, com características definidas pelo tipo texto, como também por lógicas internas de produção (ASSIS, 2016, p.147).

Erbolato (1991) também relata sobre gêneros, afirmando que em sua concepção, podem ser divididos em quatro grupos: informativo, interpretativo, opinativo e diversional. Isso porque com o Novo Jornalismo, os materiais passaram a aprofundar dados, inserindo análises e complementos, mas sempre identificando três aspectos fundamentais ao divulgar um fato: a informação, a interpretação e a opinião.

Outro autor que também é reconhecido por seus estudos relacionados aos gêneros jornalísticos é Manuel Carlos Chaparro. Sua análise aborda a comparação entre jornais portugueses e brasileiros, apresentando as principais diferenças e semelhanças dos impressos. Além disso, o autor inclui uma proposta classificatória diferente das já existentes, com formatos híbridos, por considerar necessário romper a barreira entre opinião e informação existente na imprensa. Por isso, divide os gêneros em relatos e comentários.

Assim, Beltrão (1980), Marques de Melo (2016), e Manuel Chaparro (2008) constituem as classificações mais conhecidas no âmbito acadêmico e profissional. A comparação entre os estudos pode ser melhor visualizada no quadro a seguir.

Quadro 1 - Classificações mais populares de gêneros jornalísticos no Brasil

Luiz Beltrão	José Marques de Melo	Manuel Carlos Chaparro
1. jornalismo informativo - Notícia - Reportagem - História de interesse humano - Informação pela imagem 2. jornalismo interpretativo - Reportagem em profundidade 3. jornalismo opinativo - Editorial - Artigo - Crônica - Opinião ilustrada - Opinião do leitor	1. jornalismo informativo - Nota - Notícia - Reportagem - Entrevista 2. jornalismo opinativo - Editorial - Comentário - Artigo - Resenha - Coluna - Crônica - Caricatura - Carta 3. Jornalismo interpretativo - Dossiê - Perfil - Enquete - Cronologia 4. Jornalismo utilitário - Indicador - Cotação - Roteiro - Serviço 5. Jornalismo diversional - História de interesse humano - História colorida	1. comentário 1.1 espécies argumentativas - Artigo - Crônica - Cartas - Coluna 1.2 espécies gráfico-artísticas - Caricatura - Charge 2. relato 2.1 espécies narrativas - Reportagem - Notícia - Entrevista - Coluna 2.2 espécies práticas - Roteiros - Indicadores - Agendamentos - Previsão de tempo - Cartas-Consulta - Orientações úteis Crônica: Livre de gêneros.

Fonte: Da autora, com base nos estudos de Beltrão (1980); Marques de Melo (2016); Chaparro (2008).

Muitos autores trataram de estudar a questão, analisando estudos de Marques de Melo, Beltrão ou Chaparro, e também sugerindo novas possibilidades de sobrevivência dos gêneros, ou, até mesmo, questionando certas limitações propostas inicialmente. A conceituação de gênero jornalístico é vista com certa dificuldade não sendo de fácil compreensão.

Para Costa (2010), isso acontece devido à fragmentação da atividade jornalística em decorrência da diversidade de mídias existentes, que ocorre após o advento da internet. Todavia, o autor reconhece que as classificações de gêneros são instrumentos pedagógicos importantes no ensino do jornalismo. Conforme o autor, o uso de gêneros facilita o plano acadêmico e a compreensão do tema entre alunos e

professores. Outro ponto citado, é o fato de gerar um propósito comunicativo, indicando o formato do texto.

Christa Berger e Frederico Tavares (2008) comentam que quando relacionados aos gêneros jornalísticos, o foco tende a permanecer, em muitos casos, no próprio texto, evidenciando o uso social da língua e a produção de sentido para a sociedade. O ensino de gêneros sempre esteve associado à redação, com características e técnicas específicas do jornalismo, e o uso de normas, estilos e práticas determinados. É por isso que, em muitos casos, o assunto é abordado como um modelo de “manual”, com regulação própria para cada gênero e fórmulas que evidenciam a prática e o exercício crítico, resultando em estudos similares aos existentes. As classificações de gêneros estão longe de um consenso, embora o debate inspire novas teorias e práticas.

Para Ana Carolina Temer (2009), os gêneros representam o contrato entre o emissor e o receptor e atendem a padronização de conteúdo nos meios de comunicação de massa, com base nas exigências dos leitores e na organização da própria empresa jornalística. São formas de expressão e que, ao mesmo tempo, tornam a leitura interessante.

Conforme a autora, os gêneros também podem ser entendidos como modelos utilitários, em uma espécie de mediação do texto com o público. Além de todas as questões linguísticas que envolvem os gêneros, os jornais o utilizam como uma espécie de modelo de produto. “O gênero torna-se então um conceito chave, uma vez que é a partir dele que emissor pode agir em função de um quadro semântico – ou um conjunto de possibilidades linguístico-visuais delimitados e previamente conhecidos pelos receptores” (TEMER, 2009, p. 180-181). Assim, o gênero representa uma espécie de “acordo” entre o emissor e o receptor, já que se referem a uma “promessa de conteúdo”.

Outro aspecto abordado por muitos autores, inclusive Temer (2009), é a evolução e transformação dos gêneros com o tempo. Assumindo também não são estruturas fixas, Berger e Tavares (2008) questionam a funcionalidade de um gênero como ferramenta de trabalho, já que são mutáveis. Não raros, surgem constantemente novos gêneros nas mídias, pois atendem a mudanças e adaptações de recepção do

leitor, do mercado e do próprio jornal. Para Marques de Melo e Assis (2016) o surgimento, a consolidação ou o desaparecimento de determinado gênero associa-se com as demandas sociais, os momentos históricos ou os períodos de transformação.

“Os grandes suportes tecnológicos da comunicação por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos” (MARCUSCHI, 2005, p. 20). Atualmente, há uma explosão de gêneros, advindas principalmente de meios eletrônicos, como o rádio, a televisão e a internet. Estão dispostas um conjunto de possibilidades de comunicação, seja oral ou escrita.

3.2.1 Teorias: Fundamentação para as classificações

As discussões sobre gêneros envolvem duas teorias distintas da comunicação de massa. A primeira trata-se da teoria funcionalista que, conforme Assis (2011), surgiu nos Estados Unidos, em uma tentativa diferente dos estudos anteriores, que se voltavam isoladamente para a mídia ou na recepção dos conteúdos midiáticos.

De acordo com Mauro Wolf (2005), a funcionalista objetiva a análise global dos mass media, priorizando observações das funções que exercem na sociedade. O autor destaca quatro pontos fundamentais da lógica reguladora dos fenômenos relacionados ao funcionalismo: “1) conservação do modelo cultural e controle de tensões; 2) adaptação do sistema ao ambiente social; 3) tentativa de atingir objetivos; e 4) integração entre as partes que compõem o sistema” (WOLF, 2005, p. 52).

Assis (2011) considera que a base da teoria funcionalista se encontra no estudo de Harold Lasswell, na obra “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”, de 1987, mas publicada originalmente em 1948. O autor aponta que o estudo busca descrever o ato de comunicação, com o objetivo de responder “Quem? Diz o quê? Em que canal? Com que efeitos?” (LASSWELL, 1987, p. 105, apud ASSIS, 2011, p.220).

Essa estrutura foi proposta pois, até então, as pesquisas existentes eram fragmentadas, incluindo apenas uma dessas questões. O modelo serviu como paradigma para as diferentes tendências de pesquisas e por muitos anos permaneceu

como a verdadeira teoria da comunicação. Cada variável possibilitou uma parte específica da pesquisa, como o estudo os emissores, à análise do conteúdo das mensagens e à análise dos meios. Além disso, análises de audiência e de efeitos também foram inseridas na pesquisa sobre os processos de comunicação de massa.

Ao rever as ideias de Lasswell em 1959, Charles Wright compreende uma nova função ao jornalismo, o lazer. Enquanto que o autor entendia a informação e a persuasão como formas de informar a sociedade e estabelecer reações aos acontecimentos, a função educativa centrava-se na transmissão cultural, por meio de valores e normas sociais. Já o entretenimento, ou seja, a nova inserção, objetiva a distração, sem a preocupação com os efeitos gerados.

A segunda vertente relacionada ao estudo de gêneros, refere-se à teoria crítica, que conforme Assis (2011) tem sua base no marxismo, com criação na Escola de Frankfurt, nome dado ao grupo de pensadores e cientistas da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Devido ao contexto de guerra no país, muitos integrantes do grupo emigraram para os Estados Unidos, quando então os estudos passaram a empreender a cultura de massa.

Nesse período, criou-se a Teoria crítica, principal oposição aos estudos existentes, de tendência positivista. Nesse grupo, um dos principais pesquisadores foi Theodor Adorno (1987), com a obra “Indústria Cultural”. (ASSIS, 2011). Ao relacionar esse conceito com os gêneros jornalísticos, Wolf (2005) afirma que a indústria cultural impõe a subordinação de produtos e padrões estabelecidos, a partir da estereotipização.

os estereótipos são um elemento indispensável para organizar e antecipar as experiências da realidade social que o sujeito cumpre. Eles impedem o caos cognitivo, a desorganização mental, representam, enfim, um instrumento necessário de economia na aprendizagem. Enquanto tais, nenhuma atividade pode ficar sem eles: no entanto, no desenvolvimento histórico da indústria cultural, a função dos estereótipos alterou-se e modificou-se profundamente. A divisão do conteúdo televisivo em diversos gêneros [...] conduziu ao desenvolvimento de formular rígidas, fixas. (WOLF, 2005, p.83)

É com base nessas duas vertentes, a Teoria Funcionalista e a Teoria Crítica, que os estudos de Marques de Melo (2003) apontam que a compreensão dos gêneros

jornalísticos pode ser feita a partir da finalidade dos textos e o estereótipo associado as normas de redação no jornalismo. Além disso, esclarece que os gêneros dependem da intencionalidade e a estrutura do relato, pois implicam, por exemplo, a forma de transmissão de determinado acontecimento, a sua difusão e a função destinada a situação, como informar ou interpretar.

As teorias também são base para os estudos em parceria com Francisco de Assis (2016). Na visão funcionalista, os gêneros são estruturados com base nas funções sociais assimiladas pelos meios de comunicação. Assim, não se restringe a apenas um modo de tratar os acontecimentos. Com a grande demanda, se organizam de forma que as principais necessidades sejam tratadas com conteúdo adequados. Nesse sentido, os conteúdos são moldados por categorias funcionais (como o jornalismo), reproduzidas em classes e organizadas em espécies com características em comum, ou seja, os gêneros e seus formatos.

Entretanto, também apontam que de acordo com a teoria crítica, os gêneros são abordados com base na estereotipação, como já dito anteriormente. O rótulo é um meio de antecipar experiências para os receptores, não incluindo apenas a mensagem em si, mas também formas e características que conferem identidade ao produto midiático. É o que na concepção dos autores, faz com que o público diferencie um telejornal de uma telenovela, por exemplo. A estereotipação também está presente nos atuais manuais de redação, quando dita como o texto deve ser escrito, quais posturas o redator deve adotar e quais são os estilos que mais aproximam o jornal e o leitor.

Ainda visão funcionalista, Marques de Melo e Assis (2016) citam os estudos de Laswell (1987), Wright (1968) e Nixon (1963) para relatar um panorama dos gêneros jornalísticos. Para cada gênero é atribuída uma função, assim sendo: “informativo: vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo e esclarecedor; diversional: distração, lazer; e utilitário: auxílio nas tomadas de decisão do cotidiano (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 49).

Tanto Francisco de Assis (2016), quanto José Marques de Melo mencionam que as diferentes funcionalidades midiáticas da teoria foram resumidas no estudo de McQuail, em 2003, que considerou o estudo de Lasswell, o entretenimento, e

acrescentou o item “mobilização”, com o objetivo de refletir a comunicação de massa relacionada à propaganda política e comercial. Assim, propôs a seguinte relação: Informação; Correlação; Continuidade; Entretenimento; Mobilização.

No item informação, especifica que a mídia providencia os acontecimentos e situações gerais para o mundo, indicando também relações de poder e contribuindo para o progresso e a inovação. Quanto à correlação, refere-se que é possível interpretar significados, socializar valores e construir consensos. Já à continuidade, expressa a cultura dominante, embora atenta às alternativas da contracultura. Além disso, fortalece e preserva valores consensuais. O entretenimento é o meio responsável pela diversão, pelo descanso e pela redução da tensão social. Por fim, a mobilização batalha por objetivos sociais em diferentes esferas, como política e trabalho.

Embora não seja considerada suficiente para tratar das funções da comunicação de massa, e tenham surgido outras propostas para a teoria funcionalista, Wolf (2005) destaca que a mídia sempre se adaptou ao gosto do público e por isso, esse é um processo de funções e disfunções. Assim, os estudos de Merton e Lazarsfeld, mostram adaptações por parte da mídia, como também seus defeitos de comunicação. Para os autores, não era necessário tratar de toda a estrutura do ato de comunicação, mas aprofundar três aspectos: atribuição de status; reforço de normas sociais; e disfunção narcotizante (ASSIS, 2011).

Os gêneros atuam como formas de mecanismos que auxiliam na produção de conteúdo, relacionando-a com as expectativas do público. Assim, esses gêneros caracterizam pela ideia de identidade coletiva, função explícita, a permanência da identidade com o passar dos anos, e estrutura narrativa ordenada de forma sequencial e conforme estereótipos.

4 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Este capítulo contempla as classificações e formatos de gêneros jornalísticos no Brasil. Entre eles, são abordados o informativo, o opinativo, o interpretativo, o diversional e o utilitário, a partir dos estudos de Marques de Melo (2003; 2010). Por meio desse e de outros autores, busca-se esclarecer os diferentes formatos e estruturas dispostas pelos estudiosos do campo da comunicação. Esses dados possibilitam a compreensão de gêneros e auxiliam na análise dos jornais em questão, que será apresentada posteriormente.

4.1 Informativo: a comunicação de forma isenta

Desde o seu início, uma das funções atribuídas ao jornal foi informar a comunidade por meio do relato de fatos. O informativo foi um dos primeiros gêneros a ganhar forma, no século XVII. Foi alvo também, da primeira tese de jornalismo, realizada por Tobias Peucer, em 1690, na qual afirma que exercer o jornalismo é construir a história por meio de acontecimentos relevantes. Nesse período, como aponta Marques Melo (2003), devido à censura, emitir opinião implicava a cobrança de taxas e impostos que não eram suportados, desmotivando seu uso e resultando na produção do informativo. O autor também destaca que tanto a informação como a opinião só se consolidaram com o crescimento da burguesia e a abolição da censura.

Com isso, a bipolarização entre os dois gêneros foi construída historicamente, tendo seus primeiros manifestos no jornalismo inglês e francês.

O primeiro livro da famosa trilogia de Luiz Beltrão, intitulado como “A imprensa informativa: Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário” foi fruto de mais de dez anos de experiência no ensino de jornalismo e mais de vinte e cinco anos dedicados à profissão, sendo publicado em 1969. Nele, Beltrão aponta o nascimento dos gêneros, a começar pelo informativo. Cita que nos jornais modernos, a primeira experiência como empresa jornalística foi informar.

Desta forma, o indivíduo foi capaz de perceber o que acontecia ao seu redor e disseminar esses fatos para o conhecimento das demais pessoas. Para isso, adotou-se um discurso impessoal e objetivo, divulgado pelos veículos de comunicação principalmente por meio de notícias. Por isso, caracteriza a notícia como “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

Como visto anteriormente, a suposta primeira divisão do jornalismo deu-se a partir de *news* e *comments*, no jornal *Dayly Courant*. Com essa estrutura, muitos jornais pelo mundo alteraram a sua forma de fazer jornalismo. Em muitos países a questão política influenciou nessa decisão, a exemplo da imprensa francesa, que optou pela opinião devido a agitação do cenário político na época, diferentemente da inglesa que aderiu a informação devido as limitações e imposições tributárias do governo. Já a imprensa americana transformou a informação em mercadoria, evoluindo as tiragens dos jornais (MARQUES DE MELO, 2003).

Antes disso, como destaca Nelson Traquina (2005), o jornalismo existente caracterizava-se apenas como opinativo, sendo utilizado principalmente como meio de propaganda durante a Primeira Guerra Mundial. Essa prática, com o tempo, despertou desconfiança da sociedade em geral, que já não os jornais com a mesma credibilidade e ética. O impresso passou a ser objeto de descrença e, por isso, foi necessário repensar os métodos adotados pela imprensa. Mais tarde, com a notícia sendo vista de forma mercadológica, também surge o conceito de objetividade no jornalismo.

O desenvolvimento da imprensa necessitava de credibilidade para se manter. Buscando atrair o leitor, o jornal passou a criar parâmetros equilibrados e contato com fontes confiáveis, que fossem testemunhas dos fatos. Assim, optava-se sempre pela objetividade, que passou a ser o bem valioso do jornal, como menciona Luiz Costa Pereira Junior (2010). O texto objetivo foi a estratégia de sobrevivência do impresso, tornando-se um dos pilares da imprensa. É a partir desse novo conceito que o leitor começa a diferenciar o jornalismo informativo do sensacionalista, comum até então.

A objetividade se caracterizou a partir de três elementos fundamentais, como destaca o autor. A primeira característica aborda o tratamento isento de fontes, equilibrando sempre o pró e o contra do acontecimento, assim como também os ângulos da notícia. Além disso, atribui-se tudo a alguém, eliminando a suspeita de interferência do jornalista na produção da notícia. Geralmente, recorre-se ao uso de aspas ao inserir a fala do entrevistado, indicando a fonte que depõe.

A segunda marca da objetividade inclui a impessoalidade dos relatos. O texto não deve indicar o seu autor quando não assinado ou fazer uso de metáforas fortes e escrita em primeira pessoa. O esforço deve centralizar-se na veiculação dos fatos. Por fim, o último aspecto cita a pirâmide invertida como prioridade para textos essencialmente informativos, sem sentimentos, opinião, ou outras tendências. Portanto, é o tipo de redação que prioriza os fatos mais importantes em seu início, desenvolvendo os fatos secundários em ordem decrescente de importância e relevância, caracterizando assim, um conteúdo objetivo. Para Erbolato (1991, p. 67) essa estrutura é definida por um “parágrafo sintético, vivo, leve com que se inicia a notícia, na tentativa de prender a atenção do leitor”, buscando responder quem fez o quê, a quem, quando, onde, como, por que e para quê.

Pereira Junior ainda comenta que embora os itens citados sejam características do texto objetivo, nenhuma delas, de fato, garante um trabalho com objetividade. Isso porque o jornalista pode direcionar o pensamento e interpretação do leitor pelo modo que apresenta a notícia, seja com inserção de fontes, o título de matéria, ou a maneira em que redige o primeiro parágrafo, com as informações mais importantes. Beltrão já explanava sobre o assunto, ao dizer que o lead facilita a busca por informações, além de ter duas finalidades: apresentar os principais dados e estimular a leitura. “Ser objetivo, livre do tratamento mecânico sobre um objeto é tentar entender o sentido dos

fatos [...] tendo o público por horizonte, respeitando o que se verificou, viu, testemunhou” (PEREIRA JÚNIOR, 2010 p. 55).

Ao abordar as características do texto informativo, Laiton Costa (2010), com base em Nilson Lage (2001), afirma que a produção deve ter como base a realidade. Portanto, as narrativas deveriam ser compostas pela imparcialidade, veracidade e objetividade. Porém, escrever também é um processo de escolha e eliminação de materiais, excluindo infinitas possibilidades devido ao foco do redator.

Entretanto, o conceito de objetividade é visto como polêmico entre os estudiosos, sendo considerada uma prática inviável. O termo relaciona-se com a Teoria do espelho, na qual assume que o jornalismo transmite exatamente a realidade, como um espelho da sociedade. Desta forma, os acontecimentos são refletidos nas publicações jornalísticas.

Nesse caso, há uma contradição, já que como gênero informativo, não se interfere no relato dos fatos, mas, ao mesmo tempo, o jornalista seleciona fragmentos do que será noticiado, seguindo padrões da imprensa, e dando espaço à subjetividade. Embora seja ponto de divergências, a ideia de sempre relatar a verdade permaneceu no jornalismo. Apenas após a década de 1950 o texto escrito em pirâmide invertida começa a ser revisto, devido a novas demandas e tecnologias. Há a tendência em deixar esse estilo e explorar novos meios de produção textual jornalística.

Para que o gênero cumpra a sua função, a conduta do jornalista também é colocada em pauta. Conforme Luiz Beltrão (1969), o profissional tem o dever de atingir o máximo de imparcialidade possível, já que não deve participar do acontecimento, apenas relatá-lo. Os fatos, nestes casos, devem ser considerados como invioláveis e inalteráveis. O autor ainda comenta que a formação de opinião deve ser do próprio leitor, e não em um conjunto de informações moldadas que são disponibilizados através da imprensa.

Buscando a isenção dos fatos, os jornais buscam dar voz aos envolvidos no acontecimento, para que todos exponham seu ponto de vista, evitando defender ou acusar um lado. Por isso, Alves Filho (2011), afirma que é comum o uso de vários depoimentos e citações, por mais que a opinião seja contrária a tudo que o repórter já

tenha ouvido. Isso faz com que o jornal transmita o fato sem privilegiar ninguém, sendo desta forma, isento.

Embora a notícia seja a forma mais conhecida do meio informativo, há outros formatos que também são utilizados com frequência. Entre eles, Beltrão (1980) classifica os formatos deste gênero, como *notícia*, *reportagem*, *história de interesse humano*, e *informação pela imagem*. Marques de Melo (2003) utiliza uma classificação diferente para o informativo, incluindo detalhes.

Quadro 2 - Formatos do Gênero Informativo

FORMATO	DESCRIÇÃO
Nota	Relato do que pode ser notícia
Notícia	Descrição integral do acontecimento de forma objetiva e privilegiando o famoso lead
Reportagem	Ampliação de um fato impactante
Entrevista	Depoimento de um ou mais protagonistas

Fonte: Da autora, com base em Marques de Melo (2003).

Conforme Alves filho (2011), a notícia é o formato no qual as pessoas têm mais acesso, pois está presente em todos os meios de comunicação e é divulgada, de certa forma, involuntariamente por todos que a comentam e a repassam para demais pessoas. Embora tenha esse processo de comunicação, a notícia não é gratuita. É vendida como um produto de consumo para aqueles que adquirem jornais, revistas, entre outros, seja diretamente ou indiretamente.

Com base nos estudos de Van Dijk (1988), o autor afirma que produzir a notícia requer informações recentes e relevantes, limitando ou filtrando aquilo que pode ser informação para o jornal ou não. Assim, cita que as notícias são lançadas por inúmeros meios de comunicação e atingem diversos públicos. Sua redação varia

conforme o alvo e segmentação e, por isso, não há como definir uma regularidade na forma e na produção de notícias.

Ainda conforme os estudos de Van Dijk (1988), Alves Filho relata que a produção de notícias segue algumas estratégias que visam enfatizar a veracidade dos fatos relatados. A primeira tática refere-se a ênfase na natureza factual dos eventos, utilizando descrições diretas, testemunhas oculares, fontes confiáveis, e outros sinais que possam acrescentar exatidão à notícia, como números, datas e horários. A segunda estratégia envolve a construção de uma forte relação com os fatos, inserindo modelos que os tornem familiares mesmo quanto trata-se de algo inédito, organizando, assim, os fatos em estruturas já conhecidas, como as narrativas.

Ao abordar a estrutura informativa em seu estudo, Kindermann (2003) afirma que a notícia é a matéria-prima do jornalismo, pois após a sua veiculação e divulgação, pode ser comentada, interpretada e pesquisada. Por isso, toda notícia tem o dever de ser recente, verdadeira, objetiva, sintética e focalizada de forma correta. A autora também busca conceitos relacionados ao jornalismo nos principais manuais de redação dos jornais. No guia de redação e estilo de O Estado de São Paulo, a reportagem é definida como parte essencial de um jornal, caracterizada pela extensão e profundidade de dados, enquanto que na notícia, descreve-se apenas seus efeitos e consequências, se necessário. A reportagem parte sempre de uma notícia, abordando as origens, razões e efeitos dos fatos. Já na notícia, isso não ocorre. Apenas abre-se um suíte para o desenvolvimento de notícias nos dias seguintes.

Outro manual conferido pela autora, da Folha de São Paulo, define a notícia como o registro dos fatos em deve-se ser totalmente informativo, sem abordar opiniões. Tem a exatidão como elemento essencial da informação. Já a reportagem apresenta diversos conceitos, entre eles, o produto fundamental da atividade jornalística, sendo uma espécie de notícia ampliada. Cabe ao jornalista definir e analisar o que pode ser reportagem ou não, mas quando feito, sempre contando com a descrição e a opinião de especialistas.

Como dito anteriormente, é notícia aquilo que for recente e relevante. Porém, após o crescimento da internet e de portais exclusivos para meios jornalísticos, a validade do que pode ser publicado foi reduzida. Atualizações minuto a minuto fazem

com um fato se torne algo velho rapidamente. O público do ambiente digital também cresceu relativamente, e isso faz com que não se tenha interesse em ler em jornais e revistas, aquilo que já foi visto anteriormente na internet.

A notícia também se caracteriza pelas suas funções sociais retóricas, que podem ser explícitas e implícitas. No modo explícito, a empresa jornalística tem como objetivo transmitir informações às pessoas, que buscam estar atualizadas sobre os últimos acontecimentos. Entretanto, implicitamente, pode-se ter outros objetivos, como vender determinado produto, promover crenças e valores, ou induzir comportamentos (ALVES FILHO, 2011).

Para Nilson Lage (2005b) a notícia, muitas vezes, é vista como sinônimo de informação jornalística. Entretanto, o autor ressalta a diferença entre os dois termos. Enquanto a notícia é associada ao ineditismo, a atualidade e ao relevante, a informação pode ser qualquer fato que gere interesse ou não. Ao mesmo tempo, a notícia independe da intencionalidade do jornalista, diferente da informação, que já decorre de uma intenção.

Em outra obra, do mesmo ano, Lage (2005a) afirma que o objetivo da notícia não está exclusivamente na narração dos acontecimentos, mas na exposição deles. Por isso, relata que, geralmente, o processo de produção de notícias envolve três fases. A primeira refere-se à seleção do que será noticiado, descartando o inútil. O segundo passo ordena e organiza os eventos selecionados. Por fim, ocorre a nomeação, momento em que é definido o modo como será relatado determinado acontecimento, como a escolha de palavras para determinado contexto.

Sendo construção retórica referencial, a notícia trata das aparências do mundo. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é a notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui, nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro (LAGE, 2005a, p. 25).

Outro meio de consumo de informações que pertence a esse gênero é a reportagem. O formato, embora já conhecido pelos leitores, teve seu desenvolvimento

de forma tardia na história do jornalismo impresso, como visto no capítulo anterior. No século XVII, como destaca Nilson Lage (2005b), o jornalismo era utilizado apenas para a exaltação do Estado e da fé. A reportagem, apenas muito tempo depois, foi um meio inserido para a utilização de uma linguagem diferenciada, aproximando-se de grandes autores literários, sendo o padrão que se buscava imitar.

Nesse sentido, a reportagem trouxe conteúdo novo ao jornal, despertando o interesse do leitor, que não estava mais satisfeito apenas com opiniões e notícias simplificadas. A reportagem torna-se um instrumento para o repórter, que como profissional da imprensa, descobre a importância de bons títulos, anúncios, furos e fatos interessantes. Nesse período havia a percepção de que o jornal que publicasse primeiro um acontecimento era, conseqüentemente, o mais completo e atualizado, sendo também o mais lido e acompanhado pela população. Ao mesmo tempo em que se buscavam novidades que pudessem ser publicadas, a reportagem tornou-se um meio discernir questões públicas das privadas, interesse público e pessoal, assim como questões de sigilo e ética (LAGE, 2005b).

Beltrão (1969) esclarece que o formato não deixa de ser uma notícia, mas que a distinção está na dinâmica da informação. Isso porque o processo de busca de informações se difere entre os meios. Enquanto que a notícia chega à redação, na reportagem é o jornalista que procura meios de reportar a informação, com testemunhas e fontes. Ao mesmo tempo, a notícia geralmente refere-se a algo que ocorreu ou que tenha essa possibilidade, enquanto que a reportagem, na sua concepção, restringe-se sobre o que já aconteceu ou está acontecendo no momento. Por fim, define a reportagem como “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (BELTRÃO, 1969, p.195).

Atualmente, as reportagens são produzidas a partir de fatos geradores de interesse, com base na perspectiva editorial do jornal. Na visão do Lage (2005b) não é apenas o acompanhamento de um assunto, mas o seu desdobramento, suas implicações e antecedentes, que exigem também a investigação e interpretação dos acontecimentos. Entretanto, sua estrutura não é tão rígida quanto à notícia, pois permite dispor as informações conforme a situação, podendo narrar uma história,

como um fragmento de um conto, variando o estilo conforme o veículo de comunicação e o assunto tratado.

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. No restante, os sistemas de captação de notícias mantêm contato permanente com os setores que registram primeiro acontecimentos de interesse público (LAGE, 2005a, p. 47).

A reportagem factual objetiva relatar um fato, incluindo declarações, entrevistas e dados estatísticos. É um texto descritivo e representa a maior parte dos materiais apresentados nos jornais. Esse tipo de reportagem também envolve outro recurso para manter-se atualizada. As suítes trazem novidades sobre o acontecimento e relembram o fato, com consequências, desdobramentos, descobertas e repercussão pública.

Diferentemente da factual, a especial requer um tratamento específico, com redação elaborada, e texto longo. Deve relatar com profundidade um assunto específico, que seja relevante e atemporal. Exige boas fontes e esforço do repórter na construção do texto, prendendo a atenção do leitor até o fim.

Os autores Dad Squarisi e Arlete Salvador (2008) também discutem sobre os gêneros do jornalismo no livro “A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto”. Abordam que na notícia há geralmente a composição de pirâmide invertida, associado ao relato fiel dos fatos. Já a reportagem pode abordar diferentes faces de um mesmo assunto. Ainda sobre a reportagem, citam três formas mais utilizadas: factual, especial ou em série.

A entrevista tem termo ambíguo e, por isso, Nilson Lage (2005b) faz a distinção. Geralmente, o termo refere-se a técnica utilizada para a apuração de informações, visando a coleta de dados e depoimentos de fontes. Entretanto, pode também, indicar a matéria publicada com as informações apuradas, ou seja, a própria entrevista. No jornal impresso, o formato também pode aparecer com notícia, em que se abordam as proposições mais relevantes das respostas adquiridas ou, então, no formato de perguntas e respostas.

Quanto a forma em que é realizada, o autor afirma que há alguns formatos comuns, como a entrevista ritual, temática, testemunhal, em profundidade, ocasional, e quanto ao período de ocorrência pode ser ocasionais, de confronto, coletiva e dialogal.

A entrevista de ritual é breve e expõe o entrevistado muito mais do que a sua fala, enquanto que a temática aborda um tema, com a presença de um participante capacitado para discorrer sobre o assunto, facilitando a compreensão. A testemunhal aborda a participação do entrevistado em algo que ele presenciou, reconstruindo com base na visão particular o acontecimento. Já na entrevista em profundidade, o foco está no entrevistado e a sua representação para a sociedade: atividades que desenvolve ou aspectos de sua vida (LAGE, 2005b).

Quanto às circunstâncias de realização, a ocasional caracteriza-se por não ser programada e combinada previamente. Já a de confronto, envolvem acusações e contra argumentação, geralmente, pois o jornalista assume o papel de inquisidor. Na coletiva, os entrevistados respondem a vários repórteres, de diferentes veículos de comunicação. É utilizada quando há interesse geral em determinado assunto ou evento interessante. Por fim, a dialogal é a entrevista por excelência, que exige agendamento e local adequado para estabelecer um tom de conversa entre o repórter o entrevistado, que tem a liberdade para aprofundar temas e detalhar pontos abordados.

Ao se referir à entrevista, Cremilda Medina (2001) afirma que é um meio de servir à pluralização de vozes e democratizar a distribuição da informação, quebrando isolamentos grupais, individuais ou sociais por meio dessa técnica. Na maioria dos casos, é utilizada como ferramenta apenas para fontes oficiais, de poder. Além disso, cita que são perceptíveis dois grupos quando se refere a entrevista: a espetacularização do ser humano e a compreensão do indivíduo. Entretanto, a entrevista não deixa de ser uma possibilidade de diálogo democrático, conforme a autora.

Sobre os formatos de gêneros apresentados, Marques de Melo (2003) ainda comenta que a principal diferença está em como o público tem acesso a esses meios. Reconhece que a nota é mais frequente em ambientes mais instantâneos, como o

rádio e de que a reportagem possibilita o contato com a coletividade. Em muitos casos, a nota é uma preparação daquilo que poderá ser notícia, ou seja, o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 66).

Já a história de interesse humano, citada anteriormente, é utilizada apenas mais tarde por Marques de Melo, em uma tentativa de adicionar novos gêneros aos que já eram classificados. O informativo, embora tenha suas contradições, foi apenas a base para o início da discussão de gêneros. Portanto, o informativo caracteriza-se como uma das primeiras atribuições do jornalismo, que aos poucos, teve seu uso aprimorado a partir da profissionalização em impressos. No âmbito acadêmico, Luiz Beltão foi pioneiro ao redigir sobre gêneros, mesmo que ainda não utilizasse essa nomenclatura. Seus estudos inspiraram José Marques de Melo, principal autor de gêneros da atualidade.

4.2 Opinitivo: a propagação de ideias

Separar opinião e informação no jornalismo continua sendo tema de debate na atualidade. Embora o jornalista não deva interferir na notícia quando se trata de informação, a opinião pode aparecer até mesmo de forma não intencional, com a escolha de determinadas palavras, que podem sugerir uma ideia ou insinuar algo que não era previsto. Marques de Melo (2003, p.75), afirma que quando se trata de opinião em meios jornalísticos, as empresas “se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que controlam e refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias que existem” (MARQUES DE MELO, 2003, p.75).

Sendo assim, a seleção, filtragem, omissão, e redução de incidências relaciona-se com esse processo. Entram também nessa discussão, os temas escolhidos pela redação, a angulação da pauta, e as fontes consultadas. O autor considera que o processo opinativo também engloba a estruturação e disposição gráfica de notícias, projeção das mensagens, escolhas de determinadas fotografias ou títulos para matérias, entre outros.

Sonia Parrat (2007) afirma que o jornal possui duas funções essenciais, sendo elas, o relato dos eventos e a análise desses fatos. Embora pareçam tarefas simples, a autora lembra que o impresso deve ser capaz de demonstrar ideias, por meio de páginas dedicadas à opinião. A imprensa foi o primeiro meio em que os cidadãos puderam expor suas idealizações para além da comunidade em que estavam inseridos. Essa inserção caracterizou-se como a opinião pessoal do participante, geralmente relatando fatos políticos ou religiosos. Por isso, os impressos foram reconhecidos, por muito tempo, como veículos de expressão. Quando os responsáveis pela imprensa exigiam liberdade para seus jornais, lutavam pelo direito de defender uma ideia ou causa, e não, necessariamente pelo jornalismo informativo.

De forma geral, o gênero opinativo é proposto por todos os autores que fomentam a discussão do assunto. Como visto anteriormente, o jornalismo nasce atrelado à opinião. Inicialmente, era associado às folhas volantes, impressos avulsos e opinativos distribuídos à população. Mais tarde, os argumentos divulgados ainda pertenciam apenas a uma pessoa, mas começavam a se profissionalizar. É o caso do primeiro jornal, o Correio Braziliense, que em suas páginas, apresentava a opinião do seu redator, Hipólito da Costa. Nilson Lage (2005b) destaca que, nesse período, o jornalista assumia o papel de publicista, ao divulgar orientações e interpretações políticas, ou até mesmo, fatos de interesse da população. Entretanto, o valor era atribuído à opinião, em uma espécie de editorial, já que muitos dos jornais eram produzidos apenas por uma pessoa.

Embora muito se discuta sobre opiniões expostas nos meios de comunicação, Beltrão afirma que os jornais devem exercitar o gênero, pois valoriza a atividade profissional e orienta o leitor.

Opinar, para o jornalista, não é apenas um direito, mas um dever, pois o ofício, está entre eles, incluído entre os fazem profissão de opinar. Ainda mais: é a sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição (BELTRÃO, 1980, p. 18).

Ainda que expressem diferentes perspectivas de diversos públicos, a opinião nos jornais também contribui para que o leitor seja capaz de formar seus próprios argumentos sobre determinado assunto. A opinião é uma “função psicológica pela

qual o ser humano, informado de ideias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito seu juízo” (BELTRÃO, 1980, p. 14). Marques de Melo (2003) também atribui importância a categoria, afirmando que o leitor deseja, por meio da informação, ler a realidade dos fatos, mas que é por meio da opinião, que a população tem conhecimento sobre o que as demais pessoas pensam sobre o mesmo assunto, ou seja, a análise e avaliação sobre os acontecimentos recentes.

Beltrão (1980), já classificava o gênero nos formatos de editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, e opinião do leitor. Marques de Melo (2003) também usou como base essa classificação, e ainda incluiu o comentário, a resenha, a coluna e a caricatura. O escritor exemplifica que a classificação é composta pelo editorial, meio em que é expressa a opinião da empresa; o comentário, em que se explicam as circunstâncias e consequências de um acontecimento; o artigo, com ideias e opiniões, seja de jornalistas ou cidadãos; a resenha, texto com função utilitária, a coluna, intercalando opinião e informação; a crônica, como um relato mais poético; a caricatura, ilustração humorística; e a carta, meio pelo qual os cidadãos podem demonstrar suas ideias.

Sobre os formatos opinativos, os autores Squarisi e Salvador (2008) comentam que a tendência é ocuparem cada vez mais espaços nos jornais. No entanto, para um material de qualidade, é necessário estar bem informado, mostrando, muitas vezes, diferentes pontos de vista para que o leitor tire sua própria conclusão.

Os autores também acrescentam que o editorial objetiva demonstrar a opinião da empresa jornalística. Defendem interesses, fazem críticas quando necessário, e cobram providências. Requer boa redação, pois é o meio em que se posicionam perante os leitores e a sociedade. Por isso, é geralmente redigido por editorialistas dedicados a essa função. Já nos artigos e colunas são apresentadas a opinião de quem assina o texto. Pode, em alguns casos, incluir um box com informações sobre o autor, com o objetivo de dar credibilidade às ideias apresentadas.

Outro item, a carta do leitor, teve seu formato potencializado nos últimos anos, a partir da propagação da Internet. “Trata-se de um gênero que serve para a discussão de questões relevantes da sociedade, mas também se presta como uma ferramenta de comunicação para as pessoas exigirem seus direitos” (ALVES FILHO, 2011, p.

128,129). Com os meios digitais, o papel que era destinado às empresas jornalísticas, cedeu espaço aos correios eletrônicos, que recebem conteúdo diariamente, fazendo com que o leitor também participe do processo de comunicação e, ao mesmo tempo, interaja, por comentários ou sugestão de pautas.

A carta também envolve propósitos comunicativos, tanto por parte do leitor, quanto do jornal. Para o leitor, é válido recorrer ao periódico para expor um ponto de vista, utilizando-o como porta-voz diante do poder público. Além disso, é um meio de participar de discussões sobre temas da atualidade e, até mesmo, fiscalizar as publicações dos jornais, refletindo sobre o papel da imprensa. No âmbito da empresa jornalística é viável o uso da carta para manter contato com os leitores, interagindo com os mesmos, a fim de manter a fidelidade do público (ALVES FILHO, 2011).

A carta de leitor é um gênero de natureza eminentemente opinativa, portanto nela, o leitor precisa expressar sua apreciação crítica acerca de acontecimentos reais e de ideias presentes em outros textos. Para isso, é fundamental que o leitor faça a sua crítica de modo mais ético, respeitoso e seguindo as exigências legais específicas (não usar palavrão, não ferir a individualidade das pessoas, apreciar os fatos e os argumentos e não as pessoas) (ALVES FILHO, 2011, p. 142).

Desta forma, o gênero opinativo é definido “por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e o ângulo (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)”, como destaca Marques de Melo (2003, p. 65). O autor também declara que a opinião, geralmente difunde-se daquilo que anteriormente já foi notícia, sendo uma espécie de reação daquilo que se ouve ou se lê.

Acrescenta que em ambientes comunicacionais a opinião pode ocorrer em quatro níveis, sendo por parte dos jornalistas, de colaboradores, dos leitores e a própria empresa. O núcleo da empresa é responsável pelo editorial, meio em que se “expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 104). Já para o núcleo do jornalista, o autor afirma que a produção de comentários, resenhas, coluna, crônica, caricatura e, por vezes, o artigo, fazem parte das funções do profissional.

O comentário pode ter sua estrutura dividida, sendo uma parte dedicada a síntese do fato, explicando seu significado e outra ao desenvolvimento da argumentação em torno do acontecimento, julgando-o. Já em relação a resenha, relata-se que o meio ganhou popularidade a partir de apreciações de produtos culturais, tendo como objetivo orientar a ação de consumidores. A crônica marca a união entre jornalismo e literatura, relatando acontecimentos reais, de forma poética e com narração literária.

Ainda sobre a crônica, Parrat (2007) descreve que o estilo começou a ser desenvolvido quando os jornais passaram a ganhar periodicidade. O redator, também reconhecido como cronista, adapta seu trabalho em uma escrita sistemática e mais narrativa, passando a ser identificado como um jornalista.

A caricatura expõe um fato de forma satírica ou humorística, considerada como “a forma expressão artística através do desenho que tem por fim o humor” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 167). Nesse mesmo sentido, o autor caracteriza a caricatura como um retrato exagerado do humano e a charge como uma crítica que pode ser combinada com textos e outras imagens. Esses dois últimos, possibilitam a representação do real, como uma forma de crítica ou de expor momentos do cotidiano.

Quanto ao artigo, destaca que pode ser produzido por um especialista, seja jornalista ou colaborador, podendo ser uma solicitação da empresa ou uma colaboração. “O artigo confere liberdade completa ao seu autor. Trata-se de uma liberdade em relação ao tema, ao juízo de valor emitido, e também em relação ao modo de expressão verbal” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 125).

O último núcleo para Marques de Melo é o leitor, que tem a possibilidade de manifestar a sua opinião por meio do envio de cartas ao jornal, expondo pontos de vista, emoções ou críticas. É divulgada em espaço destinado para tal. Atualmente, também é comum que o mesmo seja feito por meio do correio eletrônico e de outras formas de participação na internet.

Beltrão (1980) afirma que a opinião editorial pode ser moderada, para que haja um equilíbrio entre a missão pública e mercantil da empresa jornalística, sem atribuir prejuízos. A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha do jornal, enquanto que para o jornalista, a opinião decorre daquilo que está em foco no dia a

dia, do que é assunto em suas ou demais matérias. O leitor também pode se manifestar, por meio de entrevistas, pronunciamentos e em cartas direcionadas à redação.

Apesar de ter o direito e dever de expressar opinião, o jornalista não pode exercer essa atividade quando bem quiser, como destaca Beltrão (1980). Como dito anteriormente, a opinião pública se molda pelos meios de comunicação, e por isso, qualquer ponto de vista argumentativo, com ideias e opiniões, deve ser manifestado em locais próprios do jornal. Ou seja, deve ser perceptível ao leitor a diferença entre a informação e opinião, para que ambos os gêneros cumpram com suas funções.

4.3 Interpretativo: várias faces de um fato

Após muito tempo, os gêneros informativo e opinativo já estavam, de certa forma, esgotados. Foi necessário readequar o conteúdo e a forma na qual era distribuído. Para dar conta disto, novos gêneros surgiram, sendo o primeiro deles o interpretativo.

Os autores Berger e Tavares (2008) apontam o início do jornalismo interpretativo após a Segunda Guerra Mundial, caracterizada pela imprensa noticiosa, elaborada e em profundidade. Nesse período, o impresso já competia espaço com outros meios eletrônicos que surgiram e se desenvolveram rapidamente. Surgem novas formas de linguagem, de difusão de conteúdo e de contato com o público, marcado essencialmente pela rapidez da transmissão de informação. Assim, os textos além de informativos, favoreciam a explicação e interpretação dos fatos.

Muitos autores citam Alberto Dines como o profissional responsável por inserir o jornalismo interpretativo nos impressos do Brasil. Mário Erbolato (1991, p. 27) menciona que Dines viu a necessidade do jornalismo interpretativo, analítico e avaliador diante do surgimento da televisão, fazendo com o jornal procurasse novos meios de atender e satisfazer as necessidades do leitor. Por isso, as reportagens passaram a ser um complemento daquilo que já havia sido comunicado no rádio e na

televisão. A pesquisa, em fontes de bibliotecas e arquivos de jornais ganha destaque, movimentando equipes de repórteres em busca da informação.

O surgimento do novo gênero representou para o jornalista mais possibilidades de comunicar os fatos. Sonia Parrat cita alguns motivos que levaram a desenvolver essa nova modalidade, entre eles, o interesse da mídia em atrair audiência e em recuperar o leitor, atendendo aos seus interesses.

Os gêneros como o interpretativo continuam a ser indispensáveis para os cidadãos de países democráticos, pois além de conhecer os fatos, temos brevemente acesso a uma informação mais ampla, mais profunda e detalhada. Talvez o estilo de vida em que estamos imersos seja difícil manter o interesse pela leitura, mas para que os cidadãos saibam o que está acontecendo ao seu redor e também entender que o mundo que vivem está cada vez mais complexo, não são suficientes textos breves e estritamente informativos (PARRAT, 2007, p.74).

Ao dedicar-se aos estudos em jornalismo, Beltrão especificou uma de suas obras para o jornalismo interpretativo, publicado em livro de mesmo nome. Ao explanar sobre o assunto, o autor esclarece que embora informar seja visto como o primeiro objetivo da prática jornalística, essa acaba não sendo a única meta relacionada à comunicação. Enquanto imprensa, também tem o dever de publicar os fatos, examinando-os, propondo soluções, estabelecendo e fundamentando ensinamentos a partir do acontecimento. Desta forma, o jornalista precisa interpretar e organizar os fatos, na medida em que eles acontecem, atendendo a periodicidade de informações, além de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública. Trata-se de “análise preliminar de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica para divulgar a matéria” (BELTRÃO, 1976, p. 47).

Beltrão ainda diz que na forma interpretativa são oferecidos ao leitor diferentes visões da situação, incluindo históricos, depoimentos, dados estatísticos, fotografias e ilustrações, finalizando o trabalho como a informação em sua integridade. Enquanto que o autor trata o gênero interpretativo com base na reportagem em profundidade, seu sucessor, Marques de Melo, considera a reportagem como formato essencialmente informativo.

Para Beltrão (1976), “a interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos [...] e ideias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos” (1976, p. 12). O jornalista ainda recorre a Paulo Roberto Leandro e Cremilda Medina, primeiros autores a discutirem a interpretação como gênero no Brasil, para reafirmar que “é realmente o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele” (1976, p. 48). Os pesquisadores ainda sugerem que o provável nascimento desta categoria no Brasil deu-se na década de 1960, a partir da criação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil.

Assim como Beltrão, Laiton Costa e Janine Lucht abordam os autores em seu trabalho conjunto. Destacam que Leandro e Cremilda (1973) relacionaram o jornalismo interpretativo com os estudos de Freud e Nietzsche, identificando como um modo de dar sentido a diferentes forças de um fenômeno, buscando o aprofundamento dos fatos.

Jornalismo interpretativo é realmente o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele - não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo (LEANDRO e MEDINA, 1973, p.16, apud COSTA e LUCHT, 2010, p.110).

Além de conceituar o jornalismo interpretativo, os autores preocuparam-se em diferenciá-lo do opinativo, já se confunde como uma dimensão diferenciada de opinião. Por isso, afirmam que, enquanto a notícia se refere ao “aqui e agora”, a reportagem interpretativa dá sentido ao fato, enriquecendo as linhas de tempo e espaço, reconstituindo o antes e o depois, incluindo a complementação dos fatos, pesquisa histórica de antecedentes, sendo a grande reportagem, a interpretação do fato jornalístico. Assim, caracterizam como elementos do jornalismo interpretativo o aprofundamento de dados, antecedentes, sejam espaciais, temporais ou do fato, a contextualização do assunto e a humanização do tema.

Conceição Kinderman (2003), com foco na análise das reportagens do Jornal do Brasil, traz em sua dissertação a ideia de reportagem interpretativa como ampliação da notícia e de gênero autônomo, identificando quatro diferentes métodos,

sendo eles: a reportagem como aprofundamento de notícia; a reportagem a partir de notícia; reportagem de pesquisa; e reportagem de retrospectiva. Desta forma, o texto apresentaria então, as seguintes características:

a) Fornece pistas para que o autor identifique a reportagem, isto é, mostra ao leitor o conteúdo da reportagem em relação a um determinado campo de interesse; b) introduz o desdobramento do fato, ou seja, de forma breve, mostra ao leitor o foco da reportagem em relação a um fato que já foi noticiado anteriormente; c) apresenta o desdobramento, isto é, a novidade em relação ao que já foi noticiado; d) apresenta eventos relacionados ao fato gerador e apresenta eventos relacionados ao desdobramento (KINDERMAN, 2003, p. 57, 58).

Segundo a estudiosa, esses elementos são inseridos no texto pois espelham as ações humanas de forma temporal e espacialmente e não por ser uma estratégia do autor, já que a estrutura sempre se repete, em busca do aprofundamento do fato conforme a sua ocorrência.

Outro autor que dedica seu trabalho ao tema, em tese defendida na Universidade de São Paulo, é Gerson Moreira Lima. Em sua concepção, o jornalismo interpretativo trata-se de uma categoria que permite mais possibilidades para o jornalista informar a sociedade. Sendo assim, “constitui o caminho mais curto para que o leitor encontre o real significado das informações” diante do cenário atual marcado pelas notícias em tempo real do jornalismo on-line (LIMA, 2002, p. 10).

Para o pesquisador, a interpretação prevalece diante do imediatismo, sendo o meio qualitativo de seleção e tratamento dos assuntos. Assim, esse tipo de jornalismo, deve conduzir o leitor a diversos entendimentos de um mesmo tema, incluindo ou não, analogias consequências, paradoxos ou outras escolhas em que o jornalista pode abordar no texto.

Por isso, identifica a reportagem como único meio presente no jornalismo brasileiro relacionado a interpretação dos fatos. Outra característica citada pelo autor sobre esse gênero refere-se à descrição de fatos como uma etapa imprescindível do texto, embora, na maioria dos casos, a interpretação não

apareça de forma explícita na redação. Entretanto, esclarece esse o processo tem início na escolha de fontes e na ordenação de fatos, caracterizando da seguinte forma: Uso de frases fortes ao início do texto; verbos que declaram explicitamente a opinião do autor; ligações entre frases de raciocínio no texto; verbos hipotéticos; e assinatura do autor (LIMA, 2002).

Ao mesmo tempo, menciona a relação entre jornalismo informativo e interpretativo e que ambos se associam em diferentes tipos de textos, alterando apenas o grau de interpretação de cada informação. Assim, o “gênero interpretativo é o caminho mais curto para que o leitor encontre o real significado das informações” (LIMA, 2002, p. 10). Diante do excesso da informação na atualidade, principalmente diante do desenvolvimento do jornalismo online, a interpretação tem seu valor por apresentar os fatos, “propondo uma ligação entre eles, conduzindo o leitor a vários entendimentos possíveis” (LIMA, 2002, p. 88).

Na perspectiva de Beltrão (1976), o jornalismo interpretativo caracteriza-se pela profundidade de dados, com base na investigação dos acontecimentos, que objetiva apresentar por meio do jornalismo, elementos da realidade, para que o próprio leitor interprete os elementos. Para o autor, nesse processo de interpretação, tanto o emissor como o receptor têm suas respectivas funções. O jornalista é o responsável por investigar, identificar, e difundir a informação em sua integridade, enquanto que o receptor tem o direito de interpretar os dados conforme seu próprio diagnóstico.

Interpretação é um exercício da inteligência e do discernimento de um agente qualificado, com excepcional aptidão para aprender toda a significação do fato para a comunidade, dentro de um critério especial, de um juízo jornalístico que se resume em submeter o interesse particular e transitório para obter a universalidade e considerar, nos fatos, o seu valor permanente (BELTRÃO, 1976 p. 47).

Para Nilson Lage (2005b), a interpretação no jornalismo consiste em informações que destaquem as implicações dos fatos, sendo por isso, obrigatório em coberturas relacionadas a ciência, tecnologia e economia, já que nesses casos, o autor denomina que o interesse não é auto evidente. Em outra obra, relata que o processo de produção das notícias, e os fatos que a compõe já envolvem determinada

interpretação, mas que se deve sempre dar o direito ao leitor de fazer sua própria avaliação do caso. Por fim, define como o “gênero jornalístico que busca organizar os fatos dando-lhes sentido, conforme critérios e métodos de um saber ou ciência” (LAGE, 2005a, p. 58).

Beltrão (1976) reconhecia a importância da interpretação, mas ao identificar como de fato ocorre na imprensa, a determinou apenas como formato de “*reportagem em profundidade*”. Desconsiderado inicialmente, Marques de Melo (2003, p. 30) afirmava que o interpretativo carecia de configuração estrutural, não sendo nítida a sua real função, oscilando apenas entre informação e opinião, “que ainda não adquiriu fisionomia própria no lugar em que existiu”.

O autor chegou a reconhecer que o gênero se desenvolveu por meio da reportagem, de forma analítica e documental, situando o leitor sobre os acontecimentos. No entanto, por muito tempo permaneceu como desnecessário, já que a interpretação era uma consequência daquilo que já era publicado de forma informativa.

Em estudos recentes, não apenas aceita o gênero, como cita sua função de descrever os fatos e define seus formatos em: Dossiê, mosaicos e boxes que facilitam o entendimento da informação; Perfil, sendo o relato bibliográfico de algum protagonista; enquête, sendo a consulta a fontes de forma restrita ou abrangente, abordando quantitativa ou qualitativamente os dados; e Cronologia, sendo a reconstituição de um acontecimento.

Na medida em que informa e orienta, também contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade. Isso se efetiva por intermédio de informações que esclarecem o que está acontecendo e não é percebido claramente pelo público. Os fatos são, portanto, esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao jornalismo interpretativo (MARQUES DE MELO, 2003, p.29).

Costa e Lucht (2010) questionam os formatos adotados por Marques de Melo no gênero interpretativo, pois afirmam que essas características aparecem como complemento, sendo a enquête, por exemplo, suporte para infográficos, tabelas, boxes e outros. Portanto, complementam a informação existente, não exercendo a

autonomia de um gênero. Além disso, a configuração adotada confunde-se com o gênero opinativo, já que visa saber o ponto de vista do público consultado.

Nesse sentido, nasce o jornalismo com base em investigações e dados aprofundados, que oferece informação para que o seu próprio público a interprete e compreenda, contribuindo para a formação de opinião e conhecimento de determinado assunto.

4.4 Diversional e Utilitário: entretenimento e serviço à comunidade

Entre os gêneros mais recentes estão o utilitário e o diversional, que surgem com propostas diferenciadas. Isso ocorre, pois, na visão de Dejavitte (2006) é necessária a evolução e adaptação da atividade jornalística. Nessa perspectiva, nasce uma nova sociedade, a da informação, que aprecia diferentes valores, como rapidez na obtenção de conhecimento, diferentes tecnologias de mídia e aproveitamento de tempo e espaço.

O gênero diversional é conhecido por ofertar entretenimento às pessoas, com informações interessantes ou divertidas. Para Dias (1998, apud ASSIS, 2010, p. 25), o surgimento deste gênero é “reconhecer que existe, no universo da imprensa, produção e consumo de ‘informação que diverte’”. O desenvolvimento deste gênero reflete-se em revistas ou edições dominicais de jornais impressos, em que são expandidos assuntos em profundidade, pois se supõe que além de buscar informação diferenciada, o leitor também terá mais tempo e interesse para se dedicar à leitura. Conforme Francisco de Assis (2010, p.27), o gênero diversional é “destinado à distração do leitor, mas que, ao mesmo tempo, em nada deixa a desejar em termos de verossimilhança das informações e de seu conteúdo”.

Para Dejavitte (2006) esse tipo de jornalismo ganha destaque a partir do desenvolvimento da comunicação de massa. No século XXI, o entretenimento torna-se um dos principais valores para a sociedade, e por isso, é incluso no jornalismo,

com a intensão de informar e entreter ao mesmo tempo, oferecendo o leitor com base em seus interesses.

O papel de divertir do jornalismo ao longo do tempo tem recebido várias denominações: jornalismo diversional, cultural e de entretenimento. O primeiro refere-se às histórias de interesse humano e perfil, entre outras, que procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens. Já o cultural inclui desde os suplementos dos jornais às revistas especializadas sobre cinema, literatura, artes, espetáculos e televisão. Por fim, o de entretenimento aborda assuntos os mais variados, tais como: gastronomia, moda, beleza, culinária, saúde, celebridade etc. (DEVITE, 2006, p. 71).

Na visão da autora, há destaque para duas ideologias que se referem ao entretenimento. A primeira delas, retrata tudo aquilo que é capaz de gerar distração e promove a recreação, enquanto que na segunda, há a idealização de um espetáculo destinado a interessar ou divertir, com pontos de vistas e perspectivas convencionais e ideológicas. Entretanto, esse fato é geralmente associado a ideia de um jornalismo que não preza pela seriedade e moralidade, apenas a diversão. Trata-se de um equívoco para a autora, que destaca outras funções do entretenimento, como o estímulo da interação social, mudança do cotidiano, descanso e alívio de tensão, sendo um meio de escape.

Devite (2006) inclusive, cita uma nomenclatura para esse tipo de jornalismo, denominada de “infotenimento”, expressão que surge em 1980 e se populariza com o passar dos anos. O termo refere-se a união de informação, prestação de serviço e diversão, como a finalidade atrair o público. Embora trate a questão como “especialidade jornalística” e não como gênero, também não apresenta detalhes que caracterizam o infotenimento.

Francisco de Assis (2016) destaca aquilo que, em sua concepção, é o erro mais comum ao tratar desse gênero. O autor explica que por ter a nomenclatura de diversional, remete à diversão, função que não é exclusiva ou obrigatória desse tipo de gênero. Assuntos como dramas humanos, crimes, superação, e histórias de pessoas falecidas podem ser muito bem tratadas por esse tipo de jornalismo. Isso, porque, para Assis, o diversional nunca terá a pretensão de divertir. Trata-se apenas de uma forma que é capaz de divertir, e não apenas a conteúdos que versem

entretenimento. “A diversão não necessariamente corresponde a algo engraçado, àquilo que promove o riso, ao jocoso ou ao deboche. O ato de divertir pode ou não ser estimulado pelo que é hilário” (ASSIS, 2016, p.150).

Nesse sentido, a autor afirma que o jornalismo diversional não pode ser comparado a conteúdos humorísticos dispostos em outros espaços, como história em quadrinhos, piadas e outras formas de humor, como também se difere de produções ficcionais. A diversão proposta pelo gênero é aquela que seja capaz de proporcionar conteúdo interessante, leitura agradável, que por esses aspectos, efetivam o propósito diversional.

Outro problema relatado refere-se a própria função do diversional. O autor defende que o gênero cumpre as mesmas regras gerais e básicas do jornalismo, como o compromisso com a informação, checagem de dados, e relatar a verdade. Percebe-se apenas uma mudança na forma em que se apresenta o conteúdo, sendo mais atraente, com estilo e interessante. O diversional não é um demérito ao jornalismo, mas uma alternativa à simplificação existente nos formatos informativos. “Fique claro, porém: o que eles fazem não é entretenimento. Tampouco é literatura. E muito menos ficção. É jornalismo, acima de tudo. Tem apuração, tem precisão. Mas a isso se somam temperos que possibilitam textos aprazíveis” (ASSIS, 2016, p.151).

O jornalismo possui quatro funções essenciais, conforme já apontava Beltrão (1980): informar, orientar, opinar e divertir. O autor não reconhece o estilo como gênero, mas ressalta a importância de ter no jornalismo, textos destinados a momentos de lazer, como distração em meio aos acontecimentos.

Em sua tese, Marques de Melo (2003) desconsidera a autonomia do gênero, classificando apenas como mero “recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e o seu público e não transcende a descrição da realidade, apesar das formas que sugerem sua dimensão imaginária” (2003, p. 64). Portanto, não aponta o diversional como um gênero. Tal constatação espelhava a realidade da imprensa brasileira da década de 1980.

Entretanto, ainda nesse estudo (2003), cita características do que seria esse novo jornalismo, para mais tarde, em sua revisão de gêneros, considerar a existência da categoria.

A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim da padronização da informação de atualidades dentro da indústria cultural, foram relegadas a segundo plano, quando completamente abandonadas (MARQUES DE MELO, 2003, p.33-34).

Assis (2016) aponta que essa declaração, assim como o impasse na teoria classificatória fez com que o gênero ficasse suspenso por muito tempo. Entretanto, atualmente Marques de Melo (2010) reconhece os gêneros como complementares. Na perspectiva do autor, são novas possibilidades de praxes do jornalismo, em que se exploram os anseios da sociedade. Nesse sentido, propõe apenas dois modelos: História de Interesse Humano, perspectiva que dá ênfase aos agentes noticiosos; e a História Colorida, como uma reconstituição de cenários noticiosos.

Antes de identificar esses formatos, Marques de Melo (2003) questiona por diversas vezes os gêneros que ultrapassam a linha de informação e opinião. Em relação ao diversional, sua principal crítica é em relação a história de interesse humano.

Na prática, o que ocorre é a sua distinção como “matéria fria (de atualidade permanente), permitindo-se ao jornalista que a escreve recorrer ao arsenal narrativo peculiar ao universo da ficção. Mas nada a diferencia da reportagem. O relato jornalístico é fundamentalmente o mesmo. Trata-se de um fato que foi notícia (matéria quente) e que o jornalista retoma sua dimensão humana para suscitar o interesse e a atenção do público (MARQUES DE MELO, 2003, p.61).

A história de interesse humano e a história colorida se fundem em um mesmo modelo, como afirma Assis (2016). Desta forma, o diversional apresenta-se por um formato básico, mas que se desdobra em diversos tipos, como a reportagem de interesse humano. Na visão do autor, esse termo é o mais apropriado já que a reportagem é o formato mais utilizado nessa modalidade.

Assim como o diversional, o gênero utilitário é recente, mas tem como base alguns princípios que destacados em estudos anteriores. Entre eles, auxiliar o leitor em situações do cotidiano, na divulgação de horários de transportes, estabelecimentos, e pagamentos de impostos. Por isso, o gênero também é

conhecido como “jornalismo de serviço”. Conforme Parratt (2008, apud ASSIS, 2010), o gênero pode ser definido por três aspectos: seções especializadas, com conteúdo práticos do dia a dia; pelas informações da atualidade, de interesse geral; e por fim, textos informativos de serviço incorporados a textos convencionais.

O jornalismo de serviço, como aponta Parrat (2007) se resume em uma seção destinada a atender especialmente as preocupações dos cidadãos, com informações atuais e de interesse geral, como ambiente, lazer, alertas, e outras soluções de problemas que chegam diariamente ao leitor por meio do impresso. É o que a autora denomina como uma forma de dar continuidade ao jornalismo de qualidade e de interesse público.

O gênero é perceptível em todos os meios de comunicação, seja no rádio, na televisão, nos impressos ou na internet, como assinala Tyciane Vaz (2010). A autora ainda afirma que a categoria é totalmente voltada aos interesses dos leitores, com informações atualizadas e opções de orientação e guias para os acontecimentos inesperados do dia a dia. Entre os mais comuns nos jornais impressos, destacam-se a previsão meteorológica, programação cultural, cotação de moedas, e outros, que ainda podem aparecer em cadernos especiais de determinadas áreas, como produtos tecnológicos.

Marques de Melo (2010) propõe nessa classificação, os formatos de indicadores de dados; cotação, com base na variação do mercado; roteiro, para fins de consumo simbólico; e de serviço, informações destinadas aos usuários e consumidores. Vaz (2010) dá continuidade à lista, acrescentando o olho, como reportagens de interesse público, que complementam a informação e aparecem como destaque na página ou em boxes; e também, o formato de dica, unindo a reportagem a um roteiro (relato de consumo de bens simbólicos).

A popularização do gênero utilitário deu-se devido à sociedade da informação, na qual todas as ferramentas disponíveis, como os inventos da área de informática e da telecomunicação, são utilizadas a fim de obter rapidamente uma informação. No jornalismo, não é diferente. Disponibilizam-se muitas notícias sobre o cotidiano, com o compromisso de utilidade pública, a fim de que, o consumidor se informe rapidamente em meio a rotina.

Embora sejam recentes, o jornalismo diversional e de serviço representam os novos interesses do leitor, sendo cada vez mais abordados nos impressos. Mostram que há espaço para conteúdos leves e informações rápida, readequando padrões que permaneceram por muito tempo nos diários.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo desenvolve-se a segunda etapa da pesquisa, que consiste na análise dos jornais, no período de 28 de agosto a 30 setembro. Devido a datas em que não foram publicados, como feriados e outras adaptações dos veículos, a análise totaliza 25 e 29 exemplares, dos jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale, respectivamente. Portanto, o estudo finaliza-se em cinco semanas de acompanhamento dos materiais. A partir dos impressos, busca-se identificar a sistematização de cada veículo de comunicação, assim como a mutação de seus formatos, evidenciando os gêneros identificados nos veículos de comunicação e também os métodos que são abordados em suas edições diárias.

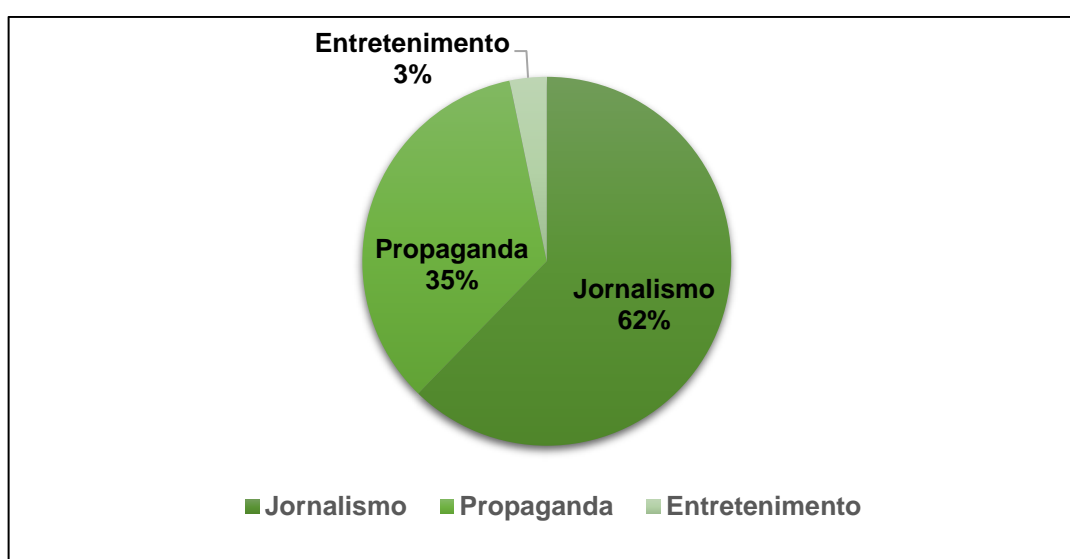
5.1 Identificação das categorias comunicacionais

A pesquisa engloba todo o conteúdo publicado nas páginas dos jornais. Por isso, inicialmente, é necessário a distinção dos materiais apresentados nesse período por cada jornal.

A Folha do Mate caracteriza-se como o principal jornal do município de Venâncio Aires. Seu ponto forte é a informação, que ocorre tanto para a localidade, como também para as cidades de Mato Leitão, Vale Verde, Passo do Sobrado e Santa Cruz do Sul. Fundada em 6 de outubro de 1972, tem seu nome associado a bebida típica dos gaúchos e ao município em que se localiza, pois Venâncio Aires recebe o título de Capital Nacional do Chimarrão.

Inicialmente era dirigida pelos fundadores Astor José Reckziegel, Lauro Uhry, Lindor Lauro Muller e Walter Kuhn. A gestão permaneceu quatro anos, alterando-se em 1976 com a aquisição feita por Asuir João Silberschlag. Após sete anos, a sociedade foi compartilhada com Sérgio Luiz Klafke, e mais tarde com Ricardo Mateus Silberschlag, que permanecem atualmente na direção, juntamente com Paula Carvalho.

Gráfico 1 - Categorias comunicacionais do Jornal Folha do Mate



Fonte: Da autora, com base na análise do Jornal Folha do Mate, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

O jornal caracteriza-se essencialmente como jornalístico, embora a área de propaganda também demonstre representatividade. No primeiro campo foram considerados todos materiais de gêneros e seus respectivos formatos, identificando 1864 itens (62%) da totalidade das edições nesse período. Ao todo, 2993 itens integram a análise desse impresso. Antes de detalhar os materiais jornalísticos, são necessárias algumas considerações sobre os demais conteúdos.

Os anúncios obtêm espaço representativo, independentemente do dia de veiculação. Em alguns casos, equilibrando-se com a área jornalística. Entre as 25

edições selecionadas na amostra, seis apresentaram valores próximos nesses dois campos.

Quadro 3 - Comparação entre jornalismo e propaganda na Folha do Mate

DIA	JORNALISMO	PROPAGANDA
30/08	49% da edição do dia (56 itens)	46% (53 itens)
06/09	45% da edição do dia (48 itens)	50% (53 itens)
13/09	50% da edição do dia (53 itens)	46% (49 itens)
27/09	49% da edição do dia (49 itens)	47% (47 itens)
28/09	50% da edição do dia (36 itens)	45% (33 itens)

Fonte: Da autora, com base na análise do jornal Folha do Mate, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

A área de anúncios tem se mostrado essencial para a continuidade diária do jornal. Pensando nisso, a Folha do Mate reestruturou sua equipe. Além de já contar com o comercial, reorganiza-se ao compor um setor que trate especificamente de cadernos especiais e seus respectivos anúncios. Sendo assim, a redação é responsável pelo corpo jornalístico do jornal e o caderno Folha Dois, enquanto que os demais conteúdos ficam a cargo desse novo âmbito.

Além da tradicional propaganda, a Folha do Mate também realiza o “Informe Publicitário”. Trata-se de uma “notícia” comprada por um anunciante, mas que nunca é realizada pela equipe de jornalismo. Uma espécie de mescla entre as duas categorias comunicacionais: o jornalismo e a propaganda. Não é uma publicação diária, embora também não apresente um padrão específico de periodicidade durante a análise. Na amostra é apresentada em apenas duas páginas, entre uma e duas vezes na semana, e em alguns casos, na edição conjunta de sábado e domingo.

Figura 1 - Recorte de Informe Publicitário devidamente identificado ao leitor



Fonte: FOLHA DO MATE, p. 07, 29 set. 2017.

Em entrevista para esse estudo, a editora do impresso Letícia Wacholz, afirma que, nos dias atuais, é necessário pensar nas duas formas comunicacionais, pois uma interfere na outra. Quanto maior o número de anunciantes, mais conteúdos podem ser publicados diariamente, alterando o número de páginas de cada edição.

Nesse sentido, o “Informe Publicitário” vai além de um simples anúncio. Ele informa ao leitor aquilo que é aproveitável em determinado setor comercial da cidade ou região, como produtos, serviços, e campanhas promocionais. A linguagem utilizada no texto busca atrair o leitor conforme as especificidades do anunciante. Cita seus serviços, e benefícios, com exposição de fotos que complementam a matéria.

A Folha do Mate considera importante ter uma equipe que se preocupe só com essas matérias comerciais. São identificados como “informe publicitário” para que o leitor saiba que é um espaço comprado, não é uma notícia feita pela reportagem. A redação trabalha com pautas normalmente, mas o setor de inovação fará o caderno especial. (WACHOLZ, Letícia, 2017, APÊNDICE A).

Além dos classificados e tradicionais anúncios, são publicadas periodicamente informações oficiais da prefeitura local e da região, conforme a Lei 8.666 de 21 de julho de 1993, artigo 21. Estão inseridos nesse meio quatro Prefeituras e Câmara de Vereadores da região de abrangência do jornal, sendo elas: Venâncio Aires, Mato Leitão, Passo do Sobrado e Vale Verde. Portanto, representam percentual médio entre 3% e 4% da receita anual total da empresa jornalística, conforme informações disponibilizadas pelo Diretor de Conteúdo, Sérgio Klafke (ANEXO A).

Outro campo da comunicação comum nos jornais, embora seja menos frequente, é a área do entretenimento. Nesse quesito foram considerados cadernos especiais, voltados ao lazer e passatempo, além de conteúdos específicos, como palavras cruzadas; horóscopo; resumo de novelas. Esses, são disponibilizados diariamente para o leitor, que pode conferir esses materiais no Caderno Folha Dois, durante a semana, e no Folha Revista, ao final de semana.

Nas demais formas de entretenimento não há um padrão definido. Muitos cadernos são pensados de acordo com um tema específico ou data comemorativa. O caderno “Na Pilha”, por exemplo, é voltado ao público jovem, e embora sua publicação seja semanal, o tema é determinado a cada edição.

Figura 2 - Recortes do Caderno “Na Pilha”



Fonte: Da autora, representação do Caderno Na Pilha, do Jornal Folha do Mate, publicado em 29 de agosto de 2017.

Nesse período, assuntos como histórias em quadrinhos, tendências de moda praia, literatura, leitura, primavera, e relacionamentos familiares foram inclusos.

Embora tenha sempre o limite de 4 páginas, trata-se de um caderno que cumpre seu objetivo ao propor uma leitura dinâmica, leve, descontraída, que mesmo segmentada, não deixa de atingir os mais diversos tipos de públicos. Seus temas instigam a curiosidade do leitor, são atraentes e despertam o interesse pela leitura, mesmo que nem sempre sejam desenvolvidos temas factuais. Entre os demais cadernos, a Folha do Mate produz: Folha Dois; Folha Revista; Folha Classi; Mapa Rural; Baita oferta – Veículos; Folha Bairros e Tudo & Todas (FOLHA DO MATE, 2017).

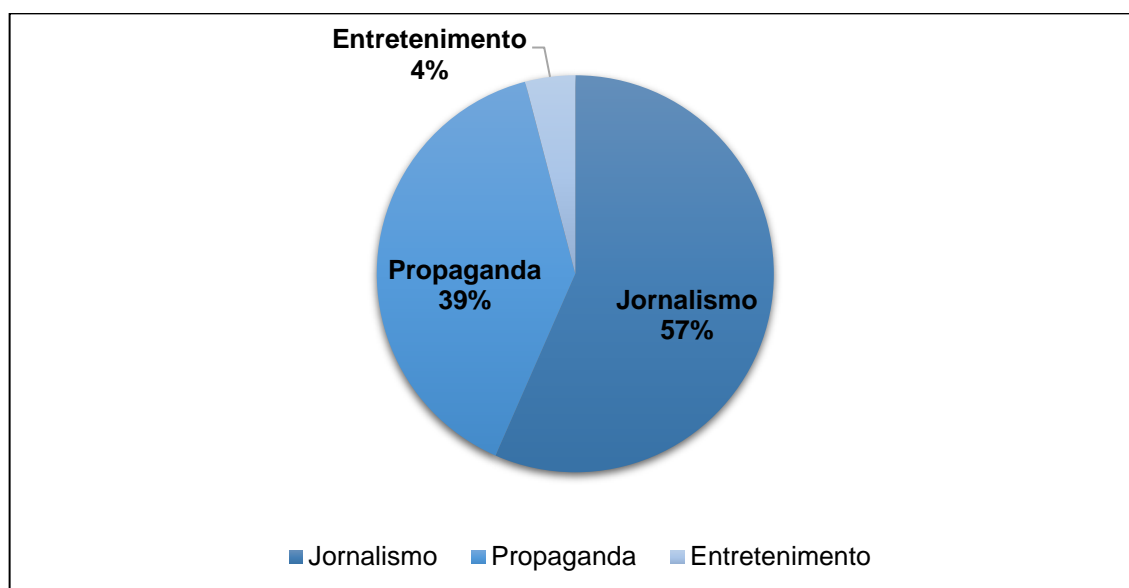
Portanto, entre as categorias comunicacionais da Folha do Mate, destaca-se o jornalismo, embora perceba-se que seja um periódico que investe em assuntos do momento, atrai diferentes públicos e, aos poucos, apresenta conteúdos mais leves, direcionados ao tempo livre do leitor e a sua distração. Esse movimento, embora ainda não tenha tanta representatividade numericamente durante toda análise do impresso, com 97 itens (3%), é desenvolvido rapidamente na internet, com o site Tudo & Todas, administrado pela empresa jornalística. Trata-se de um espaço que aborda temas atuais e discussões sobre os mais diversos assuntos.

Além disso, é comum que os anúncios ganhem espaços nas edições, já que representam uma fonte de sustentação para qualquer empresa de comunicação. Ao realizar o informe publicitário, visa atrair novos clientes a partir dos interesses comerciais dos próprios anunciantes. Feitas essas considerações, apresenta-se o próximo objeto de estudo.

Com abrangência no Vale do Taquari (RS), O Informativo do Vale teve sua fundação em 08 de maio de 1970, por Oswaldo Carlos Leeuwen, que ainda permanece na direção do jornal. Com a missão de “manter o protagonismo na comunicação regional através da produção diária de notícia de qualidade e de interesse público e preservar a história e a tradição regional, sendo ainda um agente ativo no desenvolvimento econômico e social do Vale do Taquari.” (O INFORMATIVO, 2017).

Em comparação ao jornal anterior, os dados apresentam-se de forma semelhante. O jornal o Informativo do Vale totalizou durante esse período 2794 itens analisados entre as três esferas comunicacionais que compõe o diário.

Gráfico 2 - Categorias comunicacionais do jornal O Informativo do Vale



Fonte: da autora, com base na análise do jornal, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

Da totalidade da análise, 1572 itens (57%) caracterizam-se como pertencentes ao campo jornalístico de comunicação. Já a representatividade de anúncios também permanece em alta, ocupando 1093 tópicos (39%) nas 29 edições contabilizadas. Neste, destaca-se o Caderno Classivale, produzido pelo Departamento Comercial. Além dos classificados e anúncios gerais, apresenta também o Informe Publicitário, com notícias e notas referente a negócios e oportunidades. Geralmente, o caderno ocupa 12 páginas, concentrando as propagandas da edição conjunta do sábado e do domingo, em que é sempre publicado.

Em relação ao entretenimento, o Informativo do Vale apresenta uma pequena superioridade em relação ao jornal anterior. De todo conteúdo da análise, 113 itens (4%) pertencem a essa categoria. Entre os conteúdos que compõe esse tipo de comunicação estão basicamente os mais comuns: horóscopo, novelas, palavras cruzadas. Como fixo, está apenas o caderno lazer, publicado uma vez na semana. Esse material caracteriza-se pela divulgação de eventos sociais, receitas, cuidados com a saúde, e colunas de colaboradores.

Nos demais casos, o jornal investe em conteúdos de lazer apenas quando trata-se de um momento especial. Festividades e datas comemorativas são exemplos que levam a equipe a produzir cadernos especiais, saindo da rotina noticiosa e factual.

Embora o índice seja baixo, nem sempre obteve essa média. A diminuição de conteúdos de entretenimento ocorreu após uma reformulação do jornal, em 2015, quando o diário possuía um caderno específico para esse assunto. Entretanto, tratava-se de um exemplar com alto custo, poucos anunciantes, e que basicamente não oferecia retorno por parte dos leitores. Nesse momento, como explica a editora do jornal, Luciane Ferreira, o caderno deixou de circular e apenas alguns itens foram incluídos nos jornais, como os citados nesse estudo.

Outro ponto que vale ressaltar é que o Informativo, como já esperado, caracteriza-se como um jornal extremamente noticioso, o que, muitas vezes, conseqüentemente, significa a redução ou produção mínima de demais tipos de conteúdo. Essa ação é centrada na ideia de que o leitor não possui muito tempo à sua disposição para dedicar-se à leitura, mas que, ao mesmo tempo, deseja estar informado.

O jornalismo em si foi se modificando ao longo do tempo. As pessoas não têm mais tanto tempo para ler, então uma boa história tem que ser muito boa para prender a leitura. Temos um bombardeio de notícias, de todos os lados. É preciso selecionar muito conteúdo. Mas se tem uma história bacana, vamos tentar encaixar, puxar um gancho, e publicar. Não temos isso engessado, por exemplo, que saia uma vez na semana. A gente prioriza a notícia e o restante vamos adequando (FERREIRA, Luciane, 2017, APÊNDICE B).

Portanto, o Informativo do Vale preocupa-se em atender primeiramente o interesse do leitor, noticiando o que acontece na cidade de Lajeado e na região do Vale do Taquari (RS). Para cumprir com esse objetivo, aposta em conteúdos factuais. Como já dito, o entretenimento não é uma prioridade ao impresso e que, por isso, busca complementar essa seção de outras formas, seja com o caderno fixo Lazer ou outros esporádicos, além do abastecimento do site. Em relação aos anúncios, o jornal tem se mostrado forte nesse âmbito. Todas semanas registraram mais de 200

publicações comerciais. Parte dessa grande procura é referente ao Caderno Classivale, que é referência nesse assunto.

Entre as categorias comunicacionais, ambos jornais trabalham de forma similar. A diferença na quantidade de conteúdo durante esse período é mínima, de 2993 na Folha do Mate, para 2778 no Informativo do Vale. Conforme relatado pelas editoras, ambos possuem o ambiente digital como ponto de fuga para aquilo que não cabe ao impresso, seja por interesse do leitor, espaço, ou relevância para a comunidade em que atuam. São jornais conservadores, caracterizados como factuais.

Entretanto, no Informativo do Vale a distribuição dos materiais é, aparentemente, mais padronizada e rígida, alterando-se apenas em exceções. Enquanto isso, a Folha do Mate, mesmo com sua estrutura muito semelhante, tem seu espaço aberto a conteúdos diferentes, mais leves, e atrativos. Em seguida, discute-se o conteúdo jornalístico apresentado por cada jornal durante o período de amostra.

5.2 Mapeamento dos Gêneros Jornalísticos

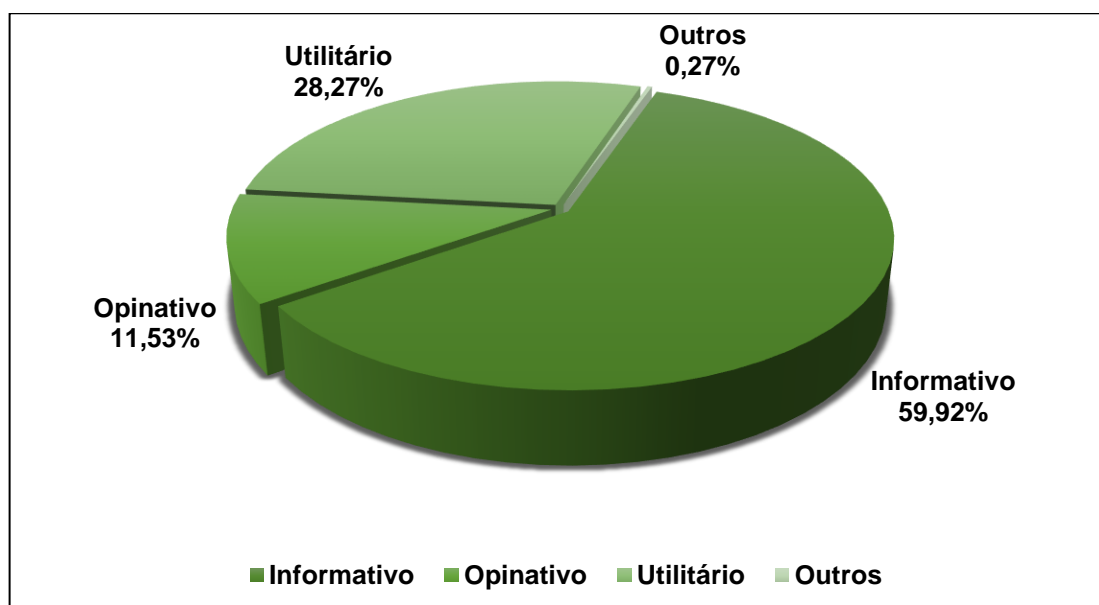
Como ponto central da análise, buscou-se identificar os padrões presentes em cada impresso, a partir das considerações feitas no referencial teórico. Esse reconhecimento, além de delimitar, também será referência para a discussão a partir de exemplos reais e detalhes apresentados adiante. A conceituação dos gêneros e seus formatos foi feita a partir dos estudos de José Marques de Melo (2010), no período de 28 de agosto a 30 de setembro, com o intuito de verificar se os mesmos são vigentes nesses veículos, determinando também o espaço ocupado por cada um.

5.2.1 Gêneros Jornalísticos no Jornal Folha do Mate

A Folha do Mate tem sua ação direcionada ao jornalismo comunitário, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento nas comunidades. Sua estrutura conta com dois cadernos fixos: Folha Dois, durante a semana e Folha Revista na edição conjunta de sábado e domingo. Outras seções são produzidas esporadicamente, mas nem todas são jornalísticas, sendo de responsabilidade de outros setores. A redação compromete-se pelos cadernos fixos e especiais, quando publicados.

A empresa conta com a tiragem de aproximadamente 7400 exemplares, impressos na Gráfica Gazeta do Sul, em Santa Cruz do Sul. Em junho de 2017, as edições passaram a ser totalmente coloridas, sendo uma mudança significativa para o jornal. A predominância no diário é do gênero Informativo, seguido pelo Utilitário e uma breve apresentação do Opinativo. Os gêneros Interpretativo e Diversional não apresentam frequência significativa nesse período. O gráfico nos mostra a relação dos gêneros desta análise.

Gráfico 3 - Gêneros Jornalísticos presentes no jornal Folha do Mate



Fonte: da autora, com base na análise do jornal, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

Os gêneros informativo e utilitário são diários. O opinativo altera-se conforme o formato e seus autores, sendo também frequente em todas as edições, mas em menor quantidade. Há um rodízio nos formatos opinativos, assim como também no que se refere aos escritores e os assuntos abordados.

No estudo, o interpretativo obteve apenas uma inserção na penúltima semana de análise, com a apresentação de um perfil. Já no gênero Diversional, foram contabilizados 4 itens. Juntos, representam meros 0,27% em toda a amostra. Quanto aos formatos de cada gênero, nem todos são existentes no impresso. A disposição dos gêneros e formatos pode ser visualizada de forma ampla no quadro a seguir.

Quadro 4 - Gêneros e seus respectivos formatos no Jornal Folha do Mate

Gênero Informativo		Frequência	%
	Notícia	562	30,15
	Nota	504	27,04
	Reportagem	42	2,25
	Entrevista	9	0,48
Gênero Opinativo			
	Editorial	5	0,27
	Comentário	0	0,00
	Artigo	18	0,97
	Resenha	3	0,16
	Coluna	143	7,67
	Crônica	11	0,59
	Caricatura	35	1,88
	Carta	0	0,00
Gênero Interpretativo			
	Dossiê	0	0,00
	Perfil	1	0,05
	Enquete	0	0,00
	Cronologia	0	0,00
Gênero Diversional			
	História de interesse humano	4	0,21
	História colorida	0	0,00
Gênero Utilitário			
	Indicador	206	11,05
	Cotação	6	0,32
	Roteiro	168	9,01
	Serviço	147	7,89
TOTAL		1864	100%

Fonte: da autora, com base na análise do jornal, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

O informativo obtém aproximadamente 1864 itens (60%) de todas as edições contabilizadas. Os dados apresentados nos dão conta que as notícias e notas representam boa parte dos impressos (30% e 27%, respectivamente). Com isso, percebe-se que o jornal prioriza notícias factuais, em muitos casos, sem grande aprofundamento, e notas sobre acontecimentos do cotidiano e informações que devem ser lembradas pela população. O foco está na informação, na cobertura da realidade em que está inserido. Além disso, esses formatos tornam-se mais práticos, já que podem ser desenvolvidos com mais facilidade e rapidez.

A notícia tem sempre o formato de pirâmide invertida, com os acontecimentos mais importantes ao início do texto e os demais parágrafos em ordem decrescente, privilegiando os fatos mais importantes. Embora geralmente inclua apenas o essencial dos acontecimentos, seu tamanho é variável. São comuns textos entre 4 e 9 parágrafos nessa categoria. Praticamente todas apresentaram algum complemento visual, entre eles, a fotografia e o olho.

O número de fontes também é versátil. Em notícias menores apresentam-se uma ou duas fontes, com falas sintetizadas. Quando há apenas uma fonte, o foco está no entrevistado ou no que ele tem a dizer sobre um fato determinado. Geralmente, nesses casos, a notícia torna-se explicativa, o que se mostrou comum em casos de alteração da legislação, seja no trabalho, na previdência ou demais setores.

Os textos são caracterizados como objetivos, concentrados inicialmente na isenção do autor do texto, juntamente com a impessoalidade dos fatos, priorizando atrair o leitor com as informações do primeiro parágrafo. Entre os critérios de noticiabilidade é perceptível que todo conteúdo local tem prioridade no jornal, independentemente do assunto. É notícia aquilo que for de interesse da comunidade, envolvendo muitas pessoas, que impacte de alguma forma a sociedade e gere interesse coletivo.

Um fator observado é quanto a isenção dos fatos. Entre os formatos informativos não foram observadas significativas mudanças no texto, a partir da perspectiva do autor. Entretanto, quando o repórter sente a necessidade de se manifestar sobre o assunto, é incluído um box ao fim da matéria, intitulado como “O

olhar da reportagem”. Nesse espaço, o profissional pode posicionar-se sobre o tema, sobre a notícia ou reportagem em si, ou sobre os personagens que estão envolvidos. Ao mesmo tempo, não precisa constar, necessariamente, uma opinião, mas o relato de produção de determinada pauta. São poucos casos em que o box é produzido, incluindo apenas eventos em que o repórter tem algo realmente significativo a dizer sobre a situação.

Ainda sobre as fontes nas matérias publicadas, foram registradas duas categorias. Fonte primária, responsável por fornecer os dados fundamentais da matéria, que nesse jornal, apresentou-se diversas vezes a partir de pessoas que estavam diretamente envolvidas com o assunto.

Como secundárias são as fontes que geralmente explicam para a sociedade algo que ocorreu recentemente ou está para acontecer. São consultas que visam contextualizar, interpretar e comentar um fato. Quanto aos grupos, também foram identificadas fontes oficiais, empresariais, individuais e especializadas. Em casos específicos, a fonte testemunhal foi de extrema importância para noticiar o assunto. Outras situações também se observou a fonte de referência, com bibliografia, dados e outros documentos. Entretanto, esse apresentou-se com baixa frequência.

Casos de sigilo também foram identificados em duas edições. Um dos fatos envolviam possíveis infrações no concurso público realizado pela Prefeitura de Venâncio Aires. As fontes alegavam problemas que aconteceram durante a realização das provas e atitudes comprometedoras por parte da empresa responsável por aplicar a avaliação. Em reunião com alguns candidatos, integrantes da empresa e também da prefeitura, a Folha do Mate declarou-se como o único veículo de comunicação a acompanhar o encontro. O caso foi publicado citando apenas as fontes com o seu primeiro nome, um pedido dos participantes, que visam a solução dos problemas, mas sem a toda a exposição que o fato geraria (ANEXO B).

As notícias apresentam-se basicamente por dois formatos: extremamente sintetizadas, com as principais informações do fato, ou com a contextualização de uma ou mais fontes, sempre de forma factual.

Feitos esses apontamentos, o próximo formato apresenta-se de forma semelhante. A nota segue os mesmos princípios da notícia, alterando apenas a sua

estrutura. De um a três parágrafos, aborda apenas o principal da informação, expondo o que é relevante dos fatos. Geralmente, envolve algo que está em andamento, com dados insuficientes para compor uma notícia. São mais utilizadas nas temáticas de cotidiano, esportes e polícia. Raramente são citadas fontes nesses casos. Funciona como uma espécie de “nota resumo” ou “nota lembrete”, neste último caso, associando-se ao gênero utilitário.

A reportagem busca sempre atrair o leitor, com o título e a abertura de texto que instigam a leitura. No gênero informativo, o formato ocupa a terceira colocação, com apenas 42 itens (2%). As reportagens caracterizam-se pelo aprofundamento dos dados, incluindo mais de uma visão sobre o mesmo assunto. Entretanto, as produzidas nesse período apresentaram seu tamanho próximo ao da notícia, ocupando de 12 a 18 parágrafos, e em poucos casos, ocupando mais de uma página.

No caso das matérias menores, entre 12 e 20 parágrafos, percebe-se que muitos temas poderiam ser melhor trabalhados, com mais participação da comunidade, já que muitas apresentam apenas uma ou duas fontes explícitas no texto. Outras, foram produzidas apenas com fontes oficiais, o que difere dos ensinamentos básicos da profissão, que orientam ouvir sempre todos os envolvidos no caso.

Grande parte das reportagens referem-se a casos que já aconteceram e afetaram a comunidade de alguma forma, enquanto que as demais abordam situações importantes que devem suceder em breve ou que estão em debate no momento. Não há um padrão específico para os tipos de reportagens. Enquanto algumas são apresentadas diretamente com o lead, outras, buscam exibir as principais informações de forma literária e descritiva.

Esse ponto é perceptível também pela diversidade de repórteres na redação, que variam em idade (entre 20 e 60 anos) e estilo de escrita. A participação do repórter também é considerada, já que o texto depende da sua sensibilidade com o tema e das informações que estão disponíveis. A criatividade ao redigir o texto e as sugestões de conteúdo diferenciados são sempre abordadas nas reuniões de pauta, o que mostra a intenção em atualizar a equipe sobre os textos que repercutiram de forma

positiva entre os leitores. Em entrevista, a editora ressalta essas características do jornal.

Muitas vezes, quando vamos pautar um assunto, a gente já tem ideia do que rende. É muito da sensibilidade do repórter, do profissional. Quando ele já tem um pouco de bagagem, ele identifica aquilo que pode render uma nota, uma notícia, uma reportagem maior. Claro que, às vezes, nasce como uma notinha e vira uma reportagem ou o contrário. Isso acontece. Tem as frustrações da profissão, de imaginar que vai render tudo aquilo e acaba não rendendo. Mas, de uma forma geral, quando se está na reunião de pauta, falando sobre determinado assunto, a gente já tem ideia pelo peso, pelo valor jornalístico. A gente sabe que aquilo ali é um abre páginas. Assim como matérias pequenas também tem sua importância. Mas nem sempre o tamanho significa que aquilo seja tão importante. Tamanho varia muito, o que importa o valor notícia, aquilo que está integrado, o quanto vai impactar (WACHOLZ, Leticia, 2017, APÊNDICE A).

A linguagem mostrou-se acessível a todos os tipos de públicos. Alguns termos aparecem de forma coloquial, a fim de reproduzir expressões comuns da população. Isso pode ser observado na reportagem publicada no dia 15 de setembro de 2017. Com o tema de procrastinação, expressões como “jeitinho brasileiro”, “empurrar com a barriga”, “depois eu vejo” e “depois eu faço” compõem a matéria.

Figura 3 - Recorte de reportagem publicada na Folha do Mate



Fonte: Da autora, recorte de reportagem publicada no jornal Folha do Mate, na edição de 15 de setembro de 2017.

Esses termos buscam aproximar o tema do leitor, apresentando situações consideradas comuns à maioria das pessoas. Entretanto, mesmo ocupando praticamente toda a página, aborda apenas a visão de uma psicóloga sobre o assunto, que comenta sobre alguns casos e relata sua opinião profissional. Não há fontes testemunhais, que vivenciem esse problema. Desta forma, além de trazer a riqueza dos detalhes, poderia, ao mesmo tempo, tornar-se uma reportagem explicativa, com base na experiência da fonte. Ou seja, o texto não se caracteriza como uma notícia factual e não envolve toda a contextualização de uma reportagem. Nesse sentido, embora as reportagens factuais ganhem mais espaços no jornal, textos atemporais e especiais também são produzidos com frequência.

Assim, a reportagem não é o texto jornalístico mais frequente na Folha do Mate, já que requer aprofundamento de dados, conteúdo e, conseqüentemente, tempo para a apuração e elaboração da matéria. Embora em menor quantidade, sua presença no impresso é significativa, já que aborda temas relevantes, sendo factuais ou não. São trabalhadas de forma livre pela equipe de redação, o que permite que a mesma avalie o que foi positivo ou não em suas publicações.

Sobre a quantidade de notícias e reportagens publicadas pelo veículo de comunicação, a editora do impresso comenta que atualmente o jornal busca equilibrar-se entre os dois formatos, para que desta forma, consiga satisfazer os diferentes tipos de público que compõem os leitores da Folha do Mate.

O jornal mesmo que seja de terça à domingo, ele é considerado um jornal diário pela associação de diários do interior. É diferente de uma revista, embora tenha uma tendência de que os jornais passem a ficar cada vez mais “revistados”, com reportagens mais profundas. Então, a gente se vê em um dilema na redação. Tem vários estudiosos e pesquisadores de jornalismo que dizem que o leitor quer mais matérias em profundidade, com literatura, mais fontes. Mas há o outro lado da balança. O jornal cada vez é mais caro para produzir e estão reduzindo o número de páginas. A lógica do mercado nos diz para fazer notas e notícias curtas. Hoje estamos no meio da balança tentando ver para onde vamos chegar. O mercado não anda de acordo com a pesquisa, não está sendo generoso com a tendência de jornal (WACHOLZ, Letícia, 2017, APÊNDICE A).

No formato entrevista foram contabilizadas para o estudo apenas publicações no formato de perguntas e respostas, já que muitas interlocuções geram outras

publicações, como notícias, reportagens e histórias de interesse humano. A entrevista é fixa apenas no caderno de esportes, com uma publicação na semana. Nos demais, ocorre de forma esporádica.

Foram identificadas interlocuções nas seguintes categorias: rituais, envolvendo temas do cotidiano; testemunhal, geralmente sobre assuntos do dia a dia, com o depoimento sobre um fato ou situação que ocorre; e temática, com temas diversificados, entre eles, saúde, legislação ou histórias de vida.

Os demais formatos de entrevistas e as respectivas periodicidades não foram possíveis de serem sintetizadas de forma exata, já que estão associadas ao processo de produção de conteúdo, e em muitos casos, originam novos formatos. Entretanto, é possível afirmar que grande parte das notícias e reportagens envolvem uma ou mais fonte explícitas, o que consequentemente requer o contato entre as pessoas consultadas e os repórteres.

O segundo gênero com mais publicações é o utilitário, ocupando 527 itens (28%) no período de análise. Destes, há prioridade aos indicadores (11,05%), seguido pelos roteiros (9%), serviços (7,89%) e cotações (0,32%). O gênero utilitário, também conhecido popularmente como jornalismo de serviço, ganha destaque, com totalidade representativamente significativa (25%). Esse espaço tem como objetivo orientar o leitor, apresentando sempre algum serviço ou dado importante.

Geralmente está associado ao consumo de bens simbólicos, como o lazer ou a prática da cidadania. Entre esses, destacam-se as variações monetárias, índices do mercado econômico, condições climáticas, nível do Rio Taquari e grades de programações culturais. São dispostos individualmente ou como complemento de outras informações. É comum também no setor esportivo, com indicações de resultados, classificações de campeonatos, números significativos relacionados ao assunto e indicação dos próximos jogos.

Já no opinativo, entre os oito formatos definidos por José Marques de Melo (2010), seis são identificados na Folha do Mate. O gênero ocupa 11% das publicações no jornal nesse período. A coluna é o formato mais frequente, totalizando 143 itens (7,67%). Em seguida está a caricatura com 35 materiais (1,88%). A crônica, a resenha

e o artigo são publicadas semanalmente, o que pode ser observado pelo baixo número nas edições.

As colunas são publicadas em uma mescla de jornalistas e cidadãos que possuem o espaço e abordam diferentes temas. Da equipe da Folha do Mate, alguns jornalistas são responsáveis por publicações referentes a temas como política, negócios, agricultura, literatura, cultura, esportes e eventos da sociedade. Aos demais convidados cabem os temas de política, direitos, literatura, contabilidade e saúde animal. Em toda edição há pelo menos duas colunas publicadas. A frequência altera-se conforme os dias e aumenta na edição do fim de semana, chegando a 8 ou 9 itens. Caracterizam-se pela opinião, mas além disso, grande parte dedicada aos acontecimentos recentes da cidade, em espécie de notas informativas e comentários sobre temas específicos.

Já na crônica, todos os autores são externos à redação. Contam experiências de vida e demais percepções de seus interesses de forma literária. Sua presença é semanal, sempre na edição conjunta do final de semana. O mesmo ocorre com os artigos, que são enviados pela comunidade. A Folha do Mate incentiva seus leitores a participarem e debaterem sobre os acontecimentos recentes, embora esse tipo de expressão seja mais comum por meio de redes sociais, em que o leitor estabelece contato direto com a redação.

O artigo é pouco frequente, com publicação em apenas um dia da semana. Constitui-se a partir de um tema, com estrutura em “título resumo”, sem polêmicas ou provocações, seguido pela introdução e exposição do tema, desenvolvimento do assunto e conclusão. Como parte da comunidade esse tipo de conteúdo, o texto geralmente envolve alguma crítica do leitor com base na narração de um fato e suas causas e consequências.

A caricatura é diária, representada sempre pela Charge, ocupando 35 itens (1,88%). Os assuntos e a abrangência mudam conforme a edição. O autor permanece fixo e quanto aos assuntos, geralmente envolvem os temas de educação, política e esportes.

O editorial é sempre publicado aos sábados, sobre o tema mais polêmico ou de maior repercussão da semana. Nesse período, a empresa apropria-se dos

seguintes temas: 18ª Feira do Livro de Venâncio Aires; a recuperação da economia brasileira; uma nova parceria com a Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) campus Venâncio Aires; o preço da gasolina; e a Festa Nacional do Chimarrão (Fenachim).

Figura 4 – Editoriais publicados durante o período de análise



Fonte: Da autora, representação dos editoriais publicados no Jornal Folha do Mate, nas edições de 02, 09, 16, 23, e 30 de setembro de 2017.

Em mais de dois mil caracteres, relata-se o assunto de forma que fique claramente exposta a opinião do jornal sobre a questão, com introdução, desenvolvimento e conclusão. São utilizados como base dados estatísticos e pesquisas, embora em alguns casos, também cite depoimentos, comparações e demais exemplos.

Sua estrutura regular conta com tipologias textuais a partir da dissertação e argumentação dos fatos. Insere-se a avaliação sobre o assunto, com uso de adjetivos e enunciados fortes, mas sem deixar de oferecer dados de apoio, com indicadores e informações complementares. Causas e consequências também são abordados nesse formato. Até pouco tempo, o editorial era raramente publicado, sendo utilizado apenas em situações especiais. Neste ano (2017), tornou-se fixo, a fim de debater sobre temas de interesse sociais.

Assim, a Folha do Mate caracteriza-se pela veiculação de materiais opinativos, a partir dos próprios jornalistas, de colaboradores, de leitores e da empresa jornalística. A opinião, por meio de informações e considerações, busca oferecer dados para que o leitor possa moldar seus pensamentos e construir sua própria crítica.

Os demais gêneros são praticamente inexpressivos. Juntos somam menos de 1% da amostra. No interpretativo apenas um perfil é publicado, com objetivo de apresentar à comunidade a identidade da ex-comandante da 3ª Cia da Brigada Militar de Venâncio Aires, Scheila Letícia Ziemann Gaira. Assim, busca expor o perfil da profissional que é reconhecida por prestar serviços aos Venâncio-airesenses, resumindo a carreira da oficial.

No Diversional, apenas um dos formatos é registrado: a história de interesse humano. São apresentadas quatro histórias a partir de experiências dos cidadãos. São característicos pela vivência do participante e seu envolvimento com a comunidade ou em assuntos específicos.

Na matéria a seguir (Figura 5) é descrita a relação entre uma jovem e seu animal de estimação. A história conta a paixão da fonte por cavalos e a concretização do sonho ao ter o seu próprio animal. Às vésperas do Dia de Gaúcho, percebe-se o cuidado ao descrever os detalhes, como por exemplo, ao citar as emoções da fonte durante a entrevista: “No momento em que relata à reportagem, abraça a Castelhana, os olhos da prenda brilham e a voz fica embargada” (FOLHA DO MATE, 2017, p. 28).

Figura 5 - História em destaque no Jornal Folha do Mate



Fonte: Da autora, representação da história com base na publicação do Jornal Folha do Mate, edição de 19 de setembro de 2017.

Nesse mesmo caso é registrado “O olhar da reportagem”, com detalhes da produção da matéria.

De banho tomado, devidamente encilhada, a Castelhana estava elegantemente à espera da reportagem. Até parecia fazer pose para os ‘clicks’, do colega Roni Müller. A cada aproximação e afago, o animal retribuía a seu modo. Linguagem que homem e animal vão construindo, a partir de cuidados e respeito. O que não falta para Castelhana. Afinal, de atenção e carinho ela vive rodeada e também com liberdade no potreiro da família. Mas entre a faculdade de enfermagem e o trabalho, Gabriela tira um tempo para passear com seu animal de estimação, que ela espera tê-la ao seu lado, por muitos anos (FOLHA DO MATE, p.28, 19 set. 2017).

Embora sejam pouco produzidos, todas as histórias trazem detalhes e fatos, até então, pouco conhecidos. Buscam evidenciar os personagens, relatando seus sentimentos, opiniões e experiências de vidas. Quando não são publicados em forma de texto, aparecem como entrevista, exibindo as perguntas do repórter e respostas

dos participantes. O formato é mais desenvolvido de forma local, principalmente a partir do “Folha Bairros”, que expõe a vivência da população em diferentes localidades da cidade.

Portanto, a Folha do Mate tem como gênero principal o informativo, nos formatos de notícia e nota. A reportagem e entrevista são trabalhadas em menor frequência, sendo a última, em apenas casos específicos. O utilitário ocupa a segunda colocação entre os gêneros utilizados, desenvolvido principalmente por meio de indicadores e serviços, embora também sejam publicados outros formatos.

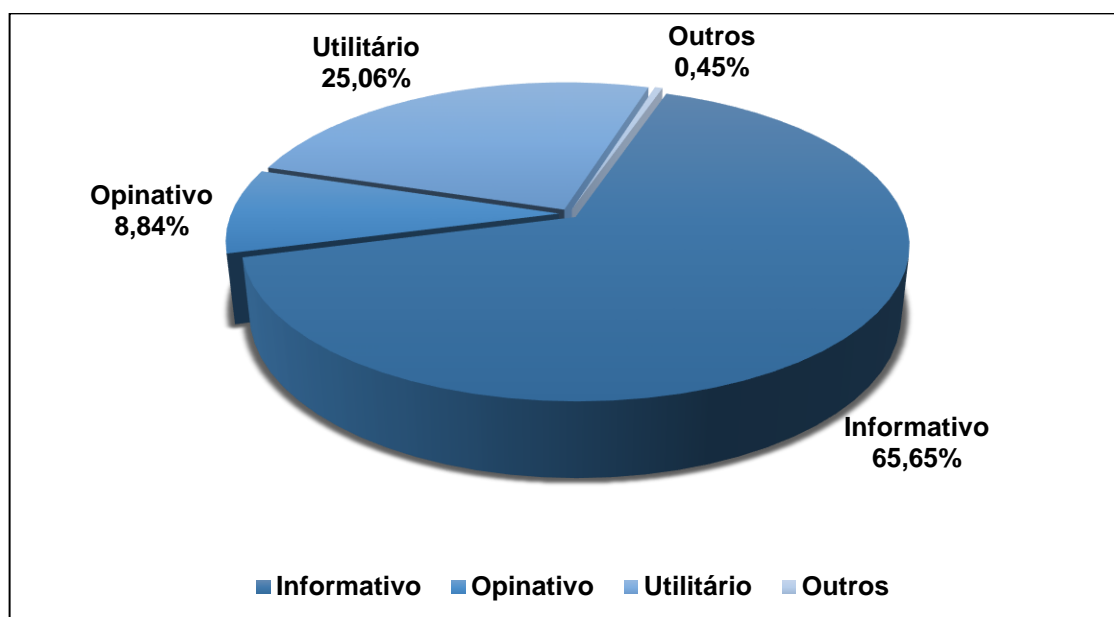
O interpretativo não representa o jornal, já que permanece praticamente como inexistente nesse período. O utilitário constitui-se como um complemento às demais informações publicadas. Por fim, o diversional caracteriza-se como um gênero esporádico, que ainda deve ser mais desenvolvido pelo jornal, já que o mesmo manifesta interesse em conhecer a história de seus leitores e da população do meio em que está inserido. Feitas essas considerações, partimos para o próximo jornal do estudo.

5.2.2 Gêneros Jornalísticos no Jornal O Informativo do Vale

O Informativo do Vale localiza-se na cidade de Lajeado, sendo um impresso com foco no jornalismo comunitário e participativo. Com circulação de segunda a sábado, o jornal possui tiragem de 8200 exemplares em cada edição da semana e 8500 exemplares aos sábados.

O jornal é estruturado em sua maioria pelos gêneros informativo e utilitário. A opinião também tem seu espaço delimitado, mas ocorre em menor frequência. Os dados podem ser conferidos a seguir.

Gráfico 4 - Gêneros Jornalísticos presentes no jornal O Informativo



Fonte: da autora, com base na análise do jornal, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

Nas edições são inclusos periodicamente cadernos especiais, como Meio Ambiente na Escola, Estilo e Construção, Noivas e Festas, Pura Saúde, Lazer, Classivale, Motor e Municípios. Além disso, também são produzidos suplementos para eventos, datas especiais, municípios e empresas.

O informativo ocupa 65% de toda a amostra, sendo a base do jornal com todos os formatos presentes. O utilitário é utilizado em todas as editorias, não apresentando um padrão, embora, em muitos casos, ofereça algum tipo de serviço ao leitor. A opinião é sempre expressa na página 2, com artigos e crônicas, enquanto que as colunas são distribuídas nas demais páginas. Já o interpretativo e o diversional são publicados apenas conforme a pauta, em raros casos. Ambos ocupam 3 e 4 itens, respectivamente, da análise. A disposição dos gêneros e formatos pode ser visualizada de forma ampla no quadro a seguir.

Quadro 5 - Gêneros e seus respectivos formatos no Jornal O Informativo do Vale

Gênero Informativo		Frequência	%
	Notícia	536	34,12
	Nota	437	27,82
	Reportagem	49	3,12
	Entrevista	10	0,64
Gênero Opinativo			
	Editorial	0	0,00
	Comentário	0	0,00
	Artigo	37	2,36
	Resenha	0	0,00
	Coluna	68	4,33
	Crônica	7	0,45
	Caricatura	27	1,72
	Carta	0	0,00
Gênero Interpretativo			
	Dossiê	0	0,00
	Perfil	0	0,00
	Enquete	0	0,00
	Cronologia	4	0,25
Gênero Diversional			
	História de interesse humano	3	0,19
	História colorida	0	0,00
Gênero Utilitário			
	Indicador	107	6,81
	Cotação	30	1,91
	Roteiro	107	6,81
	Serviço	150	9,55
TOTAL		1572	100%

Fonte: da autora, com base na análise do jornal, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

A notícia é o ponto forte do jornal, que basicamente utiliza os acontecimentos da região como critérios de noticiabilidade. É o elemento mais publicado do gênero informativo (34%) durante a amostra. O foco está no interesse público, priorizando as informações do Vale do Taquari (RS). Os acontecimentos que não estão inseridos nessa abrangência são publicados a partir de fontes que conectem o fato ao nicho geográfico de atuação da empresa jornalística. As notícias nacionais, por exemplo, são apresentadas com histórias e perspectivas locais ou da região, conectando o fato ao leitor do jornal.

Sua estrutura varia entre 4 e 9 parágrafos, com linguagem objetiva e acessível. Embora a notícia seja sempre com os principais fatos, apresenta duas ou mais fontes, mostrando mais de uma perspectiva do fato. Dificilmente há apenas uma fonte

explícita no texto. Compõem os textos as fontes primárias, que dão origem a notícia, e as secundárias, envolvidas com o fato de forma profissional ou pessoal, alterando-se entre institucional, individual, testemunhal e especializada. Portanto, a notícia nesse impresso apresenta sempre as informações essenciais, incluindo fontes que contextualizam ou relatam uma experiência.

Nesse período, muitas notícias e reportagens também apresentaram documentos e dados estatísticos, caracterizando-se como fonte de referência. Ainda podem ser classificadas como ativas e também passivas, identificando sempre o informante. Nessa amostra não foi identificado nenhum caso em que foi necessária a proteção da fonte.

Quanto a composição da notícia, a maioria das publicações contém ao menos uma foto como complemento. Também é frequente o “olho”, com uma frase ou dado em destaque. Quando há um novo desdobramento de algo, ainda é comum a presença de um box, localizado ao lado do texto, denominado de “relembre o caso”, oferecendo as informações principais para que o leitor entenda ou relembre o que está acontecendo.

Figura 6 - Recorte de Olho e Box Relembre o Caso

O INFORMATIVO DO VALE - Quarta-feira, 6 de setembro de 2017

VALE » REGIÃO 3

Mudança da Coordenadoria de Saúde para Estrela será ainda neste ano

Cessão de uso já foi assinada, concedendo o espaço por 20 anos, renováveis por mais 20

Depois da Multifeira

O projeto de mudança de endereço da 16ª CRS começou em maio de 2016, quando o governo gaúcho anunciou a possibilidade de fechamento e unificação de algumas coordenadorias regionais. Na época, ventilava-se a possibilidade da fusão com a 16ª CRS, em Santa Cruz do Sul. O projeto foi descartado na sequência, mas o desejo de economizar seguia com a coordenação local. A oferta de Estrela surgiu no fim do ano passado e desde então, a coordenação negocia com o município, enquanto também avaliava outros imóveis em Lajeado.

Relembre o caso

O projeto de mudança de endereço da 16ª CRS começou em maio de 2016, quando o governo gaúcho anunciou a possibilidade de fechamento e unificação de algumas coordenadorias regionais. Na época, ventilava-se a possibilidade da fusão com a 16ª CRS, em Santa Cruz do Sul. O projeto foi descartado na sequência, mas o desejo de economizar seguia com a coordenação local. A oferta de Estrela surgiu no fim do ano passado e desde então, a coordenação negocia com o município, enquanto também avaliava outros imóveis em Lajeado.

NOVA SEDE CRS confirma que mudança para Estrela ocorrerá ainda neste ano

Por mês, a economia com a ida da 16ª CRS para Estrela será de R\$ 25 mil por mês em aluguel

Relembre o caso

O projeto de mudança de endereço da 16ª CRS começou em maio de 2016, quando o governo gaúcho anunciou a possibilidade de fechamento e unificação de algumas coordenadorias regionais. Na época, ventilava-se a possibilidade da fusão com a 16ª CRS, em Santa Cruz do Sul. O projeto foi descartado na sequência, mas o desejo de economizar seguia com a coordenação local. A oferta de Estrela surgiu no fim do ano passado e desde então, a coordenação negocia com o município, enquanto também avaliava outros imóveis em Lajeado.

Por mês, a economia com a ida da 16ª CRS para Estrela será de R\$ 25 mil por mês em aluguel

Fonte: Da autora, representação de publicação do Jornal O Informativo do Vale, edição de 06 de setembro de 2017.

O repórter não opina ou deixa transparecer suas ideologias. Não participa, nem mesmo, dos espaços opinativos, embora isso não seja uma regra oficial. A ideia seria preservar a imagem dos repórteres, vinculando-os apenas com os materiais informativos. Não é feito qualquer espaço para um comentário, como acontece com o “Olhar da Reportagem”, visto no objeto de estudo anterior. Em alguns casos é produzido o box “a gente explica”, que visa explanar determinado assunto em uma linguagem mais simples, com analogias se necessário. Referem-se a temas complexos, geralmente com temáticas associadas à política e à economia.

O próximo formato, a nota, ocupa 437 itens da análise (27%). Seu uso é frequente nas editoriais de polícia, política e do Vale. Geralmente, possuem um espaço determinado, em que são dispostas mais de uma nota. Na polícia, é comum a utilização de uma página ou grande proporção dela para relatar os acidentes e atos de criminalidade em toda região.

Percebe-se que, nesse caso, o formato é utilizado com o objetivo de informar o acontecimento em síntese, com a ocupação de uma pequena área da editoria, possibilitando a inclusão dos demais acontecimentos regionais. Prioriza-se a quantidade de informação e não a sua qualidade. Portanto, constitui-se sempre como uma “nota resumo”.

Figura 7 - Notas da editoria de Polícia

Bombeiros controlam incêndio em empresa

Lajeado - O Corpo de Bombeiros controlou um incêndio em uma empresa, por volta das 17h20min de sábado. O fogo teria iniciado na área de sangria de suínos do frigorífico, onde não havia funcionários trabalhando no momento da ocorrência. Conforme os bombeiros, o fogo atingiu um espaço de aproximadamente 120 metros quadrados e não houve feridos. A causa ainda é desconhecida.

Motorista colide carro em poste após fugir

Lajeado - Um homem de 36 anos foi autuado por embriaguez, direção perigosa e dano após fugir da Brigada Militar (BM), na madrugada de domingo. Segundo o registro, o policiamento recebeu informação sobre o Hyundai HB20 que estava na Rua Julio de Castilhos, no Centro. O motorista não teria obedecido à ordem de parada e seguiu em direção ao Bairro Florestal. Já na Rua Padre Theodoro Amstad, o condutor perdeu o controle da direção do carro, colidiu em um poste e arrancou uma árvore da calçada. De acordo com a polícia, o homem não aceitou fazer o teste de etilômetro e foi liberado após pagar fiança.

Morte em acidente

Dois Lajeados - Giam Minusculi (24) morreu em um acidente de trânsito no km 109 da ERS-129, na madrugada de ontem. O Pelotão Rodoviário da Brigada Militar de Encantado foi acionado para atender à ocorrência envolvendo um VW Gol, placa de São Valentim do Sul. O motorista teria perdido o controle da direção em uma curva e saiu da pista. O veículo capotou e o condutor foi arremessado para fora do carro. Minusculi era morador de São Valentim do Sul.

Motocicleta é furtada

Lajeado - Uma motocicleta Yamaha YBR 125, placa IKV-5075 de Cruzeiro do Sul, foi furtada na noite de sábado, na Rua Germano Berner, no Bairro Florestal. De acordo com o registro, o proprietário da moto estava saindo do trabalho quando avistou um indivíduo furtando o veículo.

Motorista detido

Teutônia - A Brigada Militar recebeu denúncia de que motorista colidiu carro em poste de energia elétrica e estava tentando fugir, na madrugada de sábado, na Linha Winck. No local, condutor admitiu aos policiais que havia ingerido bebida alcoólica e o teste de etilômetro acusou 0,67 miligramas de álcool por litro de ar expelido. Ele foi levado à Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA) de Lajeado e liberado após pagamento de fiança.

Homem com arma

Lajeado - Um homem de 21 anos foi detido ao ser flagrado portando uma arma, na madrugada de ontem, no Bairro Olarias. A Brigada Militar (BM) fazia patrulhamento quando avistou quatro indivíduos em um estabelecimento conhecido por ser ponto de tráfico de entorpecentes. Na abordagem, os policiais encontraram um revólver calibre 38 municiado com cinco cartuchos, na cintura do suspeito. O homem foi autuado por porte ilegal de arma de fogo.

Mulher é agredida

Lajeado - Uma mulher foi agredida pelo ex-companheiro na madrugada de sábado, no Bairro Olarias. Conforme o registro, o casal está separado há cerca de seis meses, mas o homem não aceita o fim do relacionamento. Na madrugada, o agressor foi até a casa da vítima e pediu para reatar a relação. O homem ameaçou a mulher e agrediu-a com socos e chutes. A Brigada Militar foi acionada e o casal foi levado à Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento.

Soco na companheira

Arroio do Meio - Uma mulher foi agredida com um soco no nariz após uma discussão com o companheiro, na madrugada de sábado. De acordo com o registro, a vítima jogou um copo de vidro na cabeça do companheiro. A mulher foi até um bar nas proximidades da casa e pediu socorro. A Brigada Militar foi acionada e levou os dois até a Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA).

A nota apresenta-se a partir de eventos que já aconteceram, com linguagem simples e objetiva. Em resumo, aborda apenas o lead da notícia, respondendo quem, fez o que, quando, onde, como, e por que. Todas as notas são definidas como informativas e noticiosas, sem qualquer comentário, como pode ser apresentada no gênero opinativo.

Já a reportagem é sempre em profundidade, ocupando de uma a duas páginas, com espaço no início de cada edição. O Informativo trabalha com o “tema do dia”, em que um assunto factual é desenvolvido por meio de uma reportagem. Sua estrutura altera-se entre 12 a 24 parágrafos. Assim como a sua dimensão, as fontes também são diversificadas, apresentando até 8 citações de entrevistados.

Figura 8 - Tema do Dia



Fonte: Da autora, representação do Tema do Dia, publicado no jornal O Informativo do Vale, edição de 22 de setembro de 2017.

O “tema do dia” caracteriza-se pelo acontecimento mais importante da edição. É o assunto do momento, o que se discute na cidade e na região. Todos os textos dessa categoria classificaram-se como atuais, divididos nos formatos de reportagem de fatos ou de ação. Já as demais reportagens são produzidas conforme a editoria em que estão inseridas, abordando um acontecimento ou uma temática, como

registrado no Dia do Gaúcho, em 20 de setembro. Nessa semana, a cada edição era introduzida uma reportagem que envolvia a cultura tradicionalista gaúcha.

Em todos os casos a linguagem permaneceu formal, sem qualquer tipo de abreviação ou utilização de termos comuns da língua falada. Diferentemente da Folha do Mate, que apresenta mais de um estilo. O Informativo mostra-se mais padronizado, com abertura, priorização dos acontecimentos importantes, citação de fontes, fotografias marcantes, e se necessário, gráficos e tabelas como complementos. Essa característica foi admitida pela editora do jornal em entrevista para o estudo.

A gente vai se atualizando, se modificando, mas temos uma linha editorial mais séria, um jornal mais formal. Eu diria que é um jornal menos despojado, digamos assim. Temos a atualização de linguagem, principalmente de termos que evitamos usar. Procuramos adequar porque estão surgindo coisas novas, sempre se atualizando, mas sempre com formalidade. Cada repórter tem o seu estilo próprio, que a gente tenta mais ou menos direcionar para o do jornal (FERREIRA, Luciane, 2017, APÊNDICE B).

Outro fato em que se difere da Folha do Mate é no uso dos tempos verbais. A Folha, em alguns casos, noticia possíveis acontecimentos, com linguagem conjugada no futuro. Isso não é registrado em nenhum caso no Informativo, que mantém o foco no que já aconteceu ou acontece no dia da publicação.

Para finalizar esse formato é importante ressaltar que a reportagem é o tipo de texto que é melhor trabalhado pela redação, mesmo que ocupe apenas 3% da amostra. Percebe-se o empenho em publicar informações completas e contextualizadas, informando a partir de diferentes fontes e buscando outros recursos quando necessário.

Por fim, no último formato desse gênero, a entrevista é utilizada como complemento de notícias e reportagens. Não é frequente, já que na maioria dos casos, as entrevistas são transcritas em texto como parte de alguma informação. Esse fato é perceptível pelo número de fontes apresentadas nos demais formatos.

Nas entrevistas com formato de perguntas e respostas, todas registraram apenas três questionamentos. Nenhum participante teve seu relato publicado na

íntegra ou em mais detalhes. Percebe-se que não é um formato com prioridade no jornal, sendo apenas publicado com fontes oficiais e em situações mais polêmicas. Foram identificadas entrevistas nas seguintes categorias: rituais, envolvendo acontecimentos recentes; e testemunhais, com perspectivas diante um fato.

Portanto, a informação é a essência do jornal impresso, que apresenta notícias e reportagens contextualizadas e com informações completas. Utiliza a nota como recurso para atingir maior abrangência ou informar casos que não pertencem ao Vale do Taquari, como acontecimentos na política e no esporte nacional. Já a entrevista é publicada como complemento, em que se destaca a fala do participante.

A opinião ocupa parte da amostra (8%), com a coluna como formato mais frequente (4%). A publicação do formato é diária, alterando a temática e o autor. São produzidas por convidados e colaboradores do jornal, ou seja, pessoas que já são reconhecidas pela comunidade e pelos leitores, devido ao seu vínculo com determinado tema. Negócios, política, sociedade e esportes destacam-se entre as temáticas dessa categoria.

A crônica e o artigo localizam-se sempre na segunda página, com colaboradores fixos. Nesse espaço, o participante escreve conforme o tema de sua escolha. Experiências profissionais, pessoais, assuntos do cotidiano, educação, política e saúde foram os temas mais citados. As características do espaço alteram-se conforme o perfil do escritor.

Enquanto que na crônica busca-se trabalhar o imaginário para transmitir uma lição de moral ou abordar uma narrativa, o artigo sempre apresenta argumentos com base em dados reais, comparando épocas e lugares, além da construção de argumentos, e opiniões fortes. Além dos participantes fixos, o jornal abre espaço para os leitores que desejam colaborar sobre um tema ou posicionar-se diante determinada situação. O material passa por avaliação do jornal, já que são propostos alguns critérios de publicação.

A caricatura é inserida uma vez a cada edição, por meio da charge. Envolve diversas temáticas, entre as mais frequentes, política, futebol e educação. É assinada sempre por Rafael Sgarbi com uma crítica associada a temporalidade, representando 1,72% do estudo.

O editorial, conforme citado em entrevista (APÊNDICE B), é publicado apenas quando é necessário um posicionamento ou manifestação por parte da empresa jornalística. São casos raros, em que há polêmica sobre um acontecimento ou uma mudança na estrutura do jornal. Nos 29 exemplares do estudo, não foi registrado nenhum item desse formato.

Assim, o Informativo do Vale apresenta apenas quatro formatos do gênero opinativo. Entretanto, são veiculados todos os dias pelo menos três ou mais materiais que expressam algum ponto de vista. A redação não se envolve com esses formatos, em nenhum momento. Portanto, o gênero apresenta-se por meio de produção de conteúdos dos leitores, dos colaboradores fixos e de convidados. O jornalista não exercita a sua opinião por meio do impresso.

Já o utilitário apresenta supera o gênero opinativo. Ocupa a segunda colocação no quesito frequência (25%). O formato mais utilizado é o serviço, com 150 itens (9%) em toda a amostra. Em seguida, aparecem o roteiro e o indicador (6,81%), ambos ocupando com 107 materiais. Por fim, a cotação ocupa a quarta colocação entre os formatos desse gênero, com apenas 30 itens (1,91%).

O serviço é utilizado basicamente como complemento de matérias. Apresenta-se de duas formas: uma espécie de resumo do que foi noticiado; ou também como complemento, com outras informações relevantes para o leitor, entre elas, endereços, telefones, prazos e horários.

O roteiro é publicado sempre envolvendo eventos culturais, com a programação e demais informações relevantes. Também é comum no esporte, com a divulgação dos jogos e campeonatos amadores e profissionais de toda a região do Vale do Taquari. É um recurso que visa facilitar a informação ao leitor, que ao invés de ler todo o texto, pode simplesmente consultar o box ou tabela que está junto a matéria.

Apenas um dos roteiros é fixo, na edição do final de semana, com a publicação de atividade religiosas que acontecem nas proximidades. Para esse caso, é reservada uma página para que seja publicado apenas esse formato, que se apresenta em uma mescla de nota e roteiro.

A cotação é diária, sempre fixa na página dois. A previsão do tempo tem a mesma frequência, sendo característica do formato indicador. Além da meteorologia, é utilizada com frequência no esporte, a partir da classificação e resultados de partidas.

Figura 9 - Formatos de Indicador e cotação



Fonte: O Informativo do Vale, p. 02, 23 set. 2017.

No gênero diversional são contabilizados apenas 3 itens (0,19%), no formato de história de interesse humano. Todas registram a história de um personagem, a partir de um fato determinado, em que a fonte se torna protagonista do texto. A linguagem basicamente não se altera nesse tipo de texto, já que também não é comum à sua publicação.

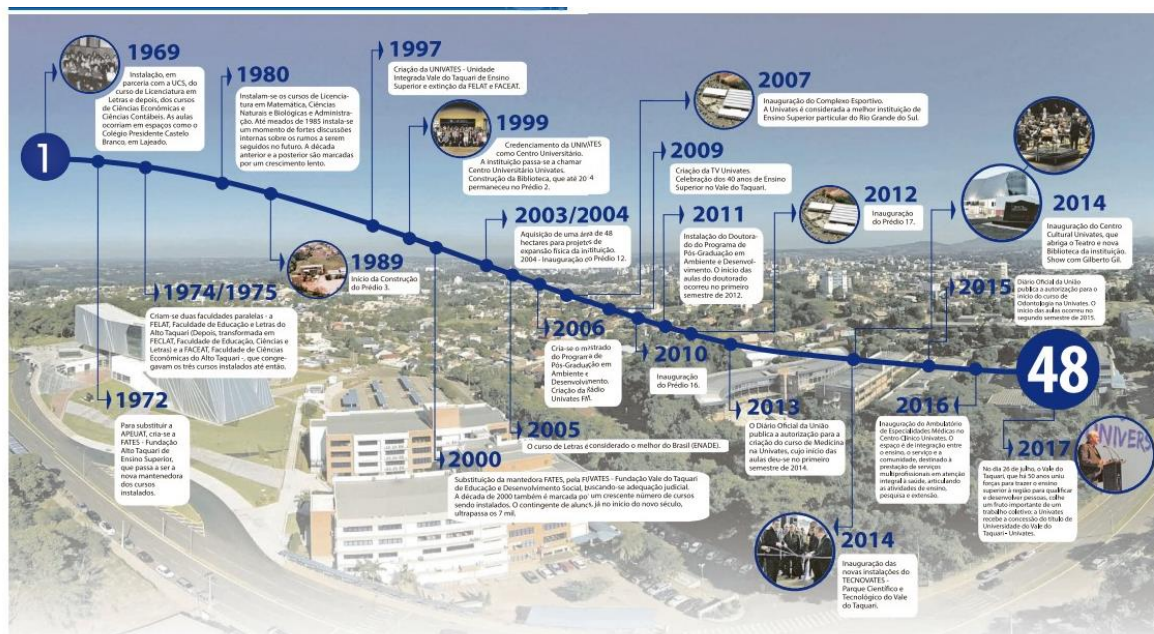
Em entrevista, a editora do jornal afirma que são publicadas apenas histórias relevantes, que sejam do interesse do leitor, já que o jornal se caracteriza essencialmente como noticioso, com foco na produção de conteúdo sobre fatos recentes.

Por fim, trabalha-se o interpretativo com apenas um formato durante o período de amostra. A cronologia, com 4 publicações (0,25%), não apresenta um padrão. Ocorre apenas em casos específicos, quando requer uma reportagem em profundidade ou caderno especial. Deste período, destaca-se a cronologia feita para descrever a história da Univates, que passou pela transição de Centro Universitário para Universidade do Vale do Taquari.

Nesse formato, conta-se a partir de uma ilustração a história e fundação da universidade, bem como a sua evolução ao longo dos anos. A cronologia é um

complemento do caderno, que também apresenta entrevistas, dados estatísticos e informações sobre os cursos oferecidos pela instituição.

Figura 10 - Cronologia da história da Univas



Fonte: Jornal O Informativo do Vale, edição de 22 de setembro de 2017, páginas 6 e 7 do caderno especial "Universidade"

Portanto, o jornal O Informativo do Vale tem sua essência na informação, desenvolvida principalmente por meio de notícias e notas, que apresentam os acontecimentos recentes de forma clara e objetiva. Para quebrar esse fato, aposta em reportagens com detalhes, fotografias bem produzidas e dados de complemento, que são publicados pelo menos uma vez a cada edição, com o "tema do dia". O utilitário é um gênero que se apresenta constantemente ao leitor, com o objetivo de oferecer algum tipo de serviço. Assim, foram registrados todos os formatos referentes aos gêneros informativos e utilitário.

Entretanto, o mesmo não acontece nos demais gêneros. A opinião é emitida por meios de colunas, crônicas, artigos, e caricatura, desenvolvidos por convidados e colaboradores que não possuem vínculo com o jornal. Comentários, resenhas, cartas do leitor, e editorial não foram registrados. O diversional é desenvolvido apenas pela

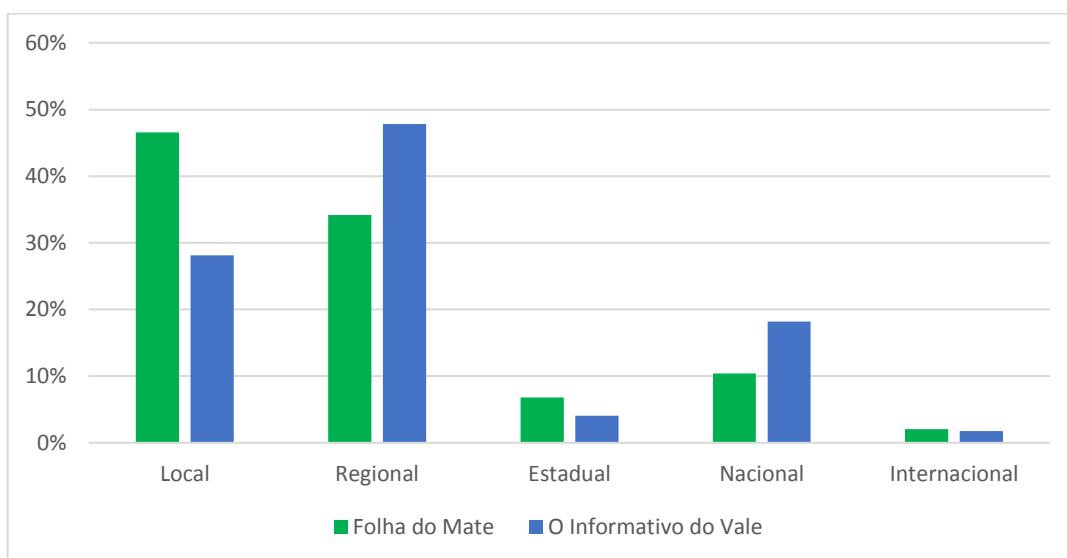
história de interesse humano, em casos específicos. O mesmo ocorre com os formatos do gênero interpretativo, publicados apenas eventualmente.

5.3 Comparações entre os jornais a partir dos gêneros mais frequentes

Feitas as considerações sobre os gêneros presentes em cada impresso, essa seção tem como objetivo comparar alguns materiais entre os jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale, a fim de descrever pontos que foram relevantes ou característicos em cada um durante o período de estudo.

Ambos jornais denominam sua abrangência em mais de um ponto da região. O Informativo cobre todos os 38 municípios do Vale do Taquari, enquanto que a Folha do Mate aborda informações locais e também referentes às cidades de Mato Leitão, Vale Verde, Passo do Sobrado e Santa Cruz do Sul. Para verificar essa questão, cada conteúdo teve sua cobertura analisada.

Gráfico 5 - Abrangência dos Jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale



Fonte: Da autora, com base nos jornais Folha do Mate e o Informativo do Vale, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

Conforme o gráfico, percebe-se que a Folha do Mate, nesse período, prioriza conteúdos locais, com 868 itens (46%) da amostra. Já O Informativo do Vale concretiza sua abrangência como regional, ocupando 752 itens da análise (47%). Embora o primeiro jornal centralize seu conteúdo na cidade em que está inserido, a âmbito regional também apresenta resultado significativo (34%). Percebe-se que a Folha do Mate tenta equilibrar seus conteúdos nessas duas dimensões.

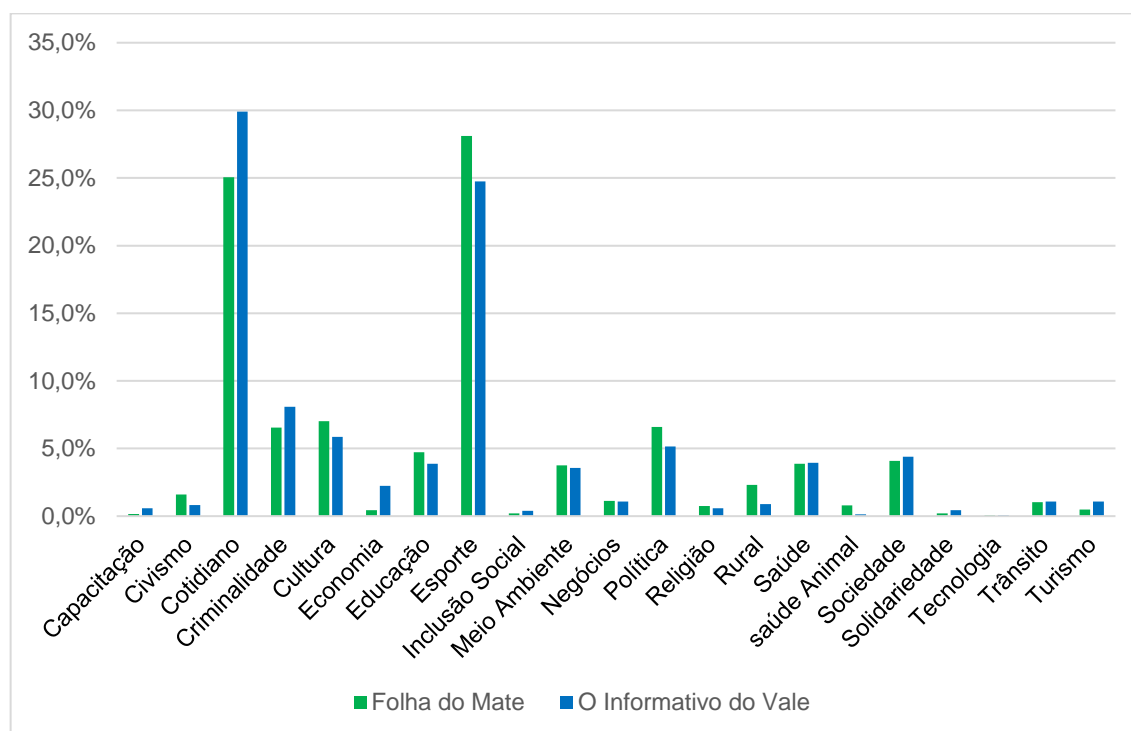
No Informativo, a diferença é mais significativa, do regional (47%) para o local (28%), o que mostra o inegável caráter regional do jornal. Nas demais amplitudes, a maior diferença está no alcance nacional. Enquanto O Informativo obtém 286 (18%), a Folha do Mate registra 194 itens (10%). Já os conteúdos estaduais e internacionais mostram-se de forma semelhante nos dois objetos de estudo.

Quanto aos formatos utilizados em cada abrangência, as seções locais e regionais da Folha do Mate apresentam frequentemente o uso de notícias e notas. No estadual, nacional, e internacional, prevalecem as notas. Já no Informativo do Vale, as reportagens são equilibradas entre o local e regional. Conteúdos nacionais, por vezes, recebem espaços e são publicados como notícia. Entretanto, sempre com a presença de um personagem ou fato que tenha conexão com a região ou com a cidade de Lajeado. Ou seja, transcrevem um acontecimento nacional com base na visão regional. Ainda assim, a nota ainda é o formato mais frequente nesse contexto.

Na opinião, em ambos impressos, concentram-se os assuntos nacionais, principalmente por meio dos formatos coluna e artigos. O utilitário é um recurso utilizado tanto em notícias e reportagens, como também em notas, e por isso, também tem sua distribuição em todas as modalidades.

Além da abrangência, identificam-se as temáticas abordadas por cada jornal, com o objetivo de reconhecer quais assuntos, de forma geral, pautaram a Folha do Mate e O Informativo do Vale.

Gráfico 6 - Conteúdos jornalísticos: principais temáticas



Fonte: Da autora, com base nos jornais Folha do Mate e o Informativo do Vale, no período de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017.

Os jornais trabalham, basicamente, com os seguintes temas: capacitação; civismo; cotidiano; criminalidade; cultura; economia; educação; esportes; inclusão social; meio ambiente; negócios; política; religião; rural; saúde; saúde animal; sociedade; solidariedade; tecnologia; trânsito; e turismo.

Assuntos esportivos e acontecimentos do cotidiano destacam-se em ambos jornais, sendo as temáticas mais abordadas durante a amostra. As demais apresentam-se de forma equilibrada, com apenas os setores de cultura, criminalidade e política com mais representatividade (entre 5% e 10%). Para saber como os veículos de comunicação abordam cada temática e gênero, são citados alguns exemplos a seguir, com base nas categorias mais frequentes dos jornais: informativo, utilitário e opinativo.

O primeiro exemplo citado refere-se a temática saúde, a partir do tema “Doações de Órgãos”. Ambos jornais publicaram informações a partir dos gêneros

informativo e utilitário. A Folha do Mate apresenta uma reportagem no dia 27 de setembro, enquanto que no Informativo, na mesma data e na seguinte, divulga uma reportagem e uma notícia. Inicialmente, relatam-se as diferenças entre as reportagens, para em seguida, abordar a notícia extra publicada pelo jornal de Lajeado.

Figura 11 - Comparação os jornais a partir do tema “Doações de Órgãos”



Fonte: O INFORMATIVO DO VALE, p. 03, 27 set. 2017; O INFORMATIVO DO VALE, p. 07, 28 set. 2017; FOLHA DO MATE, p. 10, 27 set. 2017.

Ambos exemplares utilizam títulos semelhantes, em tom emocional, que propõe ao leitor a reflexão do tema já no primeiro contato com o texto (ANEXO C). Na linha

de apoio, as situações já se alteram. A Folha do Mate foca no órgão mais procurado para o transplante, apresentando o número de pessoas que já doaram elementos do organismo no do Rio Grande do Sul, enquanto que o Informativo do Vale relata os dados a partir da cidade de Lajeado e do estado.

Em duas páginas, com três fotografias, dois gráficos e 9737 caracteres de texto, a Folha do Mate dá início ao tema relatando que embora o assunto seja muito divulgado, os resultados ainda são baixos, mencionando o Dia Mundial da Doação de Órgãos.

Há muito tempo se fala sobre a necessidade das pessoas doarem órgãos, mas a verdade é que, embora muita gente tenha conhecimento sobre essa importância, o número de doadores ainda é considerado baixo. A data de hoje é denominada de Dia Mundial da Doação de Órgãos e tem como objetivo, justamente, sensibilizar as pessoas sobre o assunto (FOLHA DO MATE, p. 10, 27 set. 2017).

Enquanto isso, o Informativo apresenta a reportagem em apenas uma página, com uma fotografia, uma ilustração e o texto de 6440 caracteres. Inicia a matéria com a história de uma fonte testemunhal, relatando sobre o dia em que realizou a cirurgia de transplante.

Em 2 de novembro de 2007, Christian Goulart (40) recebeu uma nova vida. Há quase dez anos, a data representa gratidão e renascimento, pois ele passou por um transplante de rim e pâncreas no Hospital da PUCRS de Porto Alegre. A doação, que mudaria sua rotina para sempre, veio do Paraná (O INFORMATIVO DO VALE, p.03, 27 set. de 2017)

Enquanto que o primeiro jornal parte do contexto de baixa participação, expondo que o assunto não tem a adesão e conscientização necessária, o segundo impresso parte de uma história de vida, em linguagem que instigue o leitor a conhecer a vivência do personagem, e consequentemente, seguir a leitura. Apenas no segundo parágrafo há a menção da data comemorativa, em que se explica o motivo da reportagem e da escolha de fonte. O texto segue com a história do receptor, incluindo o processo que o levou ao transplante e o seu depoimento sobre a espera do novo órgão.

Enquanto isso, na Folha, após a abertura há a inserção de dados, obtidos por meio da Central de Transplantes do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, apresenta a quantidade de efetivos e possíveis doadores no estado, incluindo o ranking de transplantes no período entre janeiro e junho de 2017. No terceiro parágrafo, dá continuidade as informações, alterando sua abrangência para a cidade de Venâncio Aires. Descrição que é feita de forma direta e objetiva, para que o leitor interprete os números apresentados.

Apenas ao fim desse parágrafo, retoma o tom emocional do título, ao publicar a seguinte frase “talvez quem nunca precisou de uma doação de órgãos não saiba o quão difícil é ficar na fila de espera e o quanto cada dia a mais vivido é uma vitória. Muitas vezes, é quando está doente que a pessoa reconhece o quão fundamental é ter saúde” (FOLHA DO MATE, p. 10, 27 set. 2017). Desta forma, faz com que o leitor se imagine na mesma situação, gerando a reflexão do tema.

No quarto parágrafo, insere-se a fonte testemunhal, humanizando a reportagem. Até o fim desta primeira página, conta-se a história de aguardo de mais seis anos por uma doação. Relata-se não apenas como o problema de saúde surgiu, levando a fonte à fila de espera, como também todo procedimento até conseguir, de fato, a cirurgia. A partir do depoimento, o participante descreve o ganho na qualidade de vida, e o quanto a sua rotina mudou desde o procedimento.

O aposentado observa que vive mais feliz, principalmente por não precisar mais fazer hemodiálise: “Antes eu ficava preso, não podia viajar, porque três vezes por semana eu tinha que ir para o hospital”. Além disso, com um sorriso largo, ele fala sobre a importância da doação de órgãos: “A doação ajuda a dar uma expectativa melhor de vida. A pessoa vive melhor, sem esse obstáculo que priva a gente de muita coisa, como beber líquido, no meu caso” (FOLHA DO MATE, p. 10, 27 set. 2017).

A história torna-se ainda mais interessante ao anunciar que a fonte já havia sido chamada para o transplante em uma outra oportunidade. Entretanto, na primeira tentativa, outro candidato constava como melhor receptor do órgão, o que fez com que o entrevistado voltasse para o aguardo. Ao inserir esse fato, a reportagem esclarece que a situação de doações de órgãos ainda requer avanços e adesões, já

que a compatibilidade do órgão precisa ser analisada conforme o paciente e há poucos participantes.

Ao fim da página, apresentam-se dois gráficos que incluem o número de pessoas contidas na lista de espera no Rio Grande do Sul e quantos transplantes foram realizados durante o ano de 2017 no estado. É possível acompanhar a variação dos índices conforme o órgão necessitado, entre eles, rim, fígado, pulmão, coração, córnea, e medula óssea.

Feito esse desenvolvimento em ambos jornais, a continuidade da matéria ocorre de forma semelhante, novamente com a aproximação do fato ao leitor. O Informativo traz dados sobre os procedimentos realizados no Hospital Bruno Born de Lajeado, incluindo o anúncio de uma ação que visa a conscientização do tema. Além disso, inclui o depoimento de uma fonte da área de saúde, que explana sobre os desafios em sensibilizar as pessoas para um ato generoso que pode salvar vidas.

Já na Folha do Mate, também com fontes da área da saúde do hospital local, descreve-se como funciona a doação de um órgão a partir do relato da equipe do Hospital São Sebastião Mártir, de Venâncio Aires. Enquanto que no primeiro jornal destaca-se a importância em doar, no segundo, explicam-se as principais dúvidas envolvendo o tema, entre elas, a diferença em doar um órgão em vida e em casos de morte, as diferenças entre morte cerebral e coma, além dos procedimentos em caso de morte encefálica.

No Informativo, não há esclarecimentos ou citações envolvendo as principais dúvidas. Para encerrar a reportagem, mencionam-se o número de cirurgias realizada Central de Transplantes do Rio Grande do Sul em 2017. Em forma de texto, citam os mesmos números apresentados em gráficos pela Folha do Mate, complementando com falas do Secretário Estadual da Saúde, João Gabbardo dos Reis e do Governador, José Ivo Sartori. Ao lado do texto, disponibiliza-se uma ilustração, com a finalidade de exibir o número de transplantes realizados entre 2012 e 2017, em Lajeado.

Com essas informações, percebe-se que a Folha do Mate produz sua reportagem a partir do relato humanizado, garantindo espaço para que a fonte conte toda sua história. Ao mesmo tempo, também abordam questões polêmicas em relação

ao tema, e que em muitos casos, são dúvidas para a população. Observa-se que o objetivo é esclarecer essas questões ao leitor, para que, dessa forma, se sensibilize com o caso e perceba a importância em doar. Apesar do Informativo do Vale também contar com uma fonte testemunhal, o relato ocorre de forma breve, priorizando os demais dados, referentes aos transplantes em Lajeado e no estado.

Embora tenham o mesmo tema, utilizem o mesmo gênero e o mesmo formato, cada veículo de comunicação apropria-se do assunto de forma diferente. Enquanto a Folha do Mate apresenta uma reportagem mais rica em conteúdo, o Informativo segmentou o tema em duas edições, produzindo, no dia seguinte, uma notícia de meia página que relata o evento realizado para conscientização da população e o desejo de um cidadão em ter seus órgãos doados. Além dessa fonte, conta a avaliação do evento a partir da visão dos profissionais do hospital responsável pela ação.

Como complemento, traz resumidamente a explicação dos procedimentos ao doar um órgão, citando a necessidade da autorização dos membros da família, em caso de morte encefálica. Pode-se dizer que é um complemento da edição anterior, fazendo com que o tema tenha visibilidade em mais de um dia no jornal. São mudanças significativas de um veículo para outro, que podem gerar diferentes percepções, já que um foca na história de vida e em dúvidas frequentes, enquanto outro, tem como prioridade os dados divulgados sobre o tema.

Feitas essas considerações, outro assunto também citado por ambos impressos foi o suicídio, em decorrência de setembro ser conhecido como mês da prevenção.

Novamente com predominância do gênero informativo, os jornais trabalham com a temática de forma semelhante. Constata-se o primeiro ponto em comum nos títulos das matérias, que pouco diferem. Na linha de apoio, a situação permanece igual, com o anúncio de atividades voltadas à preservação da vida. Alteram-se apenas a forma de comunicar, já que a Folha do Mate especifica ações de um órgão, enquanto O Informativo relata o mesmo de forma abrangente, sem citar detalhes (ANEXO D).

Figura 12 – Tema “Suicídio” publicado nos veículos de comunicação



Fonte: Da autora, representação das notícias publicadas nos jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale, nas edições de 02 e 04 de setembro de 2017, respectivamente.

A Folha do Mate opta por uma breve abertura, em linguagem formal, clara e objetiva. “Para marcar o Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio, o Centro de Atendimento Psicossocial II (Caps II) de Venâncio Aires tem programado várias atividades para promover a valorização da vida” (FOLHA DO MATE, p. 3, 02 set. 2017). As informações acabam sendo repetidas entre a linha de apoio e a abertura do texto. Após, citam as características do evento, como a descrição da abertura das atividades a partir de uma roda de conversa.

A narração persiste em dois parágrafos, para em seguida, inserir o relato de uma fonte do órgão, a psicóloga do Caps II, que expõe como detectar os sinais de alerta. Complementando essa fala, há a declaração da coordenadora do órgão, que cita a importância que essas atividades podem representar na vida das pessoas. As fotos complementam o discurso, mostrando algumas práticas do Centro de Atendimento. Para encerrar, é disponibilizado um breve roteiro, anunciando o próximo encontro do grupo, convidando a comunidade a participar. Cita o local, horário, atividades e uma atração realizada pelo próprio grupo.

O foco de todo texto está nas atividades realizadas pelo Caps II, caracterizando sua abrangência como local, mesmo que o Setembro Amarelo seja um mês de conscientização em todo o país. As fontes e o foco mantiveram-se na cidade, priorizando o anúncio da programação. Não são inclusos outros tipos de dados ou

fontes que pudessem colaborar com a história de vida e do atendimento que recebe junto ao órgão. Todos depoimentos permanecem como fontes oficiais.

No Informativo do Vale, observa-se que a primeira mudança se refere a abrangência do tema, que, ao contrário do anterior, desenvolve o assunto de forma regional. Além disso, a abertura traz detalhes sobre a conscientização, citando ser uma pauta de saúde pública devido ao aumento de casos de suicídio.

Ao longo do mês de setembro, com o objetivo de contribuir para a prevenção dos casos de suicídio, diversas entidades da região do Vale do Taquari promoverão atividades. Aumento nos casos é uma das grandes pautas na área da saúde pública. A adesão de organizações ao movimento Setembro Amarelo tem crescido desde 2014, ano de instituição do mês como marco na prevenção ao suicídio no Brasil. Neste ano, a Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo (Unimed VTRP), o Hospital Bruno Born (HBB) e a Clínica de Psiquiatria Avançada promovem atividades de prevenção conjuntas. A Univates também se mobiliza para tratar sobre o tema durante o mês (O INFORMATIVO DO VALE, p. 3, 03 set. 2017)

Após a abertura, a matéria ganha continuidade a partir da fala de um psiquiatra, que menciona alguns dados de suicídios no Vale do Taquari, comparando-os a nível nacional. Cita que o assunto requer atenção, principalmente quando envolve o público jovem. Para finalizar, indica que falar abertamente sobre o tema é buscar a prevenção. Com isso, encerra-se a fala da fonte.

Ao lado, em um box intitulado “saiba mais” são disponibilizadas informações sobre o início das campanhas de conscientização no Brasil, esclarecendo o objetivo que envolve o tema. Assim como na Folha do Mate, publica-se o roteiro de programação das ações realizadas, a partir das cidades de Lajeado e Encantando.

Ambas utilizam a notícia como base para divulgar um tema de extrema importância, utilizando como apoio as programações locais ou regionais. O foco permanece nas ações realizadas, unindo a notícia (Gênero Informativo) ao roteiro (Gênero Utilitário). Trabalham a questão de forma semelhante, com fotos e programações, alterando apenas no número de fontes (2 na Folha do Mate e 1 no Informativo do Vale). A data de publicação também varia entre os jornais, sendo anunciado no dia 2 setembro na Folha do Mate, junto a edição de conjunta do final de

semana. No Informativo, o tema compõe o jornal na edição de segunda, 04 de setembro.

Essas matérias, com pontos em comum, permitem observar um ato frequente em ambos jornais em relação ao tema de estudo. Constatamos um dos indícios que os gêneros não possuem sua estrutura rígida, já que uma notícia pode também conter outras características, unindo as estruturas de gêneros. Ambas publicações visam noticiar o fato e proporcionar informações utilitárias ao leitor. Essas características também são perceptíveis nos exemplos a seguir.

Figura 13 - Publicações do jornal O Informativo do Vale



Fonte: O INFORMATIVO DO VALE, p. 04-05, 04 set. 2017; O INFORMATIVO DO VALE, p. 07, 01 set. 2017.

As matérias envolvem os novos dados divulgados pela Fundação de Economia e Estatística do Estado (FEE). A partir da inserção do assunto em duas edições distintas, nos dias 1 e 4 de setembro. A primeira refere-se ao número de crianças no Vale do Taquari, que durante as últimas décadas teve seu índice decrescente. Já na segunda, há o anúncio da vida próspera dos idosos em Lajeado (ANEXO E).

No caso da reportagem, os números representam uma nova realidade em comparação aos anos anteriores, citando os fatores que contribuem para essa mudança na sociedade. “Invertendo a curva da redução do número de filhos, o Vale do Taquari contabiliza, ao longo de uma década, um crescimento de 9,13% no número de crianças de 0 a 4 anos” (O INFORMATIVO DO VALE, p. 04, 04 set. 2017).

Após, há a introdução da história de uma família, como fonte testemunhal. Os próximos cinco parágrafos são descrições dessa vivência. Os dados são citados novamente a partir do crescimento da população no Rio Grande do Sul, comparando-os com a região e esclarecendo que índice é positivo.

Na página seguinte, continuação da reportagem, abordam-se os possíveis desafios na educação de crianças, como a procura por vagas em escolas de educação infantil e a missão dos professores nos educandários. Ao lado, são disponibilizados alguns recursos do gênero utilitário, com base no relatório divulgado pela fundação de economia. Os indicadores apontam a variação no crescimento de crianças entre 0 a 4 anos, no período de 2006 a 2016, em todas as cidades pertencentes ao Vale do Taquari. Como resumo dessa tabela, há um novo indicador na sequência, que apresenta de forma objetiva e simples o contraste nos números entre o intervalo de dez anos.

Enquanto que a reportagem expõe quatro pontos de vista que se completam, levantando questões que envolvem o tema, a notícia divulgada anteriormente apresenta apenas o relato de uma fonte, que explica o mapeamento das áreas que integram o estudo. Também com base nos dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE), afirma-se o aumento do número de idosos na cidade.

Em dez parágrafos, são citadas as avaliações da fonte, que estuda o envelhecimento da população na região; a apresentação dos dados conforme idade e sexo; além das especificidades que esses dados representam, já que envolvem o comportamento do indivíduo com o passar dos anos e a estrutura que é necessária para que se tenha qualidade de vida na terceira idade.

Novamente há o recurso que possibilita compreender a variação da população no período de dez anos que compuseram o estudo. O indicador apresenta informações de forma clara e objetiva, com base na idade da população. Atua como uma espécie de resumo de tudo aquilo que foi dito na notícia, conferindo ao texto a interpretação desses números.

O assunto também foi pauta na Folha do Mate. Na edição de 31 de agosto, o jornal apresenta os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com prioridade para os números que envolvem Venâncio Aires.

Figura 14 - Publicação do Jornal Folha do Mate



Fonte: FOLHA DO MATE, p. 08, 31 ago. 2017.

A redação faz a própria análise dos dados, sem mencionar ou relatar outras fontes. Apresenta os dados, comparando-os com a versão anterior divulgada pelo instituto, ressaltando as diferenças ocorridas no período de um ano. Faz o mesmo com as cidades próximas, como Lajeado e Santa Cruz do Sul. Ao fim, em um box, cita os destaques do Brasil, com os cinco estados mais populosos do país.

Trata-se de uma notícia, que embora relate os dados, não revela detalhes. Assim como no texto, há um indicador que apresenta a diferença numericamente entre os municípios da região, oferecendo ao leitor um panorama da situação. Enquanto que no primeiro jornal foi possível trabalhar a partir de dois ângulos, aqui, ressalta-se apenas os dados, não os relacionando a nenhuma outra fonte que pudesse analisar ou explicar os fatos.

Nesse caso, os textos do Informativo do Vale caracterizam-se pela qualidade e quantidade de informação em relação à Folha do Mate, fazendo com que o leitor se atualize e forme a própria opinião, já que são oferecidos depoimentos, dados estatísticos e diferentes contextos envolvendo o tema.

Esse é um dos casos em que o Informativo opta pelo aprofundamento de dados, enquanto a Folha noticia o fato em síntese. Essa ação mostrou-se comum na

redação durante o período de análise, tornando-se também evidente pelos dados coletados na amostra, que indicam mais reportagens no jornal em relação ao outro.

Outro ponto que também se destaca nesse item, é a disposição gráfica dos itens. O primeiro apresenta o material bem organizado. No caso da reportagem, pertence a seção “tema do dia”, o que lhe confere toda a página e a seguinte, quando necessário. As fotografias são atraentes e as demais ilustrações que compõe a matéria tornam o tema mais atrativo, chamando atenção do leitor. Os participantes ganham destaque, a partir da publicação da fotografia, que complementa o olho. Por fim, o texto é bem estruturado, tornando-se uma leitura agradável. No segundo, a diagramação do texto acaba não sendo tão atrativa, principalmente por não conter nenhum outro recurso, como boxes, fotografias, e demais ilustrações.

Outro caso semelhante quanto ao desenvolvimento das temáticas ocorre na troca de estação, com a chegada da primavera, em 22 de setembro. Como de costume, a passagem fez parte de ambos jornais, ressaltando as características da estação do ano (ANEXO F).

Figura 15 - Primavera foi pauta nos veículos de Comunicação

PRIMAVERA

Estação das flores chega hoje

Onde o inverno é mais rigoroso, primavera é vista como estação do renascimento das flores

KETHLIN MEURER



PRIMAVERA COMEÇA HOJE E PROMETE CALOR E TEMPERATURAS ACIMA DA MÉDIA HISTÓRICA

Após um inverno seco e com temperaturas elevadas, a estação mais florida do ano está aí. A primavera começa hoje, às 17h. Neste ano, a primavera promete calor e temperaturas acima da média histórica, que costuma ser cerca de 28°C.

De acordo com o Climatempo, para essa estação, não há expectativa de massas polares fortes e eventos de frio atípico como no meio da primavera do ano passado. Conforme o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), há um aumento da probabilidade entre 55% e 60% de ocorrer o fenômeno La Niña no sul durante a primavera e verão deste ano e do próximo. Diferente do El Niño, o fenômeno é a diminuição da temperatura das águas do Oceano Pacífico.

A mudança das estações ao longo do ano é causada devido à inclinação do eixo de rotação da Terra, em relação ao plano da órbita da sua translação. Nos lugares onde o inverno é mais rigoroso, a primavera é vista como a estação do renascimento das flores e folhas perdidas durante a estação mais fria, com o reaparecimento da fauna.

A época de chuvas que ocorre na maior parte do país no fim do ano inicia durante, aproximadamente, a metade da primavera no calendário. Para quem gosta de flores e de muitas cores, a estação é a ideal.

TEMA DO DIA 3



Tempo seco e quente deve marcar a estação das flores, que se inicia hoje

Clima seco, temperaturas dentro e acima do padrão e ausência de temporais irão marcar a primavera

Jardins são tema de concurso em Colinas

Previsão para os primeiros dias de primavera

Horário de verão pode acabar

Fonte: FOLHA DO MATE, p. 04, 22 set. 2017; O INFORMATIVO DO VALE, p. 03, 22 set. 2017.

A Folha do Mate noticiou de forma breve a troca de estação, com 4 parágrafos e 1325 caracteres. A publicação ressalta as temperaturas elevadas para a estação, com base em informações do Climatempo e do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Destaca que períodos de frio atípico não devem ocorrer neste ano, além da previsão de chuva prevista para, aproximadamente, a metade da estação. Em resumo, essas são as informações disponibilizadas pelo jornal.

No Informativo do Vale a primeira grande mudança, novamente, é a extensão do texto, com 4145 caracteres. Como requer o formato reportagem, são disponibilizadas mais informações que na notícia, aprofundando o tema. Além de abordar como deve ser o período, com informações do Núcleo de Informações Hidrometeorológicas (NIH) da Univates, também apresenta um case da cidade de Colinas, a partir de um concurso que elege o jardim mais bonito e florido, contando com o depoimento de um dos ganhadores. Com as mudanças típicas da estação, aproveita para indicar a previsão do tempo para os próximos dias, descrevendo como devem ser os dias na região. Por fim, finaliza noticiando que o horário de verão pode acabar, devido a análise feita pela Casa Civil, com base no estudo do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS).

Como trata-se de um fato que ocorre todo ano, assim como demais eventos e festividades, é necessário buscar novas perspectivas ou casos relacionados ao tema, para que não seja apresentado sempre o mesmo conteúdo. A Folha do Mate, ao optar por uma notícia, informa apenas o necessário para compreender como será a estação. Já o Informativo do Vale opta pela reportagem, envolvendo 4 fatos relacionados ao assunto (apresentação da estação, concurso, horário de verão e previsão do tempo).

Nesse sentido, o Informativo do Vale apresenta melhor desenvolvimento de reportagem durante a amostra. Entretanto, mesmo com o cuidado em relação às fontes e a contextualização dos temas, observados por meio dos materiais coletados, o impresso apresentou um problema grave na apuração dos fatos durante o período, o que causou a distorção da informação (ANEXO G).

Figura 16 - Erro de apuração e interpretação dos fatos



Rio Taquari pertence à classe 4, segundo classificação da Agência Nacional das Águas

Lajeado - O Rio Taquari, na área que abrange Lajeado, pertence à classe 4 e não ocupa a 4ª posição de rio mais poluído do Brasil, como foi publicado pelo jornal *O Informativo do Vale* na edição de sexta-feira. Também, diferentemente do que foi publicado, os rios dos Sinop, Gravataí e Caí fazem parte dos dez mais poluídos do Brasil, mas não estão nas três primeiras posições.

Segundo o diretor de Responsabilidade Social Corporativa da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil), Gilberto Soares, a 4ª classe representa que as águas são para harmonia paisagística e navegação. A classificação é da Agência Nacional das Águas (ANA), ligada ao Ministério do Meio Ambiente.

De acordo com Soares, o objetivo é trabalhar com a conscientização para que as águas do Taquari che-

guem à classe 2. Essa classificação possibilita que as pessoas se banhem nas águas sem o perigo de contrair doenças contagiosas. "Temos um projeto, um compromisso para recuperar o rio em 20 anos. É difícil, mas vamos trabalhar para que chegue à classe 2."

De uma forma geral, sobre os rios e arroios, Soares diz que a maioria está dentro de uma classificação ruim, em função da contaminação. De acordo com ele, isto ocorre pelo fato de as águas estarem próximas de cidades e receberem uma descarga orgânica e industrial.

"A legislação é pesada para as indústrias, mas os problemas foram minimizados. Elas têm investido, cada vez mais, no tratamento de seus efluentes, no reaproveitamento."

Já em relação aos municípios

e Estado, Soares observa que não são realizadas ações para mudar o cenário. "Diante disso, percebemos que os rios sofrem cada vez mais. Na maioria das cidades, não há sistema de tratamento adequado. São fossas ligadas ao esgoto pluvial que também canaliza o esgoto doméstico. Tudo isso vai para os arroios, rios e seus afluentes." Soares palestrou sobre o assunto no Seminário Viva o Taquari Vivo na Univates, que ocorreu na manhã de quinta-feira.

Ele faz parte do grupo da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) que criou o projeto Viva o Taquari Vivo há 11 anos. O objetivo é realizar ações de recuperação das águas e conscientizar a comunidade sobre os cuidados. "O projeto foi sendo mostrado e foi avançando na sociedade. As pessoas abraçaram a causa e também levamos para outros municípios."

Fonte: Da autora, representação do erro de publicação e a sua respectiva correção, nas edições de 1 e 2 de setembro de 2017, no jornal *O Informativo do Vale*.

A primeira imagem é publicada no dia 1 de setembro de 2017, com a afirmação de que o Rio Taquari está entre os quatro mais poluídos do Brasil. A abertura da matéria expõe informações que foram coletadas durante um evento, em Lajeado.

O Rio Grande do Sul possui três dos dez rios mais poluídos do Brasil. O Taquari, que passa por Lajeado e região, ocupa a 4ª posição. Na lista dos três primeiros, estão os rios dos Sinop, Caí e Gravataí. Os dados foram apresentados na manhã de ontem, na Univates, durante o 9º Seminário Viva o Taquari Vivo (O INFORMATIVO DO VALE, p. 12, 01 set. 2017).

O fato seria uma surpresa para a região, já que o Rio Taquari pertencente a Lajeado estaria entre os mais vulneráveis, não apenas no estado, como também nacionalmente. Entretanto, mesmo ao afirmar esse índice, toda a matéria é voltada à descrição da fala dos participantes, conforme seus relatos durante a abertura do seminário. Isso causa estranhamento, já que o título e a abertura do texto mostram-se como itens mais importantes da matéria.

Em nenhum outro momento são citados dados de complemento ou a fonte responsável pela pesquisa. A única informação refere-se à poluição de rios e principalmente do Taquari está na introdução do texto, que não inclui outros detalhes.

Com isso, percebe-se que o objetivo era apenas divulgar o dado, sem qualquer explicação ou contextualização. As fontes trazem informações relevantes, mas citam a conscientização de forma geral, ao apontar as preocupações com o meio ambiente e as consequências caso o ser humano continue agindo com descaso.

Já na edição do dia seguinte, há o esclarecimento dos dados, admitindo o erro cometido na abertura anterior.

O Rio Taquari, na área que abrange Lajeado, pertence à classe 4 e não ocupa a 4ª posição de rio mais poluído do Brasil, como foi publicado pelo jornal O Informativo do Vale na edição de sexta-feira. Também, diferentemente do que foi publicado, os rios dos Sinos, Gravataí e Caí fazem parte dos dez mais poluídos do Brasil, mas não estão nas três primeiras posições (O INFORMATIVO DO VALE, p. 10, 02 set. 2017).

Portanto, a partir da consulta de uma fonte, esclarece que a quarta posição se refere a rios que representam harmonia paisagística e navegação, não se relacionando com os rios mais poluídos do país. Além disso, explica que todos os rios apresentam condições ruins e que a meta no Taquari é chegar a classe 2, em que é possível o banho sem o perigo de contrair doenças contagiosas. Nesse momento, cita que essas afirmações são feitas conforme classificação da Agência Nacional das Águas (ANA), ligada ao Ministério do Meio Ambiente.

Uma possibilidade de o erro ter acontecido é a pressa em noticiar o fato e dar a informação em primeira mão. “A trajetória histórica do jornalismo nos aponta para a natureza do furo de reportagem como característica intrínseca à concorrência ou competição própria do jornalismo” (OLIVEIRA, Hebe, 2013, p.12). Ou seja, o jornal priorizou a repercussão que a matéria geraria, e o modo em que ela afetaria a sociedade, causando surpresa à população. Ao mesmo tempo, é provável que buscasse o reconhecimento em relação aos demais jornais, publicando essas informações.

A recomendação entre professores e estudiosos de comunicação é de sempre checar e analisar todos os dados com cuidado antes de publicá-lo. Mesmo quando erram, é necessário admitir o erro, com a retificação o mais breve possível, e a publicação da correção.

Para que a imprensa exerça seu papel e possa contribuir para a consolidação de uma democracia, é preciso que os meios contem com um elemento fundamental nos tempos atuais: qualidade. O que significa dizer que devem conter informações exatas e corretas, sem distorções, sem omissões, podendo refletir com a máxima fidelidade os fatos do cotidiano (CHRISTOFOLETTI, Rogério; PRADO, Raffael, 2005, p. 4)

A solução por parte do jornal O Informativo do Vale foi publicar novamente uma notícia sobre o assunto, que anteriormente foram caracterizados pela imprecisão e incorreção. Devido ao grande erro, a nova edição buscou manter a credibilidade junto ao leitor, esclarecendo os fatos.

Conforme os autores Christofolletti e Prado (2005), o jornalismo é uma profissão que envolve o compromisso em informar os cidadãos sobre os principais acontecimentos, e por isso, espera-se que o veículo de comunicação publique informações verídicas, precisas, fiéis aos acontecimentos, sem quaisquer distorções. O leitor espera por informação de qualidade. Logo, a confiabilidade das reportagens publicadas por um jornal depende da segurança em que o leitor sente em relação a determinado meio de comunicação.

O erro na primeira apuração fez com que não apenas os dados fossem divulgados incorretamente, como todo o conteúdo que estava relacionado a ele. Nem mesmo as demais fontes na primeira matéria puderam oferecer dados que justificassem a chamada incorreta. Durante o estudo, esse foi o único caso registrado contendo um erro na descrição dos dados.

Voltando às comparações entre os jornais, ambos impressos associam os formatos do utilitário com o gênero informativo, como dito anteriormente. A editoria que mais transparece essa questão é a de esportes, que em praticamente todas publicações oferecem um tipo de serviço, indicador ou roteiro. A partir da edição do 18 de setembro no Informativo do Vale e 19 de setembro na Folha do Mate são comparadas as abordagens feitas a partir do desempenho da dupla Grenal no Campeonato Brasileiro.

Figura 17 - Grêmio e Internacional pautam a editoria de Esportes



Fonte: Da autora, representação da editoria de esporte no jornal O Informativo do Vale, página 15, edição de 18 de setembro de 2017; e o do Jornal Folha do Mate, página 22, edição de 19 de setembro de 2017.

O Informativo, imagem à esquerda, dedica duas páginas aos principais clubes esportivos do Rio Grande do Sul. Ambas publicações possuem a mesma estrutura: título curto, linha de apoio, breve introdução e um box com a narrativa do jogo. Além disso, disponibiliza-se a classificação do campeonato e o resultado da partida, indicando a equipe que entrou em campo e a arbitragem responsável pelos jogos. A notícia, então, recebe o complemento de serviço e indicador, ambos utilitários.

Já na Folha do mate, as informações ocupam meia página, mas de forma semelhante ao Informativo. Nos dois veículos de comunicação, as pautas referentes ao Grêmio possuem adjetivo nos títulos, enquanto que no Internacional fazem mencionam a volta a liderança no campeonato. Apenas a forma de descrever os fatos mudam. No Informativo é apenas feita a narração em resumo dos principais lances, enquanto que a Folha utiliza o comentário de um jogador sobre a partida e relata, de forma geral, como ocorreu o jogo.

Como utilitário, traz os resultados dos confrontos, citando todas as partidas da rodada. Embora o formato envolva principalmente questões financeiras ou

reportagens, produzida sem ter um acontecimento como base, caracterizando como Soft News, isto é, temas leves.

Figura 19 - Reportagem publicada pela Folha do Mate



Fonte: FOLHA DO MATE, p. 10-11, 15 set. 2017.

Com quase sete mil caracteres, a matéria descreve a importância da alimentação saudável, a partir do relato de uma funcionária da escola de educação infantil (ANEXO H). Ela ressalta o cuidado em preparar os alimentos, o que as crianças mais gostam, e a horta cultivada no local. Mostra-se a preocupação em manter a alimentação saudável, como também fazer com que os alunos se interessem pelo que é oferecido, a partir de pratos que despertem a curiosidade.

Para falar sobre isso, a reportagem conta com a participação de uma nutricionista, que relata sobre a produção nos cardápios escolares, levando em conta a localização da escola e do as características do público alvo. São citadas diversas informações que permitem ao leitor a compreensão do processo de cultivo do alimento até as refeições feitas nas escolas municipais.

Portanto, a Folha também investe em pautas mais elaboradas, com extensão de conteúdo e fontes que expliquem os fatos. Entretanto, essa escolha de conteúdo não é tão frequente em comparação ao outro jornal deste estudo. Isso ocorre principalmente quando se tratam de matérias que não possuem data específica para sua publicação, podendo ser armazenadas até que seja viável a sua divulgação.

Além dos materiais informativos e utilitário, é possível ver que alguns itens do gênero opinativo também se assemelham entre os jornais. Ambos impressos possuem espaço para falar sobre política, negócios e outros acontecimentos importantes do cotidiano por meio do formato coluna (ANEXO I).

Figura 20 - Colunas apresentadas nos Jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale



Fonte: Da autora, representação com base em FOLHA DO MATE, p. 04, 13 set. 2017; e O INFORMATIVO DO VALE, p. 06, 14 set. 2017.

No “Gente & Negócios” escrito por Ana Flávia Hantt costumam ser abordadas histórias de empreendedorismo, com publicações em todas as quartas-feiras. No Informativo, o “Mercado em Foco” é de autoria de Simone Rockenbach, com a publicação de fatos envolvendo o tema na região.

Vale lembrar que as colunas se caracterizam pela intercalação entre opinião e informação. Entretanto, em ambos jornais, para esse específico assunto, mostrou-se não há equilíbrio entre os tipos de conteúdo. As colunas são escritas muito mais a partir de notas, ou informes, do que com a apresentação de alguma opinião. São referência para quem busca informações sobre o mercado atual, mas não para quem busca a avaliação de negócios.

Porém, isso não é uma característica de todas as colunas. As que envolvem assuntos do cotidiano e política costumam ser polêmicas, com opiniões fortes e de grande repercussão.

Figura 21 - Comparação entre as colunas



Fonte: Da autora, representação das colunas da Folha do Mate, página 8, em 2 de setembro de 2017 e O Informativo do Vale, página 8, edição de 2 de setembro de 2017.

A coluna de Sérgio Klafke é publicada em formato reduzido durante a semana e ampliada para uma página na edição de fim de semana. A maioria das informações são comentadas, deixando clara a opinião do autor, principalmente quando envolve a temática política. Ao centro da coluna são disponibilizadas publicações mais informativas. Mesmo com foco na política, algumas informações esportivas são publicadas. Há espaço também para uma seção intitulada “Do Twitter”, que apresenta em resumo as principais publicações de autoridades e políticos do país.

Já a “Coluna do Fabiano” também apresenta diversidade em conteúdo, alterando-se entre informação e opinião, com publicações sempre aos sábados. Em alguns casos, chegam a ser publicados notas, colunas, perfis e entrevistas, sendo materiais que integram a coluna. Nem sempre consta a opinião do autor, mas com as

publicações bem trabalhadas e elaboradas, a coluna permite que o leitor produza sua própria opinião sobre os temas.

Com os exemplos citados e os dados coletados, observa-se que embora, na teoria, os jornais Folha do Mate e O Informativo do Vale tenham sua estrutura semelhante, na prática, os conteúdos diferem. Em alguns casos, tratam-se de temas específicos que são trabalhados com mais profundidade de conteúdo em um impresso do que no outro. Entretanto, de forma, geral, pode-se afirmar que durante o período de amostra os gêneros informativo, opinativo e utilitário mostraram-se em uso constante e predominantes em ambos os casos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros jornalísticos caracterizam-se como parâmetros de textualização que estruturam o jornal e identificam os diferentes formatos existentes. São critérios funcionais, que facilitam e orientam a prática de redação. Sua origem não possui uma data específica, embora muitos autores citam que os gêneros nascem juntamente com a profissionalização do jornalismo.

O tema ganha destaque a partir de 1960 com as obras de Luiz Beltrão. Em seus livros cita classificações dos gêneros informativos, interpretativo e opinativo, com base em modelos europeus e norte-americanos. Outros autores entendiam que essa proposta de classificação carecia de detalhes, o que incentivou outros pesquisadores a estudar o tema. Entre eles, destaca-se Marques de Melo, que propôs o modelo mais conhecido e utilizado em ambientes acadêmicos e profissionais. Sua proposta continha os gêneros: informativo, interpretativo, opinativo, diversional e utilitário.

Com base no referencial teórico, este estudo teve como objetivo investigar o grau de relevância dos gêneros jornalísticos na contemporaneidade a partir dos objetos de estudo, identificando também os padrões adotados em cada jornal. Para a análise foram utilizadas as edições de 28 de agosto a 30 de setembro de 2017 dos Jornais Folha do Mate e o Informativo do Vale.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e quantitativa, possibilitando o discernimento significativo sobre o tema. Além da análise, durante o período de amostra, as participações das editoras dos jornais mostraram-se essenciais para a compreensão das rotinas produtivas. Portanto, o estudo concretiza-se por meio de levantamento teórico, entrevistas, e análises de conteúdo, resultando em uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Após o acompanhamento durante cinco semanas de dois jornais reconhecidos na região e identificar e classificar mais de duas mil unidades em cada diário, são necessários alguns apontamentos sobre o que foi observado nesse período. A pesquisa não teve como objetivo julgar as rotinas produtivas dos jornais, mas evidenciar a sua prática e compará-la com as ponderações feitas no âmbito acadêmico.

Percebe-se que os gêneros ainda orientam os conteúdos dos jornais, já que todos, de alguma forma, foram identificados durante o período de amostra. Embora a estrutura de gêneros permaneça sempre a mesma, cada jornal utiliza seus recursos para compor conteúdos diferentes, que despertem o interesse do leitor. Os gêneros informativo, utilitário e opinativo mostraram-se legitimados nesses periódicos.

Na Folha do Mate o conteúdo caracterizou-se como essencialmente jornalístico (62%), seguido pela propaganda (35%) e pelo entretenimento (3%). Quanto aos gêneros, houve predominância do informativo (59,9%), seguido pelo opinativo (11,5%) e utilitário (28,7%). O diversional e o interpretativo obtiveram baixa adesão (0,27%), sendo utilizados apenas em casos específicos. Entre os formatos mais utilizados pelo veículo de comunicação estão a notícia (30%), a nota (27%), a coluna (7,67%), o indicador (11%), o roteiro (9%) e o serviço (7,8%).

Semelhante foi no jornal O Informativo do Vale que registou entre as categorias comunicacionais a predominância do jornalismo (57%), com registro significativo da propaganda (39%) e mínimo de entretenimento (4%). Entre os gêneros, o informativo permaneceu em primeiro lugar (65%), seguido pelo utilitário (25%), opinativo (8,8%). O diversional e o Interpretativo são apenas esporádicos (0,45%). Entre os formatos, destacam-se a notícia (34%), a nota (27%), o serviço (9,5%), o indicador (6,8%), e a coluna (4,3%).

Embora tenham representatividade semelhante, cada jornal produz conteúdos diferentes, mesmo que sigam os mesmos gêneros e formatos. São características de cada veículo que são retratadas a partir dos materiais publicados. O gênero utilitário tem presença marcante e essencial entre os jornais, superando, até mesmo, o opinativo. Enquanto isso, o interpretativo não possui presença significativa, enquanto

que o diversional, com sua baixa frequência, também poderia ser classificado como um tipo de reportagem.

Ambos objetos de estudos confirmaram sua abrangência local e regional, o que configura a segmentação a partir das localidades em que se situam, com adaptação de seus conteúdos a partir dos perfis geoculturais. Ambos veículos de comunicação mostram-se profissionais, evidenciando a divulgação dos fatos por meio do gênero informativo, considerando a objetividade, clareza, concisão e exatidão dos acontecimentos.

As principais diferenças entre os jornais configuram-se no âmbito informativo. O Informativo do Vale (2778 itens), embora tenha registrado menos conteúdo que na Folha do Mate (2993 itens), também obteve destaques durante o período de análise. O principal ponto envolve a reportagem, que é trabalhada de forma mais extensa e aprofundada em relação à Folha do Mate. Apenas em alguns casos, como na doação de órgãos, o jornal de Venâncio Aires obteve pautas mais bem elaboradas do que seu concorrente, incluindo contextos e explicações sobre o assunto.

As notícias são semelhantes em ambos veículos. Buscam sintetizar os fatos, a partir da objetividade, sem deixar de divulgar a informação completa. As notas são inseridas como alternativa para apresentar fatos que, embora seja do interesse do leitor, não abrange conteúdo suficiente para ser desenvolvido a partir de outro formato. Já no opinativo, a principal mudança entre os jornais está nos emissores. Na Folha do Mate os núcleos de jornalistas, a própria empresa, colaboradores e convidados emitem suas posições e perspectivas sobre diversos temas, enquanto que no Informativo, o gênero configura-se a partir de convidados e colaboradores.

Entre esferas comunicacionais, ambos impressos cumpriram com a sua função de coletar e disseminar os acontecimentos sobre eventos do cotidiano, fatos, ideias e pessoas ao denominar a grande parte do seu conteúdo como jornalístico. Nos anúncios, utilizam artifícios para conquistarem novos clientes e mantê-los, já que eles representam uma fonte de sustentação dos jornais.

Outro ponto observado é agregação de gêneros para compor as matérias. O utilitário, em raros casos, é publicado a partir de um fato isolado, mas praticamente sempre como um complemento. O mesmo acontece no opinativo, que, em diversas

vezes, priorizou a informação do que um ponto de vista. O interpretativo e diversional, além de seus objetivos específicos, não deixam de oferecer informações sobre um acontecimento.

Alguns gêneros mostram-se pouco utilizados em virtude de sua integração e produção a partir dos meios digitais. A carta do leitor e o comentário são exemplos de formatos que não foram identificados nos jornais analisados, mas que permitem esse tipo de contato por meio de suas plataformas na internet. Com isso, esses materiais passam a migrar do impresso para ambientes mais tecnológicos e de rápida comunicação.

Nesse sentido, ao comparar a análise da Folha do Mate e do Informativo do Vale aos estudos feitos em jornais dos grandes centros, percebe-se a adequação de conteúdo conforme o meio em que o impresso situa. Por abordar questões nacionais, em muitos casos, esses exemplares utilizam diferentes formas comunicacionais, o que reflete no uso de praticamente todos os gêneros. Isso não ocorre na região do Vale do Taquari e Rio Pardo (RS), não apenas pelas tiragens em menor quantidade ou estrutura reduzida, já que também apresentam todos as modalidades. O que se altera, nesse caso, são os formatos, a frequência de divulgação e os objetivos dos jornais. Os critérios de noticiabilidade são voltados às regiões, assim como todo conteúdo do Informativo e da Folha do Mate. Priorizam noticiar, oferecer serviços e opiniões, do que gerar conteúdos complementares. Isso de acordo com o público dos próprios jornais.

Mesmo que na literatura e no meio acadêmico ainda se discuta muito sobre os embates que marcam as diversas classificações de gêneros existentes, é preciso identificar o que ou quais meios ainda são viáveis para os impressos e de que forma os jornais atuam em suas edições diárias. Assim, identificam-se os avanços nas técnicas jornalísticas, produzindo uma bibliografia mais condizente com a realidade.

Quanto às classificações existentes, questiona-se até que ponto se tornam viáveis, já que esse e outros estudos demonstram que os gêneros não possuem sua estrutura rígida, e que dificilmente na contemporaneidade, um jornal impresso utilizará apenas uma forma discursiva. Em vez disso, trabalham-se com complementos,

gêneros e formatos subordinados e complementares, que tornem a informação completa e atrativa ao leitor.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSIS, Francisco. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Revista Alceu do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. v. 11 - n.21 - p. 16 a 33 - jul./dez. 2010. Disponível em: < <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=376&sid=33>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo Diversional: a diversão pela forma. **LÍBERO**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 143-152, jan. 2016. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/08/Francisco-Assis-Libero-37.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

ASSIS, Francisco de. Contribuições do funcionalismo e da teoria crítica para os estudos sobre gêneros jornalísticos. **LOGOS**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 215-233, 18, dez. 2011. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/2184>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa**: Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BERGER, Crista. TAVARES, Frederico de Mello B. (Re)pensando o jornalismo: contribuições espanholas. Juiz de Fora: **Lumina** Vol.2 • nº2, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

CIBERMEMORIAL Marques de Melo: Perfil. Disponível em: < <http://www.marquesdemelo.pro.br/perfil.htm>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008

CHRISTOFOLETTI, R.; PRADO, R. 2005. Erros nos jornais: aspecto ético e fator de comprometimento de qualidade técnica. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, XXVIII, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo, Intercom, 2005.

Disponível em

https://monitorando.files.wordpress.com/2007/11/erros_nos_jornais.pdf. Acesso em 02 set. 2017.

COSTA, Lailton Alves da; LUCHT, Janine Marques Passini. Gênero interpretativo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

COSTA, Lailton Alves da. **Jornalismo Brasileiro**: caminhos e dúvidas para o estudo dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do País. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2197-1.pdf> Acesso em 15 de agosto de 2016.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros Jornalísticos. IN: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FOLHA DO MATE. Disponível em: < <http://www.folhadomate.com>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

FOLHA DO MATE, Venâncio Aires, edições de 29 ago. 2017 a 30 set. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. IN MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Editora Vozes, 2003, Petrópolis, RJ

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005a

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, Gerson Moreira. **Jornalismo Interpretativo**: a alternativa para o dilema imposto pela mídia digital. 2002, 255 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil**: desvendando as variantes do gênero. Dissertação apresentação à Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão: 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. (org) DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO. Gêneros Jornalísticos: Conhecimento brasileiro. IN: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**; v. 03, n. 1, (2016). Disponível em: < <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2354>>. Acesso em 13 mar. 2017.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e intervir em discursos. IN: GALIAZZI, Maria do Carmo. FREITAS, José Vicente de. **Metodologias emergentes em educação ambiental**. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como análise e como técnica. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

NOVELLI, Ana Lúcia Romero. Pesquisa de opinião. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

O INFORMATIVO DO VALE. Disponível em: < <http://informativo.com.br/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

O INFORMATIVO DO VALE, Lajeado, edições de 28 ago. 2017 a 30 set. 2017.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. A natureza do furo de reportagem: da perspectiva histórica para uma construção teórica. **Comunicação & Informação**,

Goiânia, GO, v. 17, n. 1, p. 5-20, jul. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/27756/16822>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PARRATT, Sonia F. **Generos Periodísticos en Prensa**. [S.l.: s.n.], 2007. 159 p. Disponível em: <<https://periodismograficoisec.files.wordpress.com/2014/08/parratt-libro-pag-97-100-y-pag-128-144.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2017.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2001.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**: um guia para jornalistas e profissionais do texto. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino. **Comunicação & Sociedade**: Revista do Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, ano 30, n. 51, p. 177-200, jan./jun. 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero utilitário. IN: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista

Entrevista realizada com a editora de redação do jornal Folha do Mate, Letícia Wacholz, no dia 08 de maio de 2017. Duração: 1h40min

- Conte resumidamente sobre como é a rotina do jornal (quando começa a movimentação da redação, a reunião de pauta, horário de fechamento, etc)

Letícia Wacholz: Os horários variam muito de acordo com o tamanho da edição e o fechamento, muito de acordo com o dia também. Hoje nós temos uma equipe em que alguns já começam a trabalhar na parte da manhã e alguns na parte da tarde. Três a quatro repórteres começam na parte da manhã. Temos a preocupação, além de manter o jornal impresso, de ter o site atualizado. Então, isso já começa durante a manhã, com postagens para aquele horário. A equipe vai se completando durante a tarde e, por isso, que hoje as nossas reuniões de pauta são sempre todos os dias às 13h30.

Nós fazemos essa reunião, são encaminhadas pautas com antecedência para cada os repórteres. Todos já começam o dia com pelo menos uma pauta determinada. Isso pode mudar de acordo com o que acontece no dia ou uma prioridade que acaba surgindo. Todos os dias eu e todos os repórteres nos reunimos para definir os assuntos principais do dia e, já na segunda, a gente também prevê alguma coisa para o restante da semana.

Por exemplo, a gente sabe que na quarta-feira já começa o fórum de educação, que é um grande evento em Venâncio Aires. Então, como a Folha do Mate é muito centrada no jornalismo local, a agenda de funcionamento da pauta gira praticamente nos assuntos locais. Quando já é uma semana movimentada, em que sabemos o que vai acontecer, isso já entra em pauta automaticamente.

A gente trabalha muito com a agenda, com aquilo que já temos no cronograma. Tem também as pautas que vão surgindo a partir dos repórteres que estão nas ruas e as que surgem na reunião de pauta. Após a reunião, nós voltamos para a redação e cada um produz na sua área ou na sua pauta. A tarde é um momento de muito

diálogo. Pautas vão caindo, às vezes entrevistas não dão certo, ou assuntos não rendem. O fechamento da edição ocorre, mais ou menos, entre 8 ou 9 horas da noite, mas tem exceções. O que geralmente torna o fechamento mais tarde são os jogos do Guarani e da Assoeva (times da cidade). Por pesquisas que a Folha faz, a gente sabe o quanto que o esporte é importante para a edição do jornal. Então, por isso, a gente espera para dar o resultado no outro dia. Se a gente amanhece sem esses resultados, existem cobranças (por parte do leitor).

- Qual a estrutura atual do jornal (número de páginas, editorias, tiragem, circulação, cadernos especiais)?

Letícia Wacholz: Temos cadernos fixos e temos a edição. Hoje, a gente sempre diz que tem o corpo principal do jornal, mais o Folha Dois. Isso é o que sai todos os dias no jornal. Tem as páginas normais de notícias (como cotidiano, polícia, política, etc.) e sempre o caderno Folha Dois, todos os dias. Nos fins de semana que o nome dele muda para Folha Revista, sendo um pouco maior.

A delimitação de páginas tentamos manter no cronograma, como na terça de 20 a 24 páginas. Reduzimos na quarta, quinta e sexta, porque vão entrando outros cadernos. No sábado a edição é sempre maior. Ela geralmente tem de 28 a 32 páginas de edição normal, fora os classificados, fora o caderno Folha Revista (de 12 a 16 páginas), e outros cadernos produzidos por outros setores.

Nos últimos anos, a Folha se reestruturou e hoje temos um setor que trata especificamente para produzir cadernos especiais (Setor de Inovação). A redação se preocupa apenas com o corpo principal do jornal e o Folha Dois, que tratam assuntos do cotidiano, cultura, eventos sociais etc.

Hoje o jornal não existe se não tiver anúncio. A Folha do Mate considera importante ter uma equipe que se preocupe só com essas matérias mais comerciais. São identificados como informe publicitário para que o leitor saiba que é um espaço comprado, não é uma notícia feita pela reportagem. Há também cadernos especiais, mas em que o conteúdo não é tão publicitário, como por exemplo, do aniversário de Venâncio Aires (Município). A redação trabalha com pautas normalmente, mas o setor de inovação fará um caderno especial em comemoração ao aniversário. Então, os

espaços desse caderno serão todos comercializados em rodapés, meia página, página inteira.

É interessante dizer que quando a lógica é mais comercial o tamanho do caderno varia muito de acordo com o que se conseguiu vender. É diferente do jornal do dia a dia, em que a gente segue mais ou menos o mesmo tamanho.

- O que é notícia no jornal? Quais são os critérios de noticiabilidade utilizados para definir o que compõe o jornal impresso?

Letícia Wacholz: Em primeiro lugar é o fator local. A Folha até tem um espaço chamado pelo mundo, que a gente procura trazer informações nacionais. Claro, que podem ter informações relevantes em nível nacional, mas os critérios fundamentais são: é relevante para a comunidade? Envolvem muitas pessoas? Há como impactar de alguma forma? Tem interesse coletivo? O primordial sempre será o jornalismo local. A gente percebe analisando outros veículos que, às vezes, muitos deles nascem locais, mas acabam trazendo manchetes com abrangência nacional. O leitor precisa se identificar com aquilo que está lendo.

O site do jornal é mais abrangente. Nós conseguimos utilizar assuntos que não são no impresso. Por uma questão de mercado a gente observa que as edições estão menores. O papel está bem caro e assim como uma crise econômica atinge qualquer empresa, no veículo de comunicação não é diferente. Às vezes, nós temos notícias não factuais empilhadas, porque não conseguimos publicar e priorizamos o local. No site, a gente consegue trazer informações nacionais e gerais.

- Sendo um jornal diário e regional, como ocorrem as produções de reportagens em profundidade ou especializadas? Tem-se investido nisso?

Letícia Wacholz: No dia a dia, a gente já tem repórteres que já trazem esse perfil, para que ele seja o repórter de reportagem especial, digamos assim. E, mesmo que a gente tenha um assunto que, muitas vezes, não conseguimos trazer todos os dias, esse repórter pode ir trabalhando em reportagens especiais, que podem vir a se tornar uma manchete de jornal. Ele vai ter esse tempo para apurar mais a informação. A gente

tenta canalizar isso para a edição do fim de semana, que é mais extensa, com conceito dominical, em que o pessoal vai ter mais tempo para ler.

Às vezes, o que poderia ser uma simples matéria, também pode se tornar uma série, com reportagens mais elaboradas, para que o assunto possa ser compartilhado todos os dias. São materiais amplos, que envolvem outras pessoas e muitos dados. Às vezes, para produzir a matéria é rápido, mas a apuração dos dados é lenta. A fonte que repassa os dados, de certa forma, também apura com nós (da redação).

O jornal mesmo que seja de terça à domingo, ele é considerado um jornal diário pela associação de diários do interior. É diferente de uma revista, embora tenha uma tendência de que os jornais passem a ficar cada vez mais “arevistados”, com reportagens mais profundas. Então, a gente se vê em um dilema na redação. Tem vários estudiosos e pesquisadores de jornalismo que dizem que o leitor quer mais matérias em profundidade, com literatura, mais fontes. Mas há o outro lado da balança. O jornal cada vez é mais caro para produzir e estão reduzindo o número de páginas. A lógica do mercado nos diz para fazer notas e notícias curtas. Hoje estamos no meio da balança tentando ver para onde vamos chegar. O mercado não anda de acordo com a pesquisa, não está sendo generoso com a tendência de jornal. Mas, talvez sejam fases. Os números que acompanho por meio de entidades representativas de jornais já mostram uma reação de mercado, mas mesmo assim, não podemos nos acomodar.

Não é uma simples questão de pesquisa, pois muitas vezes o pesquisador está longe da nossa realidade de mercado. São pessoas que se centram em estudos, mas que muitas vezes não analisam a realidade dos veículos. Por pesquisas que a Folha fez, o leitor cada vez é mais exigente. Quer uma fotografia maior, qualidade de conteúdo, texto profundo. A Folha do Mate passa a ser colorida daqui alguns dias, é um avanço. Jornais já são coloridos a muito tempo, mas as pessoas não podem comparar uma Zero Hora, Correio do Povo com a Folha do Mate. São realidades de mercado diferentes, públicos diferentes, tamanho de empresas diferentes. Para o leitor local, chegar em páginas totalmente coloridas é uma vitória, e isso é feito pelo leitor.

- Atualmente fala-se muito em jornalismo de entretenimento, voltado ao lazer e à diversão. Como o jornal aborda essa questão?

Letícia Wacholz: Primeiro, acredito que temos que chegar ao conceito de entretenimento. Para alguns o entretenimento é apenas o que passa na televisão ou na rede social. Tudo aquilo é notícia, que você consegue trazer interesse público, que não seja boato, que não seja um caso inventado, é uma notícia e pode ser jornalismo. A Folha por ser um jornal muito local não traz espaços de famosos. A sua característica não é essa. A gente até tem uma página, que se chama TV Gente, com bastidores dos famosos, sendo um espaço comprado através de uma agência.

Mas o entretenimento nós temos que pensar em um conceito mais amplo. Entretenimento será que é só vida alheia? Criou-se o rótulo de que entretenimento é só fofoca, é só o mundo dos famosos. Eu acho que não é bem isso. E como eu disse, no momento em que você falta com a verdade, que inventa um assunto, ou que você invade a privacidade de alguém, eu não aprovo esse tipo de jornalismo. A Folha não tem espaço para esse tipo de conteúdo no impresso e nem mesmo no site.

O que nós temos é um outro site, que é o Tudo & Todas, que é cuidado pelo Setor de Inovação, em que também tem alguns repórteres que cuidam especificamente desse mundo relacionados aos programas de televisão, de celebridades, de coisas que estão fazendo sucesso. Eles ficam vistoriando o que esse pessoal está fazendo. E por que foi criado? Porque querendo ou não, se a gente aprova ou não aprova, o público quer ler. Está aí também a nossa responsabilidade, aquilo que a gente noticia está formando a cultura das pessoas. A página policial é o que já estamos reformulando. Eu defendo que no futuro dos jornais talvez possa até ter a editoria polícia como segurança pública, porque segurança é algo que faz parte do nosso dia a dia, que tem a ver com a gente.

A gente tem de mostrar o que tem de bacana na cidade, criar uma agenda positiva. O entretenimento nos ajuda a fazer isso. O entretenimento tem todo um lado positivo, um lado saudável, cultural. O entretenimento não mora só na privacidade do famoso, na descoberta, no furo, do que a outra pessoa está fazendo. A gente pode trazer para o local essas questões de entretenimento. Ao mesmo tempo que o jornal defende a cidade para gerar notícias, o jornal também precisa mostrar esse lado.

- Como são definidos os tipos de textos para as matérias: o jornal sugere algum formato ou é uma livre decisão do repórter? Isso entra em debate na reunião de pauta?

Letícia Wacholz: Hoje a redação da Folha tem um perfil bem diversificado. Tem profissionais de 60 anos de idade, que trabalham há 20 anos, mas tem também profissionais de 20, que trabalham há 2 anos. Os mais novos já têm essa linguagem mais solta, esse vocabulário mais literário, em que apostamos em textos diferentes. O repórter precisa ter essa criatividade dentro dele. Às vezes, a gente leva esses textos diferentes para a reunião de pauta. Um texto que chamou a atenção, que abriu diferente. Eu sempre digo que começar um texto de ata, dizendo no dia tal, aconteceu tal coisa, já murcha teu leitor. O que eu posso trazer de diferente? Um editor vai passar por todo aquele texto, mas ele não vai poder modificar aquilo ali. Não é o editor que estava lá. O repórter tem que ser um observador, trazer aquilo de mais sutil, de mais delicado para o texto, para atrair, porque quem gosta de jornal, quem lê o jornal, quer um bom texto. Quer ler e se imaginar naquele lugar.

Muitas vezes, quando vamos pautar um assunto, a gente já tem ideia do que rende. É muito da sensibilidade do repórter, do profissional. Quando ele já tem um pouco de bagagem, ele identifica aquilo que pode render uma nota, uma notícia, uma reportagem maior. Claro que, às vezes, nasce como uma notinha e vira uma reportagem ou o contrário. Isso acontece. Tem as frustrações da profissão, de imaginar que vai render tudo aquilo e acaba não rendendo. Mas, de uma forma geral, quando se está na reunião de pauta, falando sobre determinado assunto, a gente já tem ideia pelo peso, pelo valor jornalístico. A gente sabe que aquilo ali é um abre páginas. Assim como matérias pequenas também tem sua importância. Mas nem sempre o tamanho significa que aquilo seja tão importante. Tamanho varia muito, o que importa o valor notícia, aquilo que está integrado, o quanto vai impactar.

Eu gosto muito de não trabalhar sozinha. Claro, chega o momento em que tem que dar a palavra final. Mas, muitas vezes, acabo recorrendo ao diretor de conteúdo, que foi editor por muitos anos. Eu gosto muito de parar tudo e trocar ideias sobre isso. Por isso, se torna um ambiente bem bacana de trabalho. A gente troca ideias, a gente pensa juntos. A ideia é de que o repórter tenha uma participação direta, desde a construção da pauta, aliás, não só na pauta, mas de pensar no que pode ser assunto

e em quem consultar. Às vezes, na reunião eu inverte. Digo que hoje eu quero ouvir eles (sugestões de pautas dos repórteres). É um trabalho bem colaborativo mesmo.

- Há demanda para pautas frias ou histórias de interesse humano? O leitor manifesta interesse nesse tipo de conteúdo?

Letícia Wacholz: As histórias de interesse humano são coisas que a gente tenta nunca perder. A cada semana a gente tenta trazer a história de alguém, contar alguma coisa diferente. Recentemente a gente ficou sabendo de uma mulher de Venâncio que ficou 30 anos em uma tribo indígena, no Mato Grosso, e ela mora aqui. Então, a gente abriu o baú de memórias dela, literalmente, e contamos a história dela. Hoje, a rede social e o site são bons medidores de audiência da pauta. Como a gente posta o conteúdo do impresso no site, tem a possibilidade de comentar. Então, a gente percebe como é bacana, como as pessoas gostam de conhecer histórias diferentes, positivas e não positivas.

Às vezes, é uma história triste de alguém que está precisando de ajuda ou uma mobilização de alguém que está com uma doença. As pessoas gostam de ler histórias de pessoas. É incrível como isso é bacana de sentir e isso chega de uma forma muito natural. É como se os leitores já se identificassem com as histórias. Essa é a essência do jornal local, não pode se perder por isso.

Eu acredito que o jornalismo vai se segmentar, ele vai ser cada vez mais “arevistado” e cada vez mais segmentado na sua comunidade. A gente vê tendências de jornais grandes fazendo isso, querendo abranger um estado todo e recuando para sua capital ou para a região metropolitana. Tem jornais fazendo isso, porque eles estão vendo que é mais fácil você atender bem uma única comunidade do que querer fazer tudo.

- A opinião é geralmente emitida por convidados (cartas, colunas, artigos, etc). Além do editorial, há espaço para outras manifestações dos repórteres?

Letícia Wacholz: Nas matérias, ele (repórter) não pode dar a sua opinião. O que a gente faz é, em alguns casos, mas sempre é avaliado, cria um espaço junto a matéria,

dizendo por exemplo, “olhar do repórter”. Ele faz uma caixinha, que identifica que é um espaço de opinião, e ele coloca sua opinião ali. O repórter é a porta voz, somente. Ele não pode ser a voz. Então, em alguns a gente usa esse espaço em que o repórter escreve e dá a sua opinião.

Nós temos alguns repórteres que tem opinião, com espaço específico para isso, que são colunas, como no esporte, em que o Roni e o Daniel e o Edemar (repórteres). Eles produzem a notícia, como manda o jornalismo, mas também possuem a coluna, em opinam. Hoje ter um espaço de opinião no jornal local é um dos maiores tesouros do jornal impresso ainda, e tem que ser realmente opinativo. Hoje a gente tem muitas colunas, mas muitas delas não são jornalismo opinativo.

Todas as colunas são fixas, com dias determinados para sair. A gente reduziu os espaços de artigo de opinião, que geralmente saem na página 6, e que são de leitores que mandam artigos. A gente quer que a nossa comunidade mande artigos. O que adianta eu defender a comunidade local se ela não escreve? Muitas vezes, as pessoas fazem um textão no Facebook, mas quando é para o jornal não querem participar. Quando o assunto é polêmico, elas ficam com receio de dizer alguma coisa, e por isso, a gente sempre orienta que gravem e a gente sempre repete isso para o entrevistado.

Os leitores participam por e-mail, principalmente as pessoas mais velhas. Mas, a maior participação é por meio do WhatsApp, e nesse meio vem de tudo. É um dos melhores mecanismos que a gente criou. Chegam muitas sugestões. Muitas coisas que chegam a redação, a gente acaba apontando caminhos, nem vai para o jornal (publicado). Às vezes, é um caso específico de uma pessoa, que não envolve a comunidade. O jornal é tido até como um espaço de ajuda, de desabafo.

- Percebe-se que em jornais regionais há predominância do gênero informativo, enquanto que em nacionais há mais espaço para conteúdos em profundidade. Essa questão se aplica também ao jornal? Por qual motivo?

Letícia Wacholz: Depende muito da questão dos assuntos. Um jornal maior pega um assunto como o mais importante do dia, geralmente relacionado ao Brasil todo. Nem

sempre tem uma grande notícia em Venâncio Aires. A gente sempre tem notícias, mas nem sempre como um grande assunto. Quando o assunto precisa, a gente faz essa profundidade. Não é feito com frequência, o assunto vai ser muito mais informativo do que interpretativo.

Uma explicação disso é a abrangência. A abrangência muda muito essa realidade. O jornalista espera uma grande notícia, mas muitas vezes, não acontece. Não é uma cidade super movimentada. Então, a gente aposta em temas aleatórios, que não é uma notícia do dia, mas em que eu posso transformar ela para o dia. Não é uma notícia factual, mas que com entrevistas bacanas, dados exclusivos, ela vai passar a ser a notícia do dia. Às vezes, a gente traz um assunto com exclusividade e vira o assunto da cidade. Não é algo que aconteceu no dia, mas é um dado tão inusitado que acaba impactando de alguma forma.

- O leitor é atualizado constantemente sobre o que acontece no mundo, seja pelo jornal ou por outros meios de comunicação. O gênero utilitário (indicadores, cotação, roteiros, serviços, previsão do tempo, etc) tornou-se tão essencial como o informativo no impresso?

Letícia Wacholz: A gente tem vários exemplos de como é importante dar o serviço. Essa é outra tendência que vejo no jornal impresso. Além da profundidade, é sempre manter esse espaço de utilidade pública. A previsão do tempo, por exemplo, sai todos os dias na contracapa. Temos cotação, números do mercado agrícola, junto a coluna do Edemar. A gente percebe o quanto essa questão de serviço e utilitário mexem com a vida das pessoas. Nível do rio também, todos os dias sai na contracapa. Para que não tem casa perto de rio ou que não vai pescar, talvez não faça diferença, mas pra pessoas que precisam, a Folha está trazendo. Temos um público que quer esses serviços e, por isso, a gente mantém esses espaços.

APÊNDICE B - Entrevista

Entrevista realizada com a editora de redação do jornal O Informativo do Vale, Luciane Ferreira, no dia 15 de maio de 2017. Duração: 1h17min

- Conte resumidamente sobre como é a rotina do jornal (quando começa a movimentação da redação, a reunião de pauta, horário de fechamento, etc)

Luciane Ferreira: A partir das 7h30 eu chego e já começo a produzir as pautas. Às oito horas, chegam a estagiária e dois repórteres, temos várias escalas de horários. Eu vou montando a pauta, que não é rígida. Encaminho alguns assuntos de manhã e no decorrer do dia, se for necessário, a gente vai ajustando, de acordo com a participação dos repórteres.

A linha inicial eu deixo pronta de manhã, para quando chegar o primeiro repórter, a pauta já estar encaminhada. Depois disso, são feitas as entrevistas. Às 13h15 a gente faz a reunião de pauta, em que todos os repórteres participam, de todas as editorias. Eu e o Márcio Souza somos os editores chefes. Eu dou o início e ele faz o fechamento.

Na reunião de pauta, a gente tem esquematizado o que vai ser o tema do dia, que é da página 3. Geralmente é uma matéria mais trabalhada ou da foto de capa. Isso, na pauta, eu já vou dando as diretrizes, porque os repórteres precisam saber em termos de conteúdo e de fontes.

Depois disso segue o trabalho da redação, da apuração de notícias. Às 16h30, geralmente, os repórteres começam a entregar os textos e eu e o Márcio fizemos o esquema de páginas. Às 3h a gente recebe o boneco (espelho do jornal) com a marcação dos anúncios. Os editores fazem o esquema de páginas, começamos a editar com esse modelo, sabendo o que vai estar em cada página. Fazemos esse ajuste todo. A partir das 17h chegam as revisoras. Elas revisam, e depois disso, recebemos a página impressa, quando passa para o trabalho do Márcio (troca de turno/editor). Ele confere, verifica e fica até o fechamento. Após é feita a impressão.

A tiragem do jornal é de oito mil durante a semana e oito mil e quinhentos no fim de semana, com circulação é dos 36 municípios do Vale do Taquari. Dos cadernos, temos a Lazer nos sábados, que é um caderno que varia o número de páginas. Temos o caderno de Meio Ambiente, que circula uma vez por mês, com 16 páginas, voltado para o público do ensino médio. Além de circular no jornal, ele tem uma tiragem maior, pois é levado para a coordenadoria regional de educação e distribuído nas escolas de ensino médio. As escolas interagem com o conteúdo desse caderno. Cada mês é uma pauta diferente, envolvendo um tema pensando para ser trabalhado na escola. A gente tem também os especiais de aniversário de cidade, data comemorativa, que tem conteúdo jornalístico também, mas que depende mais do comercial. E cadernos que circulam todo ano como da Construmóvel, de noivas, enfim, que são tradicionais mais que circulam uma vez ao ano.

- O que é notícia no jornal? Quais são os critérios de noticiabilidade utilizados para definir o que compõe o jornal impresso?

Luciane Ferreira: A gente prioriza fatos e notícias do Vale do Taquari. Demais, são os critérios de noticiabilidade de qualquer outro de veículo de comunicação, como estudamos na faculdade. O critério mais específico é a região. A gente sempre prioriza essa ligação com o Vale. Então, esse é sempre o nosso primeiro critério.

- Sendo um jornal diário e regional, como ocorrem as produções de reportagens em profundidade ou especializadas? Tem-se investido nisso? Se sim, quais temas são geralmente abordados?

Luciane Ferreira: Na verdade, a gente trabalha a pauta de uma maneira muito ampla. Tem algumas coisas, alguns eventos que são muito peculiares da região, então a gente faz cobertura, faz matérias, faz notícias em cima disso. Mas tem os assuntos gerais, que interessam para as pessoas daqui também. O espaço depende de uma série de fatores, de todas as matérias do dia, do que está acontecendo na volta região.

- Sendo um jornal diário e regional, como ocorrem as produções de reportagens em profundidade ou especializadas? Tem-se investido nisso? Se sim, quais temas são geralmente abordados?

Luciane Ferreira: A gente tem a página 3, que é o tema do dia, que é geralmente o que está na capa do jornal. É uma matéria mais trabalhada, que tem mais dados, mais números, geralmente a gente usa recursos de tabelas, infográficos. Temos a rigidez do tema do dia, o tema que sempre vai estar no jornal. O leitor, todos os dias em que abrir o jornal, ele sabe que vai ter uma matéria com diferencial. O tema do dia ende a página 3 e, muitas vezes, a 4, devido ao aprofundamento de conteúdo.

- Atualmente fala-se muito em jornalismo de entretenimento, voltado ao lazer e à diversão. Como o jornal aborda essa questão?

Luciane Ferreira: Nós até o ano passado tínhamos um caderno específico, que é o Ver mais, mas optamos, devido a toda reformulação que teve o jornal, por suspende-lo. Era um caderno caro, pois era todo colorido e não tinha quase anúncios, sendo um custo para o jornal. Depois de 2015, com a crise financeira, o jornal começou a se readequar, então um dos ajustes que fizemos foi isso. Terminar temporariamente com o caderno. Temos vontade de voltar, mas com ele remodelado. Agora no aniversário de 47 anos, que foi 8 de maio, colocamos o novo portal no ar e ele tem um espaço pra variedades, com fofocas, resumo de novelas, horóscopo. O leitor que curte, que gosta, tem uma forma de ter acesso a esse conteúdo. Trabalhamos com o agendão, com matérias com foco no serviço. Temos o agendão, que sai no sábado, e sempre tem uma matéria maior de abertura, sobre o evento do fim de semana e a agenda, com matérias voltadas para a cultura e o entretenimento.

- Como são definidos os tipos de textos para as matérias: o jornal sugere algum formato ou é uma livre decisão do repórter? Isso entra em debate na reunião de pauta?

Luciane Ferreira: Trabalhamos de uma forma bem livre, mas a gente prima por um texto mais enxuto, porque o leitor não tem tempo para ler um texto grande. Então, a

notícia nua e crua tem que ter o lead, as informações necessárias, o serviço e ponto. Não precisa ser tão trabalhada. Cabe, mas depende do assunto. Eu faço a pauta, o repórter vem conversar comigo e eu indico algumas fontes. Tem assuntos que rendem mais, outros menos. É um quebra cabeça que se monta todo dia. Se o repórter chegou da rua e se eu sei que tem um anúncio de meia página, eu já digo que o texto é de trinta centímetros. Se necessário, trocamos o assunto de lugar, mas a recomendação é textos mais enxutos principalmente de segunda a sexta feira.

- Há demanda para pautas frias ou histórias de interesse humano? O leitor manifesta interesse nesse tipo de conteúdo?

Luciane Ferreira: Não temos mais tanto assunto para isso como já se teve. O jornalismo em si foi se modificando ao longo do tempo. As pessoas não têm mais tanto tempo para ler, então uma boa história tem que ser muito boa para prender a leitura. Temos um bombardeio de notícias, de todos os lados. É preciso selecionar muito conteúdo. Mas se tem uma história bacana, vamos tentar encaixar, puxar um gancho, e publicar. Não temos isso engessado, por exemplo, que saia uma vez na semana. A gente prioriza a notícia e o restante vamos adequando. Tem matérias que geram muito retorno, principalmente quando pessoas precisam de ajuda. As pessoas se mobilizam, ajudam, mostram solidariedade. Temos muito feedback dos leitores, em vários temas.

- A opinião é geralmente emitida por convidados (cartas, colunas, artigos, etc). Além do editorial, há espaço para outras manifestações dos repórteres?

Luciane Ferreira: Na página 2 temos alguns articulistas fixos, convidados, sem vínculo com o jornal. São pessoas são qualificadas, que abordam assuntos interessantes. Editorial a gente faz em casos específicos. Quando a gente um assunto muito polêmico, que dá muita repercussão, o jornal se posiciona, mas, não é uma pratica diária, são casos específicos. Há um tempo nós fazíamos editorial todo dia, mas abolimos porque caiu na rotina.

Cada convidado tem um perfil que puxa mais para algum assunto. O assunto eles que determinam. Temos alguns espaços, durante a semana, que são vagos para colaborados e leitores. Se a pessoa quiser publicar algo, ela pode, desde que não fere

a imagem de ninguém, não seja algo pessoal. Alguns já enviam com certa regularidade, mesmo não sendo fixo. Temos, então, uma lista de espera, um banco de artigos, em que priorizamos o assunto, que pode ser o da semana. O artigo tem uma escala.

- Percebe-se que em jornais regionais há predominância do gênero informativo, enquanto que em nacionais há mais espaço para conteúdos em profundidade. Essa questão se aplica também ao jornal? Por qual motivo?

Luciane Ferreira: Procuramos dar o serviço e ter algumas matérias mais trabalhadas, com especialistas. Ouvimos os dois lados, ter dados a mais, uma estatística que incremente a matéria, mas não torna o texto interpretativo.

- Como o jornal tem adaptado seu impresso diante das mudanças tecnológicas que ocorrem? A estrutura do jornal e a linguagem utilizada precisaram ser repensadas para manter a fidelidade do leitor?

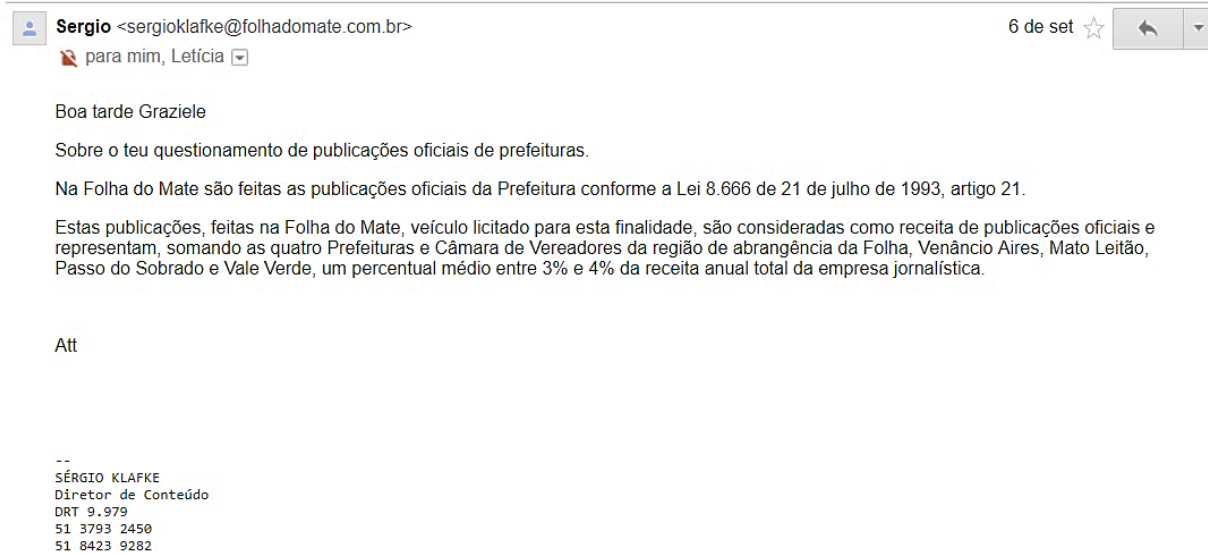
Luciane Ferreira: Nós temos 47 anos de história, então em edições mais antigas, eram textos mais formais. É a mudança normal. Vamos nos atualizando, se modificando, mas temos uma linha editorial mais séria, um jornal mais formal. Eu diria que é um jornal menos despojado, digamos assim. Temos a atualização de linguagem, principalmente de termos que evitamos usar. Procuramos adequar, porque estão surgindo coisas novas, mas sempre com formalidade. Cada repórter tem o seu estilo próprio, que a gente tenta mais ou menos direcionar para o do jornal. Algumas matérias permitem um texto mais solto, mas a maioria é notícia.

- O leitor é atualizado constantemente sobre o que acontece no mundo, seja pelo jornal ou por outros meios de comunicação. O gênero utilitário (indicadores, cotação, roteiros, serviços, previsão do tempo, etc) tornou-se tão essencial como o informativo no impresso?

Luciane Ferreira: Sim, tanto que o próprio leitor nos cobra.

ANEXOS

Anexo A – E-mail enviado pelo Editor de Conteúdo do Jornal Folha do Mate, Sérgio Klafke (Data: 06/09/2017)



Anexo B – Matéria que cita apenas o primeiro nome das fontes (Data: 30/08/2017)

8

Manchete

Folha do Mate

QUARTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2017

CONCURSO POLÊMICO

Promotor ouve candidatas e fala em "preocupação"

Oito pessoas que fizeram as provas do concurso da Prefeitura foram ao Ministério Público ontem e reclamaram dos erros e desorganização do processo

CARLOS DICKOW

Erros em sequência e desorganização. Estas foram as duas principais queixas de oito candidatas que prestaram as provas do concurso público da Prefeitura Municipal de Venâncio Aires e procuraram o Ministério Público (MP) na manhã de ontem para sugerir a anulação do processo seletivo. Por quase uma hora, elas foram ouvidas pelo promotor de Justiça Pedro Rui da Fontoura Porto, que ao final da conversa disse que a situação é "preocupante" e que vai analisar documentos recebidos, para apenas depois fazer mais manifestações.

As candidatas - seis delas fizeram prova para técnico em Enfermagem, uma para professor de séries iniciais e outra para os dois cargos - expuseram várias insatisfações e levantaram dúvidas acerca da lisura do certame e a credibilidade da empresa responsável pela execução do processo, a Sawabona Concursos. Elas informaram ao promotor que falavam em nome de outras 108 pessoas integrantes de um grupo criado no WhatsApp e denominado de "Prejudicados no Concurso de Venâncio Aires", que conta atualmente com 116 participantes. A Folha do Mate foi o único veículo de comunicação a acompanhar toda a reunião.

Laura*, de 32 anos, esclareceu que a intenção do grupo não era fazer tumulto ou anarquia, como foi ventilado nas redes sociais. "Até por isso, mobilizamos um número reduzido, mas representativo, o que entendemos ser o suficiente para pleitear os nossos direitos", explicou. Ela relatou que apareceu como ausente na primeira e segunda publicações de resultados pela Sawabona, e que só foi constar na listagem dos que prestaram concurso após um terceiro recurso,

Saiba mais

CONSELHO

O promotor Pedro Rui da Fontoura Porto afirmou que vai conversar com o prefeito Giovane Wickert nesta quinta-feira, 31, provavelmente. Ele recebeu o chefe do Executivo, que quer se aconselhar para saber que decisão tomar em relação à repercussão negativa do concurso público.



"PREJUDICADOS NO CONCURSO DE VENÂNCIO AIRES" FOI O NOME DADO AO GRUPO DE WHATSAPP CRIADO POR CANDIDATOS QUE NÃO ACREDITAM NA LISURA DO CONCURSO DA PREFEITURA. OITO DIAS PARTICIPANTES FORAM ONTEM PELA MANHÃ AO MINISTÉRIO PÚBLICO

mas ainda restou um problema: a nota, segundo ela, está errada. "Cada recurso me custou R\$ 54. Tive que gastar para provar que eu estava presente", indignou-se.

As reclamações continuaram: candidatos teriam sido autorizados a entrar nas salas depois das 9h, o que segundo edital não deveria ser permitido; havia gente fazendo prova de relógio e pulseira, algo também apontado como irregular; as provas para técnico em Enfermagem, na manhã de domingo, no Colégio Oliveira Castilhos, só começaram às 9h10min, dez minutos após o horário previsto em edital; foram identificadas questões incompletas ou com resposta duplicada; e até teria passando em branco o fato de uma candidata ter aberto a bolsa, tomado um remédio e seguido na prova. Provas, no entanto, não foram apresentadas.

GABARITOS

O que as candidatas descontentes levaram ao conhecimento do promotor de Justiça foi uma imagem de provas fora de envelopes

Perguntadas pelo promotor de Justiça Pedro Rui da Fontoura Porto se desconfiavam de favorecimento político no concurso da Prefeitura de Venâncio Aires, as candidatas foram unânimes ao dizer que não acreditam que isso tenha ocorrido, embora concordem que a credibilidade do concurso está estremeçada.

que, segundo sustentam, seriam dos candidatos ausentes, mas estariam misturadas aos gabaritos do cargo de técnico em Enfermagem. Também informaram que envelopes contendo as provas realizadas teriam sido lacrados "apenas com fita durex". "Tem muita coisa que a gente ouviu falar de bastidores e que não podemos comprovar, mas também há diversos indícios de irregularidades", afirmou Marilei*, de 38 anos, que fez prova para técnico em Enfermagem e ainda para professor de séries iniciais.

"A pedido das candidatas, a reportagem utilizará apenas o primeiro nome de cada uma delas. O MP tem a relação completa e a conversa foi gravada.

"Em quatro anos que atuo em Venâncio, nunca tinha recebido tantas reclamações a respeito de um concurso. A desorganização sempre gera descrédito, ainda mais quando se disputa um cargo que pode ser para a vida toda"

PEDRO RUI DA FONTOURA PORTO
PROMOTOR DE JUSTIÇA

MAIS MANIFESTAÇÕES

Viviane* - "A fiscal da minha sala entregou as provas, mas em seguida mandou esperar o sinal. Daí só fomos iniciar de verdade lá pelas 9h10min. Já na parte da tarde, em outra prova, tinha gente com relógios e pulseiras. Só pediram para entregar os telefones celulares desligados. Além disso, o fiscal abriu o envelope das provas sem ninguém como testemunha e, quando se deu conta, brincou que todo mundo tinha visto que estava lacrado. Ainda saiu para buscar provas que tinha faltado para alguns candidatos".

Raquel* - "Também vi pessoas com relógios e estojos. Me lembro de pelo menos dois casos bem claros, que me chamaram a atenção. Num estojo é bem fácil de carregar uma cola, por exemplo. E, hoje em dia, com tanta tecnologia, vai saber se não recebe informações por um relógio. Também tivemos umas questões que eram competência de enfermeiros, não de técnicos em Enfermagem. Muitos erros de ortografia nas provas, também".

Márcia* - "Minha sala estava muito confusa. Era um entra e sai de gente e materiais. Bolsas e mochilas ficaram com os candidatos. Eu mesma fiz a prova de relógio no pulso, o que não é normal em concursos públicos. Passava das 9h e o fiscal pediu que não iniciasse a prova, parecia que estavam esperando alguma coisa, até que veio um sinal, às 9h10min".

Franciele* - "Notei uma questão incompleta na prova e avisei o fiscal. A orientação foi para marcar qualquer opção porque a questão seria anulada, e no gabarito dá para ver que não foi. Minha nota também já foi alterada nas divulgações da empresa, mas não entendo o porquê, se o gabarito não mudou. Ouvi falar até que houve casos em que candidatos chegaram atrasados e foram colocados em salas separadas para fazer a prova".

Comissão analisa casos registrados em atas

Uma comissão, formada por três servidores da Prefeitura, foi designada para um procedimento especial de averiguação das situações registradas em atas no dia realização das provas. Entre as questões relatadas nos documentos, elaborados pelos fiscais das salas e coordenadores de cada local onde houve aplicação de provas, está um possível caso de 'cola' envolvendo um candidato ao cargo de médico comunitário.

O Município, porém, trabalha em sigilo administrativo tanto nesta quanto em outros apontamentos. A conclusão será apresentada ao prefeito Giovane Wickert no dia 15 de setembro. A secretária de Administração, Loreti Scheibler, que também é presidente da Comissão Interna

que acompanha e fiscaliza a empresa responsável pelo concurso, diz que a Sawabona já foi notificada sobre o caso, inclusive com sugestão de desclassificação do candidato. "É importante destacar que o processo está em andamento e todas as apurações estão sendo feitas. Não existe qualquer resultado, ainda", afirmou Loreti.

ANEXO C - Materiais ampliados referentes a doações de órgãos (Datas: 27/09/2017; 28/09/2017)

.10 Cotidiano

Folha do Mate

QUARTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2017

FAZER A DIFERENÇA

Doação de órgãos: uma atitude que salva vidas

Rim é o órgão mais aguardado para transplante. De janeiro deste ano até esta segunda-feira, 25, foram 211 doadores no estado

KETHLIN MEURER

Há muito tempo se fala sobre a necessidade das pessoas doarem órgãos, mas a verdade é que, embora muita gente tenha conhecimento sobre essa importância, o número de doadores ainda é considerado baixo. A data de hoje é denominada de Dia Mundial da Doação de Órgãos e tem como objetivo, justamente, sensibilizar as pessoas sobre o assunto.

Segundo dados da Central de Transplantes do Rio Grande do Sul - que este mês comemora 30 anos -, de janeiro deste ano até esta segunda-feira, 25, foram 211 doadores no estado, sendo que 568 foram notificados como potenciais doadores. O mês de agosto foi o que mais registrou negativa familiar de doação, com um percentual de 55%. No ranking de doadores efetivos por estados brasileiros, entre janeiro e junho de 2017, o Rio Grande do Sul é o terceiro colocado e fica apenas atrás de São Paulo e Paraná.

No caso de Venâncio Aires, desde 2013 ocorreu a abertura de nove protocolos de morte encefálica e, destes, foram realizadas três doações. Talvez quem nunca precisou de uma doação de órgãos não saiba o quão difícil é ficar na fila de espera e o quanto cada dia a mais vivido é uma vitória. Muitas vezes, é quando está doente que a pessoa reconhece o quão fundamental é ter saúde.

O aposentado Valdadir Roberto Pereira, de 53 anos, por exemplo, ficou seis anos e meio na fila à espera da doação de um rim. No dia 11 de janeiro deste ano, o tão esperado transplante do órgão foi feito. Desde então, ele vive de uma forma muito melhor e fica feliz por poder tomar água todos os dias na quantidade que deseja, o que antes não podia fazer.

O problema nos rins é hereditário e foi com 32 anos que, por meio de exames, Pereira descobriu que possuía um rim pequeno e outro com um cisto policístico. Como o funcionamento dos órgãos piorou, em 2010 começou a fazer hemodiálise três vezes por semana. O procedimento chegava a demorar até quatro horas e meia. Após já ter feito hemodiálise por seis meses, Pereira precisou fazer um transplante de rim. Foi quando entrou na fila de espera.

VIDA MELHOR

O aposentado conta que uma clínica de Venâncio Aires encaminhou os papéis referentes à doação para o Hospital São Lucas, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de Porto Alegre. Pereira comenta que foi chamado algumas vezes para a realização do transplante, mas, ao mesmo tempo que ele era comunicado, outras pessoas que estavam à espera também eram. "Eles me ligaram e uma vez até cheguei a ir lá. Mas eles fizeram muitos exames e o rim foi doado para a pessoa que tinha mais chance de aceitação", explica.

Embora o desapontamento fosse inevitável, ele observa que deixava tudo nas mãos de Deus: "Sempre que eu rezava, eu pedia para que se caso eu recebesse um rim, que fosse para ficar, porque tem muitas pessoas que recebem a doação, mas o rim não funciona". Neste ano, quando de fato o transplante foi possível, o aposentado não nega que sentiu uma gratidão enorme no coração. Para ele, o processo de doação de órgãos é tão demorado, porque existem muitas pessoas à espera para uma quantidade tão pequena de doadores. Pereira acredita que o problema também está na falta de divulgação, isso porque são poucas as pessoas que informam um familiar que têm interesse em doar os órgãos em caso de morte encefálica.

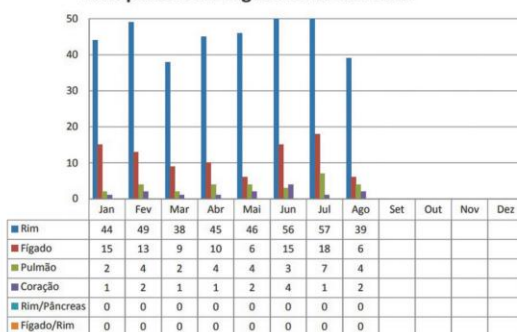


VALDADIR ROBERTO PEREIRA, COM MUITA FÉ, ESPEROU DURANTE SEIS ANOS E MEIO A DOAÇÃO DE UM RIM

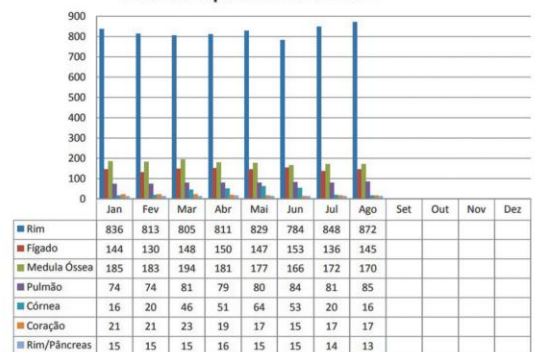
O aposentado observa que vive mais feliz, principalmente por não precisar mais fazer hemodiálise: "Antes eu ficava preso, não podia viajar, porque três vezes por semana eu tinha que ir para o hospital". Além disso, com um sorriso largo, ele fala

sobre a importância da doação de órgãos: "A doação ajuda a dar uma expectativa melhor de vida. A pessoa vive melhor, sem esse obstáculo que priva a gente de muita coisa, como beber líquido, no meu caso".

Transplantes de Órgãos no RS em 2017



Lista de Espera no RS em 2017



Como funciona?

A doação de órgãos apenas ocorrerá após a autorização dos familiares, portanto, não é garantia de doação a pessoa querendo, é necessário que a família tenha conhecimento deste desejo e aceite a escolha do paciente. “Às vezes, o familiar não autoriza a doação, porque não sabe da vontade que o parente tinha. É a família que decide. Por mais que a pessoa queira, se a família disser que não, a doação não ocorre”, comenta a supervisora da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital São Sebastião Mártir (HSSM), Isabel Schmidt. Nenhum tipo de documento substituirá a decisão familiar.

As doações de órgãos podem ser feitas ainda em vida, mas, neste caso, apenas rim, pulmão, pâncreas, medula óssea e parte do fígado podem ser doados por qualquer pessoa, desde que exista compatibilidade. Caso contrário, só é feita a doação quando a

Saiba mais

MITO

Muitas pessoas acreditam que, em caso de morte encefálica, ao serem retirados os órgãos para doação, o corpo fica desfigurado, mas não é isso o que ocorre. Ou seja, para quem morreu, a doação não muda nada, mas para quem recebe um órgão, essa atitude faz toda a diferença.

pessoa sofreu morte encefálica, ou seja, quando não há mais nenhum tipo de atividade cerebral, seja elétrica, circulatória ou metabólica. Tudo isso é classificado como o fim da vida, mesmo que o coração ou pulmões funcionem por aparelhos ou medicamentos. De acordo com a gerente assistencial do Hospital São Sebastião

RITHIAN MELO



PARA JAQUELINE, SUSAN, GEANE, LISANE E ISABEL, APENAS AS PESSOAS QUE PRECISAM DA DOAÇÃO SABEM O QUANTO A AÇÃO É IMPORTANTE

Mártir, Susan Artus Dettendorff, o cérebro desempenha um papel de extrema importância no corpo humano e quando ocorre morte cerebral, é irreversível. A supervisora da UTI, Isabel Schmidt, lembra que, nestes casos, os familiares são comunicados a respeito da morte. Em razão de o paciente estar ‘ligado’ a aparelhos e receber medicações, o coração continua a bater e os demais órgãos ainda funcionam. Isso se torna um fator de confusão, o que muitas vezes faz os familiares não aceitarem a doação dos órgãos, por existir uma certa dificuldade

de acreditar que realmente a pessoa morreu.

A nutricionista e coordenadora do serviço de nutrição do hospital, Geane Caetano, acredita que apenas quem realmente precisa da doação de um órgão sabe o

quanto a ação é importante. Para ela, a partir do momento que mais pessoas tiverem consciência sobre essa importância, outras vidas poderão ser salvas, inclusive porque cada uma pode salvar até oito.

PALESTRA

• No dia 4 de outubro, às 19h30min, a Associação Médica de Venâncio Aires (AMVA), em parceria com o Hospital Beneficente Monte Alverne, promove palestra sobre doação de órgãos. O palestrante é o médico Lucas Pereira Mallmann, coordenador da Central de Transplantes Rio Grande do Sul e com a Organização de Procura de Órgãos (OPO 6), com sede em Lajeado.

• A atividade será realizada no Centro Clínico Unimed (7º andar). São disponibilizadas 40 vagas gratuitas para a comunidade. Interessados devem enviar e-mail para secretaria@hssm.com.br ou ligar para o telefone 3793-2100 e falar com Susan ou Elisa.

DOAÇÕES

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde em 2016, o Brasil tem o maior sistema público de transplantes do mundo, mas isso não quer dizer que as doações sejam suficientes para zerar a fila de espera existente. Foram registrados, no mesmo ano, 2.983 doadores efetivos, um número 5% maior do que em 2015.

MORTE CEREBRAL X COMA

Algumas vezes, as pessoas confundem morte cerebral com estado de coma. Na situação do coma, o paciente ainda tem chances de se recuperar, diferente do que ocorre em relação à morte cerebral, que é irreversível. O coma, muitas vezes, é induzido pelos médicos para aumentar a velocidade de recuperação da pessoa e faz ela estar em estado inconsciente.



DIA MUNDIAL DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS TEM COMO OBJETIVO SENSIBILIZAR AS PESSOAS

Quais os procedimentos quando ocorre morte encefálica?

O corpo é mantido em funcionamento por meio de medicamentos e aparelhos até que - caso haja o interesse de doação - ocorra a retirada dos órgãos. Além disso, de acordo com a coordenadora de enfermagem do HSSM, Lisane Emmel, no momento em que a pessoa é diagnosticada com morte cerebral, o familiar é questionado sobre a possibilidade de doação dos órgãos e é dado todo o suporte para sanar as dúvidas e medos dos familiares neste momento tão delicado.

Logo após o diagnóstico - que é confirmado por meio de uma sequência de exames físicos e químicos - e se os familiares manifestarem a vontade de doar, profissionais do hospital confirmam a concordância

da doação com a Central de Transplantes Rio Grande do Sul e com a Organização de Procura de Órgãos (OPO 6), com sede em Lajeado. Uma equipe de profissionais capacitados para captação de órgãos vem até o município e faz a retirada dos órgãos no bloco cirúrgico. No entanto, de acordo com Susan, existem equipes diferentes destinadas ao recolhimento de cada órgão.

Após todo esse processo, os órgãos são encaminhados a distintas cidades. “Tem que ser um processo muito digno para que as pessoas entendam a ideia de estar ajudando outra pessoa”, comenta. Susan ainda destaca que, em alguns casos, a doação é permitida

pelo familiar, mas ao se fazer uma avaliação do paciente, pela doença que teve, nem sempre é possível o aproveitamento de todos os órgãos.

A supervisora da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), Isabel Schmidt, ressalta que algumas pessoas não se dão conta de que quando ocorre a morte encefálica, independente se a família autorizar ou não a doação de órgãos, os aparelhos serão desligados. “Às vezes, as pessoas pensam que se autorizarem a doação, vão ser desligados todos os aparelhos, mas se não quiserem doar, são desligados da mesma forma, porque a pessoa está em óbito e não há mais o que fazer”, justifica.

A decisão de doar órgãos pode ser responsável pela mudança de vidas

Sete transplantes foram realizados em Lajeado e mais de 900 no Estado em 2017



Carolina Schmidt
carolinaschmidt@informativo.com.br

» Lajeado

Em 2 de novembro de 2007, Christian Goulart (40) recebeu uma nova vida. Há quase dez anos, a data representa gratidão e renascimento, pois ele passou por um transplante de rim e pâncreas no Hospital da PUCRS de Porto Alegre. A doação, que mudaria sua rotina para sempre, veio do Paraná.

A história de Goulart, assim como a de tantas outras pessoas que foram transplantadas, é uma forma de trazer o ser humano para a reflexão, pois, hoje é celebrado o Dia Nacional da Doação de Órgãos. O assunto traz opiniões divergentes, mas permite salvar vidas.

O procedimento foi necessário, porque Goulart tinha diabetes com picos e quedas severas de glicemia. Na época, a PUC realizava um programa para transplantes duplos o que permitiu o procedimento para os dois órgãos em uma cirurgia.

"Felizmente, não precisei esperar muito para a cirurgia. Quando fiquei sabendo que os órgãos foram afetados pela diabetes, passei a me preparar para o transplante, porque o paciente precisa estar em boas condições para fazê-lo. Antes da cirurgia, são chamadas mais pessoas e aquela que está melhor de saúde recebe o órgão."

"Doar órgãos é um ato de bondade e a capacidade de se colocar no lugar do outro"

Christian Goulart
supervisor de processos de pessoas

Até a cirurgia ocorrer, ele passou por hemodiálise por quase um ano. Goulart conta que o procedimento era realizado três vezes por semana com duração de quatro horas cada dia. "Com o transplante, minha realidade mudou. Fazer a hemodiálise não foi fácil e exigiu muitos cuidados na saúde. Passamos a ter muitas restrições. Agradeço todos os dias por conseguir o transplante, porque trouxe muita diferença para minha vida."

Goulart, que é graduado em Secretariado Executivo Bilingue e exerce a profissão de supervisor de processos de pessoas, define a doação de órgãos como uma forma de manter a presença daqueles que já partiram. Por isso, chama o ser humano para a reflexão. "As pessoas precisam pensar sobre o assunto. Sabemos que é difícil, pois quando há uma doação, alguém perdeu a vida. Mas, esse ato pode amenizar a dor da perda. Doar órgãos é um ato de bondade e a capacidade de se colocar no lugar do outro. É uma forma de deixar, para sempre, uma marca de auxílio em alguém."



EQUIPE: atuam no processo de doação de órgãos do HBB, os médicos Lucas Malmann e Nelson Franco Neto e as enfermeiras Adriana Calvi e Angélica Rocha de Oliveira

HBB registra 60 transplantes desde 2012

O Hospital Bruno Born de Lajeado é uma das instituições de saúde no país que realiza transplantes. Desde 2012, ocorreram 60 procedimentos, sendo que o rim é o órgão mais transplantado. Para celebrar o Dia Nacional, ontem, foi realizada uma ação de conscientização para os funcionários do HBB e, hoje, um trabalho para sensibilizar a comunidade em frente ao prédio novo do hospital na Rua Júlio de Castilhos das 10h30min às 14h30min.

"Para a população em geral o processo de doação de órgãos vem acompanhado de muitas dúvidas. Medidas educativas e de esclarecimento sempre trazem resultados positivos", explica a enfermeira coordenadora da UTI Adulto, Adriana Calvi.

Além do transplante do rim, a casa de saúde também faz o procedimento para a cómea. De acordo com Adriana, o hospital conta com uma equipe capacitada com urologistas, cirurgiões vasculares e nefrologistas, infraestrutura de bloco cirúrgico e UTI para cirurgia desta complexidade. Em relação ao transplante de cómea, há oftalmologistas capacitados.

Em relação à lista de espera por transplantes, ela diz que cresce mais em comparação ao número de doações. "A desproporção entre

a grande demanda por transplantes de órgãos e a baixa realização de transplantes é um grave problema de saúde pública."

Conforme a enfermeira, o coração e o pulmão são órgãos com mais dificuldade de serem encontrados para doação, pois os critérios são mais restritos devido a uma série de detalhes técnicos, inclusive anatômicos como proporção entre o órgão doado e o receptor, tabagismo e presença de doenças como hipertensão e diabetes.

Segundo Adriana, o principal desafio para os transplantes são as doações em potencial que não são concretizadas em função da negativa da família, o que acontece em quase metade dos casos.

"Isso se deve a diversos fatores, mas os que mais chamam atenção são o desconhecimento sobre o diagnóstico de morte encefálica e o processo de doação e a falta de manifestação do desejo de doar ainda em vida. O nosso desafio é, por meio de medidas educativas e de esclarecimento à população, trazer à tona o problema e sensibilizar as pessoas sobre esse ato generoso que pode salvar tantas vidas. A semana nacional da doação de órgãos tem como objetivo justamente sensibilizar a população e trazer à tona a questão."

No estado, 996 transplantes foram feitos em 2017

A Central de Transplantes do Rio Grande do Sul celebra 30 anos, neste mês. De acordo com dados do Governo do Estado, nos primeiros oito meses do ano, foram feitos 488 transplantes de córneas; 376 de rim; 87 de fígado; 31 de pulmão; e 14 de coração. O total de procedimentos fica em 996.

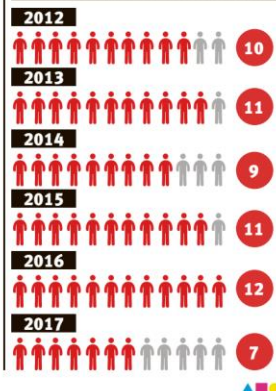
Até agosto de 2017, 872 pessoas estavam na lista de espera por um rim; 145 pessoas aguardavam um fígado; 170 por um transplante de medula óssea; 85 na lista de espera por pulmão; 16 de cómea; e 17 por um coração.

Ainda de acordo com informações do Estado, em 2017, o total de 211 pessoas foram doadores no Rio Grande do Sul, sendo que 568 foram notificados como potenciais doadores. Em relação aos dados de doadores efetivos por estados do Brasil, o RS é o terceiro colocado e fica atrás de São Paulo e Paraná. Para celebrar o Dia Nacional da Doação de

Órgãos, a Secretaria Estadual da Saúde homologou doadores, instituições e profissionais que contribuem na área de transplantes. O evento foi realizado, na segunda-feira, no Palácio Piratini e integra a Semana Nacional de Doação de Órgãos celebrada de 25 até 30 de setembro. Na homenagem, o coordenador da Central, Cristiano Franke, destacou que o estado apresenta aumento significativo de doação o que representa avanço e trabalho especializado nos hospitais.

Para o secretário estadual da Saúde, João Gabbardo dos Reis, a responsabilidade da doação é de toda a sociedade; e, não somente, do governo. O governador, José Ivo Sartori, observou que doar órgãos é compartilhar a força da existência. "Mesmo nos momentos em que dói a perda de alguém querido, é a possibilidade de transformar essa dor da melhor maneira, permitindo que a vida recomece e continue."

TRANSPLANTES NO HBB EM NÚMEROS



Ações buscam conscientizar sobre a importância da doação de órgãos

Programação especial para celebrar a data foi realizada pelo Hospital Bruno Born



Carolina Schmidt
carolinaschmidt@informativo.com.br

» Lajeado

O motorista aposentado Wilson Borges (67) já deixou um aviso aos familiares. Quer ser cremado e que seus órgãos sejam doados. Ele compareceu, ontem, nas ações para celebrar o Dia Nacional de Doação de Órgãos realizadas pela equipe do Hospital Bruno Born (HBB). Borges é natural de Porto Alegre e adotou a cidade de Lajeado para residir há 20 anos. Alguns anos atrás, ele se cadastrou na Capital Gaúcha para doação de córneas.

“É um ato para salvar vidas. As pessoas deveriam refletir e serem a favor. Quando partimos, não há mais vida no corpo, na matéria. Por que não ajudar quem necessita?”

Ao avaliar a programação de



CONSCIENTIZAÇÃO: equipe realizou as ações na Julio de Castilhos

ontem, a enfermeira coordenadora da UTI Adulto do HBB, Adriana Calvi, diz que a comunidade foi receptiva com as ações. “As atividades foram muito produtivas. Precisamos falar e conscientizar,

também, nos demais períodos do ano.”

Mesmo que as pessoas participem, Adriana ressalta que ainda existe receio sobre o assunto. Portanto, um dos principais desafios

fotos Carolina Schmidt



SOLIDARIEDADE:
Wilson Borges já disse para a família que deseja ser doador

A data

Em São Paulo, uma lei de 2014, institui o mês de setembro como dedicado especialmente à conscientização em favor da doação de órgãos, que passou a ser conhecido como Setembro Verde. A Associação Brasileira de Transplante de Órgãos também realiza o chamado Brasil Verde, uma série de eventos que reforçam e conscientizam sobre o assunto.

Segundo a legislação brasileira, a retirada dos órgãos e tecidos só pode ser feita após autorização dos membros da família. O doador deve ter sofrido morte encefálica, pois somente assim os seus principais órgãos permanecerão aptos para serem transplantados.

Pessoas vivas também podem ser doadoras de órgãos, mas apenas aqueles que são considerados duplos, ou seja, que não prejudicarão as aptidões vitais do doador após o transplante. São exemplos: rim, pulmão, parte do fígado, do pâncreas e medula óssea.

é mudar a cultura.

Outra questão que ela ressalta diz respeito aos cartões de doadores. Conforme Adriana, mesmo que ocorra o cadastro, a doação somente ocorre com a autorização

familiar. “O cartão é simbólico. O que efetiva a doação do órgão é a aprovação dos familiares. Os parentes, geralmente, acatam o pedido de doação daquele que já partiu.”

Anexo D - Matérias ampliadas referentes ao tema Suicídio (Datas: 02/09/2017; 04/09/2017)

SÁBADO E DOMINGO, 2 E 3 DE SETEMBRO DE 2017

Folha  Mate

Cotidiano .3

SETEMBRO AMARELO

Um mês dedicado à reflexão sobre o suicídio

Caps II de Venâncio Aires realiza atividades diferenciadas para marcar e destacar o Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio

KETHLIN MEURER

Para marcar o Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio, o Centro de Atendimento Psicossocial II (Caps II) de Venâncio Aires tem programado várias atividades para promover a valorização da vida.

A programação teve início nesta sexta-feira, 1º, quando um grupo de pessoas se reuniu no Caps II para falar justamente sobre a necessidade de pensar a vida e levá-la de forma positiva. A roda de conversa foi organizada pelas estagiárias de Psicologia e demais profissionais. O titular da Secretaria de Saúde, Ramon Schwengber, também marcou presença e inaugurou a faixa da campanha de valorização da vida confeccionada pela equipe do Caps e que ficará exposta no próprio espaço.

Durante a roda de conversa também ocorreu uma dinâmica de grupo, que consistiu em dar-se as mãos e passar um bambolê para a pessoa ao lado até o objeto fazer toda a volta. Contudo, para que isso fosse feito, deveriam permanecer de mãos dadas. O objetivo da atividade foi mostrar que, assim como na dinâmica cada pessoa precisou do auxílio da outra para que o bambolê percorresse a roda, na vida todos também precisam da ajuda do

próximo para encarar diversos momentos.

Após a dinâmica, as profissionais do Caps fizeram a reflexão com o grupo: “quantas pessoas precisam de ajuda, mas às vezes não sabem por onde começar?”. Na oportunidade, todos comentaram sobre o quanto é essencial viver o hoje e tentar deixar para trás os sofrimentos passados, a ansiedade e preocupações em excesso sobre o futuro.

CONSCIENTIZAÇÃO

De acordo com a psicóloga do Caps II, Camile Luiza da Rosa, o Setembro Amarelo é um mês em que diversas atividades são realizadas para reforçar a importância das pessoas prestarem atenção no próximo e nos pequenos detalhes para evitar o suicídio. “Nós buscamos conscientizar as pessoas sobre como ajudar, o que fazer e a verificar os sinais de alerta”, comenta.

Na opinião dela, tem sido cada vez mais comum pacientes com depressão ou que já tenham um histórico da doença na família. Camile acredita que isso tem aumentado por vários fatores, entre eles, problemas financeiros e falta de pessoas que escutem e se importem com o próximo.

A coordenadora do Caps II, Regina Marmitt, acrescenta que outro trabalho diferenciado a ser realizado neste mês ocorrerá na



REGINA: “A PESSOA QUE COMETE SUICÍDIO NÃO QUER ACABAR COM A VIDA. ELA FAZ ISSO, PORQUE QUER ACABAR COM A DOR E SOFRIMENTO E NÓS PRECISAMOS AJUDAR”

sala de espera, ou seja, enquanto os pacientes aguardam atendimento, profissionais irão conversar com eles sobre o suicídio e, principalmente, a respeito das formas de prevenção.

Segundo Regina, muitas pessoas que frequentam o Caps buscam a fórmula da felicidade, mas, esse sentimento de alegria é conquistado por meio de pequenos gestos ou atitudes, como por exemplo, fazer um bolo, passear com um amigo, caminhar e fugir da rotina. “Para sermos felizes, nós precisamos nos permitir receber coisas boas. Depende de nós”, aconselha.

Além disso, na roda de conversa, sobre o suicídio, Regina disse: “A pessoa que comete suicídio



NA TARDE DE SEXTA-FEIRA, GRUPO DE PACIENTES DO CAPS II PARTICIPOU DE UMA RODA DE CONVERSA E DINÂMICA DE GRUPO PARA REFLETIR SOBRE O SETEMBRO AMARELO



FAIXA DA CAMPANHA DE VALORIZAÇÃO DA VIDA FOI CONFECCIONADA PELAS PROFISSIONAIS DO CAPS II

não quer acabar com a vida. Ela faz isso, porque quer acabar com a dor e sofrimento e nós precisamos ajudar”.

PRÓXIMA AÇÃO

No dia 16, o Caps II irá realizar uma atividade maior na Travessa São Sebastião Mártir. A partir das 9h, e toda a manhã, profissionais do centro farão a distribuição de folhetos referente ao Setembro Amarelo, irão orientar a população sobre a importância da valorização da vida, distribuirão laços amarelos e, ainda, o grupo de música do Caps realizará apresentações.

Mês para discutir sobre o suicídio

Durante o Setembro Amarelo, organizações se mobilizam para promover ações preventivas



Lucas George Wendt
lucaswendt@informativo.com.br

» Lajeado

Ao longo do mês de setembro, com o objetivo de contribuir para a prevenção dos casos de suicídio, diversas entidades da região do Vale do Taquari promoverão atividades. Aumento nos casos é uma das grandes pautas na área da saúde pública. A adesão de organizações ao movimento Setembro Amarelo tem crescido desde 2014, ano de instituição do mês como marco na prevenção ao suicídio no Brasil. Neste ano, a Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo (Unimed VTRP), o Hospital Bruno Born (HBB) e a Clínica de Psiquiatria Avançada promovem atividades de prevenção conjuntas. A Univates também se mobiliza para tratar sobre o tema durante o mês.

O assunto, que antes era considerado um tabu, vem ganhando mais espaço na mídia e nas discussões populares. Segundo o médico psiquiatra Fábio Vitória (36), “o coeficiente de mortalidade por suicídios, cálculo elaborado para



SUICÍDIO: jovens estão na população de risco

“Falar abertamente é prevenir.”

Fábio Vitória,
médico psiquiatra

cada cem mil habitantes, chega a 15 casos no Vale do Taquari”. Os dados, se comparados à média brasileira - cinco casos a cada cem mil -, são elevados.

Mesmo assim, o médico afirma que a subnotificação e o enquadramento do óbito em outra causa (nos casos em que a tentativa se efetiva) são comuns.

O suicídio tem crescido, também, entre os jovens.

Vitória observa que a concepção de valorização da vida dos adolescentes é diferente hoje. Os pais, por outro lado, também têm menos tempo, segundo o médico, o que diminui o espaço de diálogo com os filhos. Conversar é fundamental para que a família perceba comportamentos que podem ser perigosos. “Falar abertamente é prevenir”, diz.

Saiba Mais

A campanha Setembro Amarelo foi iniciada no Brasil em 2014, pelo Centro de Valorização da Vida (CVV). Tem o apoio do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). O movimento aborda a tentativa e a concretização do ato de se matar como um problema de saúde pública. A Associação Internacional para a Prevenção do Suicídio atua desde 1962 e é responsável por instituir 10 de setembro como o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio.

Serviço

Programação Lajeado

- Dia 10 - Ação de conscientização no Parque Professor Theobaldo Dick sobre o Setembro Amarelo, a partir das 14h. Estarão disponíveis brinquedos infláveis, erva-mate e água quente (Unimed VTRP, HBB e Clínica de Psicologia Avançada).
- Dia 14 - Palestra Suicídio: Vamos Falar Sobre Isso?, no auditório da sede da Unimed VTRP, a partir das 18h30min. O evento é aberto ao público e tem vagas limitadas. Inscrições podem ser realizadas pelo www.unimedvtrp.com.br/setembroamarelo (Unimed VTRP, HBB e Clínica de Psicologia Avançada).
- Dia 28 - 1º Seminário da Liga Acadêmica de Saúde e Espiritualidade: “Um olhar sobre o Setembro Amarelo”. O evento ocorre na Univates, e as inscrições serão divulgadas em breve em www.univates.br/agenda (Univates).

Encantado

- Dia 11 - Palestra Suicídio: Vamos Falar Sobre Isso?, no Espaço Viver Bem da Unimed VTRP. O evento é aberto ao público e tem vagas limitadas (Unimed VTRP, HBB e Clínica de Psicologia Avançada).
- Dia 30 - Seminário Suicídio e o Ciclo Vital, no anfiteatro principal da Clínica Terapêutica Novo Começo, a partir das 8h30min. A atividade é aberta ao público e tem vagas limitadas (Unimed VTRP, HBB e Clínica de Psicologia Avançada).

Anexo E – Publicações com base em dados estatísticos (Datas: 04/09//2017; 01/09/2017; 31/08/2017)

4 » TEMA DO DIA

O INFORMATIVO DO VALE - Segunda-feira, 4 de setembro de 2017

Em dez anos, número de crianças volta a crescer no Vale do Taquari

Estimativa aponta que, de 2006 a 2016, a quantidade de menores de 0 a 4 anos aumentou na região. O fato se verifica a partir de 2010, com a implantação de políticas públicas específicas



Rodrigo Nascimento
rodrigon@informativo.com.br

» Vale do Taquari

Invertendo a curva da redução do número de filhos, o Vale do Taquari contabiliza, ao longo de uma década, um crescimento de 9,13% no número de crianças de 0 a 4 anos. Ao todo, nos 38 municípios da região, em 2016, havia 1.801 crianças a mais nessa faixa etária do que em 2006. O índice é resultado da estimativa populacional divulgada pela Fundação de Economia e Estatística do Estado (FEE).

O percentual positivo vai na contramão da realidade dos primeiros anos da década passada. Conforme a presidente do Conselho de Desenvolvimento Regional do Vale do Taquari (Codevat), Cíntia Agostini, a retomada do crescimento no número de filhos se deu nos últimos anos. "Em 2010, por exemplo, dentro desse intervalo, nós atingimos o índice mais baixo. Foi a partir daquele ano que a região começou a recuperar o número de crianças dentro da idade apontada pela FEE."

Cíntia diz que vários são os fatores que colaboraram para esse crescimento, especialmente as condições socioeconômicas da população. "É um período marcado pelo estímulo ao nascimento de filhos, mas também pelas condições econômicas e sociais, que tiveram elevação. O Brasil só sentiu os efeitos da crise em 2015. E de 2010 até aqui, a curva do crescimento da população se inverteu", compara.



"Em 2010, por exemplo, dentro desse intervalo, nós atingimos o índice mais baixo [de filhos por mãe]. Foi a partir daquele ano que a região começou a recuperar o número de crianças dentro da idade apontada pela FEE."

Cíntia Agostini,
presidente do Codevat



FAMÍLIA: Gabriela e Fernando com os filhos Jeremias e Anita. Opção por mais de um filho é sinônimo de otimismo dos pais

Mudança social

Para a jornalista lajeadense Gabriela Junqueira Quevedo (31), o desejo de ter mais do que um filho sempre foi uma realidade. Há sete anos, nascia o pequeno Jeremias e, há pouco mais de oito meses, a Anita veio completar a família. "Eu tenho um irmão, que é só por parte de pai, e ele é 15 anos mais novo que eu. Eu não tive convívio nenhum com ele. É muito legal ter irmãos, propor essa experiência de compartilhar entre irmãos", destaca.

A jornalista diz que pai e mãe precisam ser otimistas. "Eu tenho medo do futuro, procuro prepará-los desde cedo para que eles consigam superar os problemas do nosso país. Eu e o meu marido, Fernando, temos medo, sim, mas não dá para ser negativo o tempo todo. É preciso acreditar que as coisas vão melhorar."

Gabriela conta que o custo com estudo e a Educação Infantil, no caso de pequena Anita, é o que mais pesa. No entanto, ela explica que a necessidade do investimento em educação é compensado por todo o resto. "Fora a escola, a

criança precisa de muito pouco. Criança precisa de atenção muito mais do que qualquer investimento financeiro", conclui. Por enquanto, são dois, e a opção da família estaciona por aí, acima da média regional, que é 1,6 filho por mãe.

Apixonada, Gabriela se declara para sua família: "Eles são lindos, não é mesmo?".

Sem saber, o jovem casal reflete uma mudança social que acaba invertendo os índices no Vale do Taquari.

COMPORTAMENTO

Para a presidente do Codevat, o pensamento da jornalista e do marido está alinhado a uma nova consciência coletiva. "Existe um pensamento que vai na direção oposta da geração que achava 'feio' ter mais do que um filho, constituir família grande. Essa mudança também está relacionada com as políticas públicas e a economia, que, durante um bom tempo, deu sinais de crescimento", avalia.

Crescimento maior do que o Estado

Na média geral, o crescimento da população do Rio Grande do Sul estacionou em 6%. De acordo com a FEE, de 2006 a 2016, o percentual de elevação no Vale é de 9,73%. "Parte desse aumento se deve ao processo migratório que ocorre, também, pelo trânsito de pessoas na nossa região", pondera Cíntia.

O índice positivo ainda aponta que o Vale do Taquari continua o processo de crescimento, com pequenas distorções nos menores municípios. Segundo a estimativa, das 38 cidades do Vale, 14 apresentaram índices negativos no crescimento populacional. Os menores índices aparecem, igualmente, nos menores lugares da região. "Esse é um comportamento que já se sente há algum tempo, e ele tem vários fatores como possibilidade de explicação. Mas de modo geral, a região segue crescendo mais do que o Rio Grande do Sul, e esse aumento é positivo", constata Cíntia.

Município de Marques de Souza
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Getúlio Vargas, 796 - Marquês de Souza - RS - CEP 95023-000
CNPJ 01.607.619/0001-21 | Fone/Fax (51) 3705-1122
www.marquesdesouza.rs.gov.br | contato@marquesdesouza.rs.gov.br

AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO PRESENCIAL Nº 12/2017
A Equipe de Licitações da Prefeitura Municipal de Marques de Souza comunica a realização de Pregão Presencial, tipo "MENOR PREÇO", para **Aquisição de UM CAMINHÃO para a Secretaria de Obras**. A data para abertura das propostas será **14 de setembro de 2017, às 08:00hs**, na sede desta Prefeitura. O edital está disponível no site www.marquesdesouza.rs.gov.br. Mais informações, pelo fone (0xx51)3705-1122 Setor de Licitações.

Marques de Souza, 01 de setembro de 2017.
EDMILSON AMAURI DORR - Prefeito Municipal

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL BRASIL
PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA
EDITAL DE PREGÃO PRESENCIAL Nº 047-01/2017
O Prefeito Municipal torna público que no dia 18 de setembro de 2017, às 9h, na sala de Licitações da Prefeitura, sita à Rua Júlio de Castilhos, 380, Estrela/RS, serão recebidos os Envelopes Proposta e Documentação, referentes à locação de decoração natalina para diversos locais do Município, conforme Edital e anexos. Cópia do Edital e seus anexos deverão ser retirados no site www.estrela.rs.gov.br, bem como informações complementares poderão ser obtidas pelo telefone (51) 3981-1029 no horário das 8h às 11h e 30min e das 13h e 30min às 17h.

Estrela, 31 de agosto de 2017.
CARLOS RAFAEL MALLMANN - Prefeito Municipal

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO
AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO PRESENCIAL Nº 042/2017: Contratação de empresa para reforma geral do motor de patrôla. ABERTURA: 15.09.2017. HORÁRIO: 09 horas.
O edital está disponível no site: www.arroiodomeios.com.br, no menu link Licitações. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Setor de Licitações da Prefeitura de Arroio do Meio (RS), pelo e-mail: licitacao@arroiodomeios.com.br, Arroio do Meio, 04 de Setembro de 2017. **Klaus Werner Schnack** - Prefeito Municipal


**MAIS
DO QUE
CUIDAR:**

Educação Infantil é desafiada a atender à demanda e formar os adultos do futuro

O desafio da educação acessível

Por ser a maior cidade do Vale do Taquari, Lajeado concentra, também, o maior índice de procura por vagas na Educação Infantil. Na faixa etária analisada pela FEE - de 0 a 4 anos -, está a maioria das crianças que são atendidas em creches do município. E o número de matrículas só cresce.

Conforme a titular da Educação, Vera Lucia Plein, no início do ano, a demanda de vagas ultrapassava a casa dos 600 inscritos em fila de espera. De março para cá, a pasta conseguiu ampliar em 500 vagas, remodelando equipes, contratando professores a ajustando turmas. "Porém, existe, ainda, uma lista de quase 500 nomes. Isso tudo dentro do mesmo ano", aponta.

Conforme a secretária, de 2015 para 2016, o número de pedidos de matrícula foi de 1,5 mil crianças na Educação Infantil. "É um desafio constante oferecer um atendimento de qualidade e acessível a toda a população que precisa. A Educação Infantil sempre necessita de ampliação na quantidade de vagas."

A secretária conta que a pasta está desenvolvendo um estudo. Durante todo o mês de agosto deste ano, os profissionais se debruçaram sobre as demandas da Educação Infantil, e um diagnóstico está sendo preparado. O material servirá como base para manter ativo o desafio de atender todos que precisam de vagas nas creches da melhor forma possível.

A linguagem dos pequenos

A diretora da Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda, Janice Diehl, também preside o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) em Lajeado. Por exigência do Ministério da Educação, cada cidade tem o seu conselho para o fundo, e a diretora da Gente Miúda representa o município nele.

Segundo ela, a Educação Infantil atual está associada mais à formação do que apenas à criação das crianças enquanto os pais trabalham. Nas salas de aula da escola dela, estão os adultos das próximas gerações. "Por isso, precisamos formar essas crianças com um senso crítico e também responsáveis. A Educação Infantil, hoje, é muito mais do que no passado."

Dentro da metodologia de ensino, Janice explica que os pequenos são instruídos por meio de linguagens geradoras de aprendizado. Ao todo, são 19 e compreendem todas as áreas do conhecimento. "São atividades com leitura, escrita, gestual e artes, por exemplo, que ilustram o cotidiano das crianças."



Município	2006 0 a 4 anos	2016 0 a 4 anos	VARIACÃO Crianças
Anta Gorda	306	284	-7,19%
Arroio do Meio	1.002	1.248	24,55%
Arvorezinha	707	528	-25,32%
Bom Retiro do Sul	771	752	-2,46%
Boqueirão do Leão	679	426	-37,26%
Canudos do Vale	96	64	-33,33%
Capitão	182	207	13,74%
Colinas	97	124	27,84%
Coqueiro Baixo	61	38	-37,70%
Cruzeiro do Sul	563	606	7,64%
Dois Lajeados	138	135	-2,17%
Doutor Ricardo	82	76	-7,32%
Encantado	1.067	1.307	22,49%
Estrela	1.923	2.175	13,10%
Fazenda Vilanova	249	313	25,70%
Forquethinha	98	95	-3,06%
Itópolis	279	212	-24,01%
Imigrante	132	129	-2,27%
Itapuca	160	92	-42,50%
Lajeado	4.294	5.747	33,84%
Marques de Souza	188	213	13,30%
Mucum	253	250	-1,19%
Nova Brésia	156	139	-10,90%
Paverama	377	446	18,30%
Poço das Antas	70	98	40,00%
Pouso Novo	100	79	-21,00%
Progresso	408	240	-41,18%
Putinga	235	151	-35,74%
Relvado	77	60	-22,08%
Roca Sales	500	569	13,80%
Santa Clara do Sul	277	374	35,02%
Sério	119	70	-41,18%
Tabaí	225	260	15,56%
Taquari	1.828	1.637	-10,45%
Teutônia	1.670	2.073	24,13%
Travesseiro	113	77	-31,86%
Vespasiano Corrêa	94	53	-43,62%
Westfália	156	186	19,23%

Totais

2006
(de 0 a 4 anos)
19.732

2016
(de 0 a 4 anos)
21.533

Varição
9,13%



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Selecioneamos pacientes para tratamento ortodôntico

"APARELHO DENTÁRIO"

em curso de especialização em ortodontia.

Responsável: Dr. Rodrigo Matos de Souza CRO/RS15947

Contato de segunda a sexta-feira,
no horário comercial (pelo fone 98161-0077).



Cresce o número de pessoas com mais de 60 anos em Lajeado

Estudo divulgado pela Fundação de Economia e Estatística amplia conhecimento acerca da população gaúcha



Carolina Schmidt
carolinaschmidt@informativo.com.br

Lucas George Wendt
lucaswendt@informativo.com.br

» Lajeado

Na última década, a população acima de 60 anos na cidade aumentou de 6.706 para 10.778 pessoas. Estas e outras informações foram divulgadas, ontem, pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul. O estudo publicado pela entidade mapeou todos os municípios gaúchos e apresenta dados relevantes para o entendimento do comportamento da população gaúcha.

O levantamento é realizado pelo Núcleo de Demografia e Previdência (NDP) da FEE e possibilita conhecer a evolução populacional dos municípios gaúchos com segmentação no sexo e grupos etários.

Somente em Lajeado, em uma década, o número de pessoas que chegou aos 60 anos é superior a quatro mil. O aumento da expectativa de vida da população traz à tona as especificidades desse grupo de indivíduos. Conforme a professora da Univates, doutora Arlete Ely Kunz da Costa (52), a sociedade não está preparada para atender às demandas da terceira idade. Arlete foi responsável por conduzir uma pesquisa, durante sua tese de doutorado, sobre a qualidade de vida na terceira idade. Seu estudo envolveu 75 idosos de 15 cidades da região.

"Ainda estamos construindo estruturas sociais capazes de fornecer atendimento com qualidade para os idosos", destaca. Segundo Arlete, hoje a terceira idade apresenta necessidades diferentes como, por exemplo, entender e se relacionar com as tecnologias. Ao mesmo tempo, acredita que a Educação Superior tem dado mais atenção ao envelhecimento da população nos cursos de graduação, como uma forma de preparar os profissionais que, no futuro, lidarão com o grupo crescente de pessoas que ultrapassa a marca dos 60.

O comportamento social do idoso está mudando, conforme ele fica mais exigente e busca por interação e movimento. "Os idosos se consideram mais felizes", conclui Arlete.



Lidiane Mattemm

"Estamos nos preparando para atender com qualidade a população acima dos 60 anos"

Arlete Ely Kunz da Costa,
professora da Univates

PESQUISA: Arlete Ely Kunz da Costa estuda o envelhecimento da população na região

Levantamento mapeia todas as cidades gaúchas

A pesquisa lançada ontem é divulgada anualmente desde 2001 e contempla todos os municípios do Rio Grande do Sul. Os dados mais recentes, de 2016, foram compilados pelos estatísticos Pedro Zuanazzi e Mariana Bartels, com supervisão de Juarez

Meneghetti. "A população é a base para a maior parte dos estudos sociais. Sem as estimativas, por idade e sexo, não é possível mensurar a maioria das taxas de criminalidade, saúde ou educação. Mais do que isso, as estimativas auxiliam também o setor pri-

vado, pois apontam as dinâmicas demográficas dos públicos-alvos das empresas. Se pretendo abrir uma faculdade, posso verificar em que regiões vem crescendo a população de 18 a 24 anos, por exemplo", explicou Zuanazzi, coordenador do NDP.

2016	De 60 a 64 anos		De 65 a 69 anos		De 70 a 74 anos		De 75 a 79 anos		80 anos ou mais		Crescimento (em número de pessoas)	População total de Lajeado
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
	1.716	1.918	1.154	1.504	746	1.053	524	800	400	963	10.778	81.507

2006	De 60 a 64 anos		De 65 a 69 anos		De 70 a 74 anos		De 75 a 79 anos		80 anos ou mais		Total	População total de Lajeado
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
	948	1.149	726	925	508	760	334	542	262	552	6.706	68.072

Fonte: FEE - Fundação de Economia e Estatística

A Pirâmide Etária

O estudo também trouxe outras informações do Estado. Segundo os dados divulgados, é possível observar que a tendência de envelhecimento da população se manteve, com o maior aumento populacional na faixa etária acima dos 60 anos, tendência verificada em Lajeado. O número de pessoas idosas no estado chega a 1,8 milhão de pessoas: 16,06% da população total de 11,3 milhões de habitantes do Rio Grande do Sul.

Já na população total, há uma relação de 94,8 homens para cada 100 mulheres (são 5.492.563 homens e 5.793.937 mulheres).

Os dados do Núcleo de Demografia e Previdência da FEE evidenciam que os pequenos municípios concentram os maiores percentuais de idosos no Estado. O destaque é Coqueiro Baixo, no Vale do Taquari, que ocupa a primeira

posição com 37,45% da população com 60 anos ou mais.

O número de nascimentos no Rio Grande do Sul também apresenta destaque, que em 2016, cai pela primeira vez desde 2010. O índice retorna a patamares de 2013, com um total de 141,4 mil nascidos vivos. Ainda assim, a faixa etária de 0 a 4 anos atinge o maior contingente desde 2009, com 716 mil crianças. O estado tem um percentual de crianças com até 9 anos de 12,35%. O número de óbitos mantém crescimento gradual e alcança 87,5 mil, e o crescimento vegetativo (relação entre nascimentos - óbitos) volta a cair, atingindo 53,9 mil em 2016, em comparação a 66 mil em 2015. Entre os municípios que mais ganharam população, está Caxias do Sul. Porto Alegre ficou com a segunda colocação.

AVISO DE LICITAÇÃO
MUNICÍPIO DE PAVERAMA/RS
TOMADA DE PREÇOS Nº 001/2017
O MUNICÍPIO DE PAVERAMA, comunica que o Edital de Tomada de Preços Nº 001/2017, foi retificado. Data da nova abertura dia 21 de setembro de 2017, às 9h. Local: Rua 4 de Julho, 7220, Paverama/RS. Informações e edital no endereço supra ou fone 51 3761.1044 ou email: licitacao@paverama.rs.gov.br
Paverama, 31 de agosto de 2017.
Eleamar Rul Dickel - Vice-Prefeito em Exercício No Cargo de Prefeito

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUNICÍPIO DE SÉRIO
Rua 17 de Novembro, 1075 - Centro - CEP: 95.918-000
CNPJ 04.706.033/0001-03
PREGÃO PRESENCIAL 017/2017
O Prefeito do Município de SÉRIO/RS, no uso de suas atribuições, e de conformidade com o disposto na Lei de Licitações, torna público, para conhecimento dos interessados que, às 09:00 horas do dia 19 de setembro de 2017, na sala de reuniões do Centro Municipal de Órgãos Públicos, no site www.portaldecompraspublicas.com.br será procedido a abertura dos lances, que trata da aquisição de material elétrico. Maiores informações e integral do Edital, estão à disposição dos interessados, das 8:00 às 11:30 e das 13:30 às 16:00 horas, no Setor de Licitações e nos sites www.municipiodeserio.com.br e www.portaldecompraspublicas.com.br.
Sério, 31 de agosto de 2017.
ELIR SARTORI - Prefeito

ESTIMATIVA DO IBGE

População de Venâncio cresce 0,43% em 2017

Capital Nacional do Chimarrão é a 30ª cidade mais populosa do Rio Grande do Sul. Estimativa atualizada aponta para 70.481 mil habitantes

KETHLIN MEURER

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) divulgou ontem a nova estimativa populacional do Brasil neste ano. Quase um quarto dos 5.570 municípios

brasileiros (24,7%) apresentou redução no número da população. Já em Venâncio Aires houve um aumento no número de habitantes. Conforme a estimativa do ano passado, o município tinha 70.179 pessoas, enquanto que, neste ano, há 70.481 habitantes, o que representa um acréscimo de 0,43%.

Ainda de acordo com os dados divulgados, em mais da metade dos municípios brasileiros (53,6% ou 2.986), as taxas de crescimento populacional foram inferiores a 1% e em 258 cidades (4,6% do total) o crescimento foi igual ou superior a 2%. A estimativa é de que o Brasil tenha 207,7 milhões de habitantes e uma taxa de crescimento populacional de 0,77% de 2016 para 2017.

Do Rio Grande do Sul, Venâncio Aires é a 30ª cidade mais populosa de um total de 497 municípios. Já em todo o Brasil, a Capital do Chimarrão é a 446ª cidade mais populosa.

O município que tem o maior número de pessoas no estado é Porto Alegre, com 1.484.941 de

habitantes, o mesmo resultado da estimativa apresentada no ano passado. Além disso, assim como em 2016, André da Rocha continua a ser - em relação à população - a menor cidade do Rio Grande do Sul, com 1.306 pessoas.

CIDADES VIZINHAS

A cidade vizinha de Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, também teve um acréscimo populacional que resultou em 0,52%, pois a estimativa de 2016 apontava para 126.775 habitantes e, neste ano, passou para 127.429. No caso de Lajeado, outra cidade próxima a Venâncio, o percentual de aumento do número de habitantes foi maior, 0,82%, já que de 79.172 pessoas passou para 79.819.

Santa Cruz do Sul ocupa a 15ª colocação entre as cidades mais populosas no Rio Grande do Sul e

Saiba mais

CENSO

No último censo realizado pelo IBGE em 2010, a população de Venâncio Aires era composta por 65.946 habitantes.

Lajeado é a 28ª no ranking gaúcho.

A pesquisa feita pelo IBGE também mostrou que a maior parte dos municípios brasileiros (68,3%) tem até 20 mil habitantes e abriga apenas 15,5% da população do país (32,2 milhões de pessoas). Além disso, neste ano, pouco mais da metade da população do Brasil (56,5% ou 117,2 milhões de habitantes) vive em apenas 5,6% dos municípios.

RANKING DOS ESTADOS

São Paulo é o estado mais populoso do país, com 45.094.866 habitantes. Em seguida, vem Minas Gerais, com 21.119.536 pessoas; Rio de Janeiro, com 16.718.956; Bahia, com 15.344.447 habitantes e em quinto lugar está o Rio Grande do Sul que tem 11.322.895 pessoas.

PANORAMA REGIONAL

Município	Estimativa 2016	Estimativa 2017	Crescimento	Ranking RS	Ranking BR
Venâncio Aires	70.179	70.481	0,43%	30º	446º
Mato Leitão	4.240	4.276	0,85%	319º	4.722º
Vale Verde	3.448	3.461	0,38%	348º	4.976º
Passo do Sobrado	6.402	6.430	0,44%	236º	3.934º
Santa Cruz do Sul	126.775	127.429	0,52%	15º	220º
Lajeado	79.172	79.819	0,82%	28º	415º

TABELIONATO DE PROTESTOS DE VENÂNCIO AIRES

Rua Julio de Castilhos 1544 - Fone 3741-2843

EDITAL DE INTIMAÇÃO

Para protestos foram apresentados os seguintes títulos:

Não tendo sido encontrados os devedores ou tendo eles recusado o recebimento da intimação, ficam intimados do apontamento dos títulos e de seus protestos a serem tirados dentro de três (3) úteis desta publicação, se antes não forem pagos, conforme art. 15 da Lei nº 9.492 de 10 de setembro de 1997, podendo oferecer resposta, que não evitará o protesto. Os editais das Certidões de Dívida Ativa (CDAs) estão disponíveis no Diário de Justiça Eletrônico no site do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Acesse www.tjrs.com.br. Venâncio Aires, 31 de agosto de 2017. Luis Henrique Delgado Dutra – Tabelião de Protestos

NOME DO DEVEDOR	CPF/CNPJ DO DEVEDOR	VENCIMENTO	DOCUMENTO	VALOR ORIGINAL	VALOR DECLARADO	ESP.	APRESENTANTE	CREADOR ORIGINAL	CREADOR ATUAL	MOT.	PROTOCOLO
ADAIR BASSETTI E CIA LTDA	10.542.142/0001-34	19/08/17	288655-1	R\$ 307,75	R\$ 307,75	IDM	BANCO ITAU SA	FRIGORIFICO DO SUL LTDA	FRIGORIFICO DO SUL LTDA	FP	770495-0
CRISTIANO LEANDRO ME	12.767.967/0001-82	15/08/17	21266	R\$ 528,00	R\$ 528,00	IDM	BANCO DO BRASIL SA	ASSEMB	ASSOCIAÇÃO DE ENTIDADES EMPRESARIAIS DE SANTA CRUZ DO SUL	FP	770424-0
FESTALLE - LUCAS ANTONIO DA SILVA	27.605.445/0001-51	10/08/17	691	R\$ 457,40	R\$ 457,40	IDM	BANCO BRASECO SIA	CV CASA DO VIDRO LTDA ME	CV CASA DO VIDRO LTDA ME	FP	769845-3
JOSIEL DE ANDRADE DA ROSA	048.097.220-66	08/08/17	671002	R\$ 213,04	R\$ 218,50	IDM	BANRISUL	OLICENTER SOLUÇÕES EM TECNOLOGIA	OLICENTER SOLUÇÕES EM TECNOLOGIA	FP	770283-3
PNA BRASIL SOLUÇÕES EM PISO	20.827.156/0001-58	25/05/17	US9099475	R\$ 714,42	R\$ 829,44	IDM	BANSICREDI	CONPASUL CONSTRUÇÃO E SERVIÇOS	CONPASUL CONSTRUÇÃO E SERVIÇOS	FP	769737-6
POSSELT & POSSELT LTDA ME	20.919.439/0001-20	09/08/17	128973	R\$ 6.048,00	R\$ 6.048,00	IDM	BANCO ITAU SA	TECMOLD IND E COM LTDA	TECMOLD IND E COM LTDA	FP	769709-0
RODRIGO RACHECO	040.465.430-43	16/04/16	314084423	R\$ 37.025,00	R\$ 24.269,38	CBI	PORTAL DE DOCUMENTOS SA	AYMORE CREDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO	AYMORE CREDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO	FP	770795-9
RUDIMAR D'AROSA	004.931.110-77	12/08/17	1601108	R\$ 650,00	R\$ 666,60	IDM	BANSICREDI	CUJCAR REPARAÇÃO AUTOMOTIVA	COOPCRED POLPE IN V. DO RIO PARDO	FP	770066-0

Anexo F – Matérias de Primavera (Data: 22/09/2017).

O INFORMATIVO DO VALE - Sexta-feira, 22 de setembro de 2017

» TEMA DO DIA 3



VENCE-DOR: o jardim de Tiago Guerra foi considerado o mais bonito de Colinas

Tempo seco e quente deve marcar a estação das flores, que se inicia hoje

Clima seco, temperaturas dentro e acima do padrão e ausência de temporais irão marcar a primavera



Ana Caroline Kautzmann
ana@informativo.com.br

» Vale do Taquari

Em um dia de calor e sensação de abafamento, característico do verão, é que chega a primavera. A estação das flores começa oficialmente hoje, às 17h02min. Sendo uma estação de transição - passagem do inverno para o verão - o período caracteriza-se com dias de maior amplitude térmica (manhãs frias e tardes quentes), que gradativamente diminui com a aproximação do verão. Além disso, a estação é tipicamente conhecida pelo florescer, que embelezam os jardins.

De acordo com as previsões do Núcleo de Informações Hidrometeorológicas (NIH) da Univates, nesta primavera não haverá atuação dos fenômenos El Niño e La Niña. A tendência será de níveis de chuva abaixo do padrão, com mais períodos secos durante novembro e dezembro e temperatura dentro e acima do padrão para a região.

Característicos do período, os temporais, neste ano, serão menos frequentes. Mas, como ressalta a coordenadora do NIH, Fabiane Gerhard, não se descarta a ocorrência de episódios extremos, tanto de chuva como de temperatura no decorrer da estação.

Jardins são tema de concurso em Colinas

Em Colinas, os jardins já estavam arrumados antes mesmo da chegada da primavera. O concurso Jardim Mais Bonito, que ocorre junto a Blumentanzfest, premia mais de cinco categorias, dentre elas, o jardim mais bonito e o mais florido. O objetivo da ação é valorizar o trabalho dos colinenses no cuidado das plantas, desenvolver o turismo local, despertar a consciência ecológica e ambiental nos moradores e manter vivas as tradições dos antepassados.

O engenheiro de produção Tiago Guerra reside há um ano em Colinas e teve o jardim premiado como o mais bonito do município. "Nós morávamos em um apartamento em Lajeado, acabamos nos mudando para cá e eu, particularmente, sempre gostei de jardins, fui ajuntando, arrumando, mudando sem muita pretensão. Quando ganhamos, ficamos muito surpresos, foi bem bacana", conta. O incentivo do município e da comunidade foi outro ponto citado por Guerra. "É muito bacana o clima da cidade. Chegando a primavera, todos os vizinhos arrumam o jardim, plantam flores, a gente fica motivado junto", acrescenta.

Quanto aos cuidados que as plantas demandam, Guerra afirma que aproveita a noite para realizá-los. "Aqui nós temos diversos tipos de plantas como cactos e suculentas. Além disso, temos flores como três marias, orquídea-bambu e brinco-de-princesa. Eu viajo bastante, então, às vezes, é meia-noite eu estou molhando as flores em casa. Isso mudou minha rotina, percebo em mim uma redução de estresse, ansiedade, e vejo que é resultado de cuidar das plantas", conta.

Previsão para os primeiros dias de primavera



Hoje: o sol aparece na região. Porém, entre a tarde e a noite, instabilidades se formam e deixam as condições favoráveis para chuvas isoladas. As temperaturas ficam novamente elevadas, com sensação de calor e abafamento.

Mínima de 19°C e máxima de 33°C



Sábado: uma frente fria de fraca atividade avança pelo Estado ao longo do dia. Em virtude disso, a nebulosidade predomina sobre o Vale e ocorrem pancadas de chuva irregulares. As temperaturas ficam mais agradáveis.

Mínima de 16°C e máxima de 22°C



Domingo: a umidade ainda circula sobre o território gaúcho e confere um dia com mescla entre sol e nuvens, sendo que nos períodos de maior nebulosidade pode ocorrer alguma chuva fraca ou garoa. As temperaturas ficam amenas, principalmente ao amanhecer e à noite. A tarde deve ser agradável.

Mínima de 14°C e máxima de 24°C

Horário de verão pode acabar

O horário de verão, que estava previsto para começar em 15 de outubro, pode não ocorrer. A proposta está em análise pela Casa Civil, já que, após estudos do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), concluiu-se que o principal objetivo da alteração no horário, a economia

de energia, não está sendo atingido, o que ocorre diante da mudança no perfil do consumidor.

Ainda não há prazo para a decisão, mas, com a proximidade da data de alteração do horário, o governo deverá se pronunciar em breve sobre o caso.



PRIMAVERA

Estação das flores chega hoje

Onde o inverno é mais rigoroso, primavera é vista como estação do renascimento das flores

KETHLIN MEURER

Após um inverno seco e com temperaturas elevadas, a estação mais florida do ano está aí. A primavera começa hoje, às 17h. Neste ano, a primavera promete calor e temperaturas acima da média histórica, que costuma ser cerca de 28°C.

De acordo com o Climatempo, para essa estação, não há expectativa de massas polares fortes e eventos de frio atípico como no meio da primavera do ano passado. Conforme o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), há um aumento da probabilidade entre 55% e 60% de ocorrer o fenômeno La Niña no sul durante a primavera e verão deste ano e do próximo. Diferente do El Niño, o fenômeno é a diminuição da temperatura das águas do Oceano Pacífico.



PRIMAVERA COMEÇA HOJE E PROMETE CALOR E TEMPERATURAS ACIMA DA MÉDIA HISTÓRICA

A mudança das estações ao longo do ano é causada devido à inclinação do eixo de rotação da Terra, em relação ao plano da órbita da sua translação. Nos lugares onde o inverno é mais rigoroso, a primavera é vista como a estação do renascimento das flores e folhas perdidas durante

a estação mais fria, com o reaparecimento da fauna.

A época de chuvas que ocorre na maior parte do país no fim do ano inicia durante, aproximadamente, a metade da primavera no calendário. Para quem gosta de flores e de muitas cores, a estação é a ideal.

Anexo G – Publicações do Rio Taquari (Datas: 01/09/2017; 02/09/2017)

12 VALE » LAJEADO

O INFORMATIVO DO VALE - Sexta-feira, 1º de setembro de 2017

Rio Taquari está entre os quatro mananciais mais poluídos do país

Conscientização para cuidados com as águas foi tema de Seminário na Univates



Carolina Schmidt
carolinaschmidt@informativo.com.br

» Lajeado

O Rio Grande do Sul possui três dos dez rios mais poluídos do Brasil. O Taquari, que passa por Lajeado e região, ocupa a 4ª posição. Na lista dos três primeiros, estão os rios dos Sinos, Caí e Gravataí. Os dados foram apresentados na manhã de ontem, na Univates, durante o 9º Seminário Viva o Taquari Vivo.

A palestra de abertura foi do diretor de responsabilidade Social Corporativa da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) e coordenador voluntário da ação Viva o Taquari Vivo, Gilberto Soares. “Essa poluição é uma tragédia causada por nós. Penso que minha geração deveria ter feito diferente, para vocês receberem um rio limpo.”

Ele observou que o projeto Viva o Taquari Vivo busca conscientizar sobre os cuidados com o rio que passa por boa parte dos municípios da região. Por isso, chamou os alunos para uma reflexão.

Ele lembrou que, todos os anos, são realizados mutirões de limpeza no rio. Roupas, monitores de computador, móveis e materiais

de construção estão entre os entulhos encontrados no fundo das águas. No entanto, segundo Soares, uma das principais poluições é causada pelo esgoto.

De acordo com ele, é preciso ter cuidado com toda a Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, pelo fato de estar interligada a outras do Estado. “O trabalho precisa ser feito aqui, para que as pessoas de outras regiões recebam água de qualidade. Tudo está interligado.”

Ele ainda lembrou que o projeto do Viva Taquari Vivo foi criado há cerca de dez anos pela Acil. Ao longo dos anos, além do seminário e mutirões de limpeza, o projeto realiza as jornadas técnicas e mostra na região. O seminário já atingiu cerca de cinco mil estudantes.

O evento de ontem foi voltado a alunos da Educação Infantil e séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Além de palestras para os estudantes das séries finais, houve programação aos alunos das séries iniciais. Aos pequenos, foi apresentada a peça *I-Mundo* e realizadas oficinas.

O seminário foi uma realização da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) e Parceiros Voluntários do Lajeado.



Carolina Schmidt

CONSCIENTIZAÇÃO:

Gilberto Soares falou sobre a preservação do Rio Taquari



MISSÃO: capitão de fragata destacou o trabalho realizado pela Marinha



FUTURO: professor Diógenes apresentou aos estudantes Carta de 2070

“Vamos ter guerra pela disputa da água”

A Capitania Fluvial de Porto Alegre da Marinha do Brasil também marcou presença no seminário, com capitão de fragata da Capitania Fluvial de Porto Alegre, Alexandre Pinheiro Gadelha.

Destacou que o mar e as águas doces são locais de trabalho e oferecem muitas potencialidades. “As nossas águas são um tesouro. Ainda vamos ter guerra pela disputa da água, por isso precisamos preservar e cuidar.” Segundo ele, o mar e as águas doces têm um papel essencial em questões como a biodiversidade, recursos minerais, fontes de energia, pesca, aquicultura, lazer e turismo.

Por outro lado, também são utilizadas para o tráfico de armas, de drogas e de pessoas.

O capitão também falou aos estudantes sobre o trabalho de busca e salvamento realizados pela equipe, auxílio para as atividades de pesquisa e o combate à poluição. Uma das principais preocupações da Marinha é a contaminação do mar e das águas no país com óleos e substâncias químicas tóxicas. “Fazemos essa fiscalização, mas é difícil em função da imensidão da costa - são 8,5 mil quilômetros. Precisamos a conscientização e bom senso de todos para não aumentar a poluição.”

Carta de 2070

O biólogo, professor, mestre e doutorando, Diógenes Gewehr, trouxe aos alunos a apresentação da Carta de 2070 - escrita em 2002. O conteúdo projeta como seria a vida na terra daqui a 53 anos, caso a água ficasse escassa a ponto de deixar de existir. Entre os problemas que o ser humano enfrentaria, estão o desemprego em função da parada na produção da indústria pela falta de água, desidratação. A expectativa de vida cairia para 35 anos, roupas seriam descartáveis e lenços vegetais seriam usados para limpar a pele. O consumo de água diário por pessoa seria de meio copo.

Rio Taquari pertence à classe 4, segundo classificação da Agência Nacional das Águas

Lajeado - O Rio Taquari, na área que abrange Lajeado, pertence à classe 4 e não ocupa a 4ª posição de rio mais poluído do Brasil, como foi publicado pelo jornal **O Informativo do Vale** na edição de sexta-feira. Também, diferentemente do que foi publicado, os rios dos Sinos, Gravataí e Caí fazem parte dos dez mais poluídos do Brasil, mas não estão nas três primeiras posições.

Segundo o diretor de Responsabilidade Social Corporativa da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil), Gilberto Soares, a 4ª classe representa que as águas são para harmonia paisagística e navegação. A classificação é da Agência Nacional das Águas (ANA), ligada ao Ministério do Meio Ambiente.

De acordo com Soares, o objetivo é trabalhar com a conscientização para que as águas do Taquari che-

guem à classe 2. Essa classificação possibilita que as pessoas se banhem nas águas sem o perigo de contrair doenças contagiosas. “Temos um projeto, um compromisso para recuperar o rio em 20 anos. É difícil, mas vamos trabalhar para que chegue à classe 2.”

De uma forma geral, sobre os rios e arroios, Soares diz que a maioria está dentro de uma classificação ruim, em função da contaminação. De acordo com ele, isto ocorre pelo fato de as águas estarem próximas de cidades e receberem a descarga orgânica e industrial.

“A legislação é pesada para as indústrias, mas os problemas foram minimizados. Elas têm investido, cada vez mais, no tratamento de seus efluentes, no reaproveitamento.”

Já em relação aos municípios

e Estado, Soares observa que não são realizadas ações para mudar o cenário. “Diante disso, percebemos que os rios sofrem cada vez mais. Na maioria das cidades, não há sistema de tratamento adequado. São fossas ligadas ao esgoto pluvial que também canaliza o esgoto doméstico. Tudo isso vai para os arroios, rios e seus afluentes.” Soares palestrou sobre o assunto no Seminário Viva o Taquari Vivo na Univates, que ocorreu na manhã de quinta-feira.

Ele faz parte do grupo da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) que criou o projeto Viva o Taquari Vivo há 11 anos. O objetivo é realizar ações de recuperação das águas e conscientizar a comunidade sobre os cuidados. “O projeto foi sendo mostrado e foi avançando na sociedade. As pessoas abraçaram a causa e também levamos para outros municípios.”

Anexo H – Publicações sobre alimentação nas escolas (Data: 15/09/2017)

.10 Cotidiano

Folha do Mate

SEXTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2017

ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

Escola também é lugar para comer bem

Merenda saudável é prioridade nas escolas municipais

TAÍS FORTES

Em meio a frutas e verduras pintadas na parede do refeitório, que os alunos da Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Pingo de Gente, são recepcionados diariamente para receber as refeições. De acordo com a servente Cledi da Rosa Trindade, uma das responsáveis pela preparação dos alimentos servidos a eles, as ilustrações cativam os pequenos e despertam a curiosidade. "Eles gostam do refeitório colorido", garante.

Saiba mais

HORTA

A Emei Pingo de Gente tem no pátio uma horta, construída pela servidora Cledi com o apoio de integrantes da Ordem DeMolay. De acordo com a servente, os produtos cultivados no local também são utilizados na cozinha da escola. Além disso, a ideia é levar os alunos para conhecer o espaço e despertar neles a curiosidade sobre os alimentos que ali estão plantados.

De acordo com a nutricionista do município, Josiane Pereira Pacheco, as escolas são estimuladas a organizarem os refeitórios de forma que eles fiquem mais atrativos para os alunos e sejam um espaço mais acolhedor e de aprendizagem, "para que alimentação também seja um momento de socialização para as crianças."

Os 111 alunos atendidos na Emei Pingo de Gente recebem cinco refeições diárias: café e lanche da manhã, almoço e dois lanches na parte da tarde. Segundo Cledi, todos os dias são oferecidas frutas e dois tipos de saladas para as crianças. As orientações sobre o que deve ser preparado em cada refeição estão indicadas no cardápio elaborado pela equipe de nutrição da Secretaria Municipal de Educação.

Conforme a nutricionista Josiane, a alimentação escolar está além de suprir as necessidades nutricionais pelo período em que os estudantes estão na escola. "Ela também tem a função de educar as crianças para uma alimentação saudável", afirma. Ela ainda considera que grande parte dos alimentos oferecidos nas escolas são



CLEDI ACREDITA QUE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUALIFICAM A ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

minimamente processados e que os estudantes levam exemplos do que consomem nas instituições de estudo para casa e isso pode gerar hábitos mais saudáveis para as famílias. "Nesse sentido a alimentação escolar é mais do que só servir o alimento. É preciso incentivar uma alimentação saudável", frisa. Atividades em sala de aula falando sobre os alimentos também são realizadas.

CARDÁPIOS

Josiane explica que os cardápios variam de uma escola para a

outra, pois são levados em consideração alguns fatores, como o público-alvo, se as escolas estão localizadas na área urbana ou rural e a idade das crianças e adolescentes que frequentam cada instituição. "A partir desta análise selecionamos os produtos que vão integrar a alimentação destes estudantes", comenta.

A profissional ainda pondera que em escolas de tempo integral a alimentação precisa ser diferenciada daquelas em que os estudantes ficam apenas quatro horas. Além disso, a nutricionista lembra que é

preciso ter um olhar diferenciado para determinados alimentos na educação infantil, que no ensino fundamental já não são tão necessários. "Em escolas onde as crianças têm uma vulnerabilidade maior isso precisa ser levado em consideração. Então não dá para padronizar e fazer tudo igual, porque se tem essas diversas modalidades de ensino", acrescenta. Outro fator levado em consideração é a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA). "Para as escolas que têm EJA é necessário pensar em adultos", lembra.

Alimentos fresquinhos da agricultura familiar

Entre os produtos que compõem os cardápios da alimentação escolar de Venâncio, encontram-se aqueles adquiridos da agricultura familiar. Conforme determinação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), 30% dos itens da alimentação escolar precisam ser adquirido da agricultura familiar. Em Venâncio, desde 2010, isso está acontecendo.

De acordo com informações repassadas pela Coordenadoria de Comunicação e Marketing da Prefeitura, no ano passado, do recurso repassado pelo Governo Federal, 42,4% foram destinados à aquisição de produtos da agricultura familiar do município. “Compramos os mais diversos produtos, como ovos, leite pasteurizado, mel, melado, massa, pães, hortaliças, verduras, legumes, e frutas da época, como laranja, bergamota, banana e morango”, cita Josiane.

MAIS QUALIDADE

A nutricionista do município salienta que os produtos provenientes da agricultura familiar qualificam a alimentação escolar, em especial, porque são mais frescos e variados. “Além da variedade ser maior, eles chegam logo depois da colheita nas escolas. Nesse sentido qualificou a alimentação escolar, tanto no que diz respeito a diversificação, quanto no sentido de eles serem mais frescos”, analisa.

Josiane ainda considera que mesmo que o índice da legislação do PNAE seja de 30% para a aquisição de produtos da agricultura familiar, Venâncio ultrapassou esse percentual justamente porque os produtos oferecidos no município têm mais qualidade. “Como são produtos produzidos aqui e de melhor qualidade, se faz a opção de comprar mais e ao mesmo tempo isso

vai estar implementando a agricultura familiar do município”, comenta.

A servente da Emei Pingo de Gente, Cledi da Rosa Trindade, também concorda que os produtos da agricultura familiar qualificam a alimentação escolar. “Houve uma evolução positiva na alimentação escolar, porque agora tem mais variedade de frutas e saladas e também mais qualidade”, relata.

EVOLUÇÃO

A nutricionista Josiane destaca que a alimentação escolar já evoluiu desde a implantação da lei de aquisição dos produtos da agricultura familiar, e a perspectiva é que isso continue acontecendo. “A tendência é que se vá aumentando o percentual de aquisição da agricultura familiar”, informa.

Segundo a profissional, a única maneira de conseguir elevar o índice de

aquisição destes produtos, que hoje chega a quase 50%, é o aumento da diversificação da produção de frutas e grãos. “Para se ter uma ideia, em média, é adquirida uma tonelada de arroz por mês e esse arroz não tem produção no município. O alimento precisa estar com a legislação vigente, e embalado de acordo. Não podemos comprar alimento de qualquer forma. Se for produzido e adquirido pela agricultura familiar, esse percentual aumentaria”, compartilha Josiane.



ALIMENTOS FORNECIDOS PELOS PRODUTORES DE VENÂNCIO AIRES SÃO MAIS FRESCOS E UTILIZADOS NA PREPARAÇÃO DE DIVERSAS REFEIÇÕES

COOPROVA

Segundo Carine Larsen, do Setor Administrativo da Cooperativa dos Produtores de Venâncio Aires (Cooprova), cerca de 35 famílias fornecem alimentos para as escolas da rede municipal de Venâncio Aires e, a cada ano, novos alimentos estão sendo incluídos. A profissional ainda salienta que as carnes, por exemplo, também começaram a ser entregues nas escolas por meio dos produtores do município. “A Cooprova está indo atrás de empresas que possam embalar o feijão e arroz, pois no município temos muitos produtores de grãos, o único empecilho é a embalagem. Devido a isso, não conseguimos colocar os alimentos no mercado. Mas nós estamos nos empenhando e buscando soluções”, afirma.

Fonte: Coordenadoria de Comunicação e Marketing da Prefeitura

Anexo I – Colunas (Datas: 13/09/2017; 14/09/2017; 02/09/2017)

.4 Cotidiano

Folha do Mate

QUARTA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 2017



Gente & Negócios

POR ANA FLÁVIA HANTT

anaflavia@folhadomate.com.br

Idiomas e o crescimento profissional



JOSIELE, PÂMELA E RITA FALAM SOBRE O APRENDIZADO DE UM IDIOMA NA FASE ADULTA

Em uma região como o Vale do Rio Pardo, que registra um grande número de empresas multinacionais ou que trabalham com importação e exportação, é comum presenciar a necessidade do domínio de um segundo idioma. É esse conhecimento que, muitas vezes, é o passaporte que falta para uma promoção ou uma experiência de trabalho internacional.

A demanda é sentida também nas escolas de línguas. Diretora da Escola Idioma, Rita Kunkel comenta que além do setor tabacaleiro, que necessita de profissionais habilitados para falar o inglês, o segmento metalmeccânico, com grande número de negócios na América Latina, também busca o conhecimento em espanhol.

Apesar da crescente exigência por qualificação, o Brasil ainda possui apenas 3% de pessoas fluentes em inglês, segundo pesquisa realizada pelo Catho, site de busca de empregos. Conforme a professora do idioma, Josiele Barón, uma das possíveis explicações para esse dado é a falta de continuidade nos estudos. "Muitos estudantes iniciam o curso para ter uma diferença no currículo, mas estudam até o nível básico ou intermediário, e acham que é o suficiente", destaca. No momento de participar de uma entrevista de emprego, no entanto, são reprovados por dificuldade em articular um pensamento mais complexo e demonstrar todo o seu potencial.

Para aqueles que decidem investir no aprendizado na fase adulta, Rita comenta que a maior dificuldade costuma ser a habilidade de falar. Diferente das crianças, o adulto aprendeu as regras e por isso, tem medo de falar errado ou não ser compreendido. "Nesse caso, o detalhe é comunicar-se. Só treinando para conseguir se soltar", orienta.

Os profissionais que ainda não investiram em um segundo idioma, no entanto, ainda estão em tempo de iniciar os estudos. As professoras explicam que o primeiro passo é a força de vontade para aprender. Depois, a dedicação para retomar em casa os conteúdos vistos em sala de aula. "O que eu costumo dizer para os alunos é que, além dos exercícios do livro que ficam como tema, 15 minutos por dia é um tempo bacana, que não vai cansar, mas vai te deixar à vontade com a língua", comenta Josiele. "Além disso, escutar música, e assistir séries e filmes, é um plus para o aprendizado", complementa Rita.

TRABALHO NA SUÍÇA

Multinacional: fluência em inglês abriu portas para oportunidade profissional no exterior

O valor de dominar um segundo idioma tem se mostrado de forma constante na vida do publicitário venâncio-aiense Cássio Souza, 36 anos. Ele, que iniciou sua trajetória profissional na Philip Morris Brasil Santa Cruz do Sul em 2005, sempre soube que para aproveitar as oportunidades da empresa multinacional com sedes em mais de 150 países, precisaria dominar a língua inglesa.

Mais do que se comunicar com colegas em todo o mundo, Cássio mantinha o objetivo de participar do programa Short Term Assignment (STA), o qual consiste na designação de um funcionário para trabalhar em uma unidade internacional por 18 meses, com manutenção do vínculo empregatício no país de origem. "A escolha é feita de acordo com as aspirações de carreira do colaborador e seu desenvolvimento dentro da empresa", explica.

O objetivo foi alcançado neste ano, e desde maio, Cássio está residindo e trabalhando na unidade da Philip Morris na Suíça. Lá, atua com projetos inovadores na área de desenvolvimento de embalagem. Sua esposa e dois filhos também estão vivendo no país, e têm a oportunidade de vivenciar essa experiência internacional.

APRENDIZADO DO IDIOMA

Além da formação em uma escola de línguas e aulas particulares quando sente necessidade, Cássio também vivenciou, em 2010, uma experiência de intercâmbio no

• Posição

41ª

é a colocação que o Brasil ocupa em um ranking da EF Education First, o qual mede o domínio do inglês em 70 países desenvolvidos.



CÁSSIO SOUZA TRABALHA ATUALMENTE NA PHILIP MORRIS SUÍÇA

"Dominar uma segunda língua passou a ser uma questão de sobrevivência mercadológica para aqueles que desejam atuar no cenário global."

CÁSSIO SOUZA
PUBLICITÁRIO

Canadá. Durante 40 dias, ficou hospedado em uma casa de família canadense (homestay), com mais quatro intercambistas de outros lugares do mundo. Essa imersão em outro país nativo na língua, segundo o profissional, é muito importante e traz excelentes resultados a curto prazo. "Eu posso garantir que o intercâmbio me trouxe muito aprendizado, maturidade, cultura geral, sem contar os amigos que fiz e lugares que conheci", salienta.

Hoje, vivendo na Suíça, Cássio

convive com os quatro idiomas oficiais do país - francês, italiano, alemão e o romanche, um dialeto pouco usado nos dias atuais. Na cidade em que vive e trabalha, Neuchâtel, o idioma é o francês, mesmo que a língua falada no trabalho, em função das múltiplas nacionalidades, seja o inglês. "Às vezes fala-se em francês, o que me fez sentir necessidade de aprender também esse idioma. Meus filhos estão estudando aqui, e a comunicação com os professores se dá em francês na maioria das vezes. Então, iniciei meus estudos em mais um idioma", conta.

Na opinião do profissional, aprender uma nova linguagem exige muito esforço e persistência. Para ele, os cursos consistem no primeiro passo para o aprendizado, no entanto, juntamente a eles, é preciso muita dedicação e disciplina para estudar após a aula, escutar músicas e podcasts, olhar filmes com legenda em inglês (ou na língua que você estiver aprendendo), ler, escrever e, principalmente, nunca parar de estudar.



SOMOS UMA EMPRESA DE CONTABILIDADE

Mas quem mais contabiliza vantagens são nossos clientes.



Duque de Caxias, 1149 | Fone: 51 3793.2950



MERCADO EM FOCO



SIMONE ROCKENBACH | simone@informativo.com.br

» Na estrada

As vendas de veículos novos em Lajeado somaram 170 unidades no mês de agosto. O número se refere aos negócios fechados pelas concessionárias instaladas na cidade, que no mesmo período de 2016 tinham comercializado 160 veículos. Os dados são do Sincodiv/Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). Na distinção por segmento foram 109 automóveis, 15 comerciais leves, sete caminhões, um ônibus e 28 motos.

Executivo AZUL
Experimente viajar descansado, com a companhia do jornal O Informativo, cafézinho e internet (WiFi).
Saídas de Lajeado: (6h30min e 15h (segunda a sexta)).
www.expressoazul.com.br
FONE: 3710-1011

» Cervejaria na BR-386

À medida que cresce o consumo das cervejas artesanais, também evoluem os investimentos neste setor. Em Estrela, a Prost Bier dá início à construção de sua nova fábrica. A área fica na margem da BR-386 - rodovia ambicionada por tantas empresas - próximo ao trevo da Trans-santarita. O prédio terá em torno de dois mil metros quadrados e dará sequência à produção de cervejas especiais, prevendo ampliar inicialmente 25% o volume fabricado. A estrutura própria tem previsão de ser concluída até abril, quando então serão transferidas as atividades que funcionam em instalações alugadas.



EM TEMPO

As cervejas Pilsen e Trigo estão entre as mais vendidas no mercado, o qual se concentra no Rio Grande do Sul e em outros estados através da rede de supermercados do Grupo Pão de Açúcar.

CERTIFICADO DIGITAL

PESQUISA APONTA
Na categoria Certificação Digital em pesquisa realizada pelo Jornal do Comércio (RS)
Certisign é a mais lembrada e preferida entre os gaúchos.
AGRADECENDO ESTA PREFERÊNCIA DOS GAÚCHOS, A CERTISIGN RETRIBUI COM OFERTAS E CONDIÇÕES ESPECIAIS
Ponto de Atendimento:
Rua Santos Filho, 401/307 (Centro) | LAJEADO | (51) 3710.1666
pa.valetaquari@certifica.net

» Experiência profissional

"Pés no chão, olhos no horizonte" será o tema da quarta edição do Experiência Empresarial promovida pelo Sicredi Região dos Vales. O participante neste ano é o presidente da John Deere Brasil, Paulo Herrmann. Será dia 2 de outubro, às 20h, no auditório da sede do Sicredi

Região dos Vales em Encantado. Paulo Renato Herrmann é gaúcho de São Lourenço do Sul e engenheiro agrícola. Além de presidente da John Deere Brasil, é vice-presidente de vendas e marketing da empresa para a América Latina. Dedidou toda sua carreira profissional ao

agronegócio brasileiro. Também, é diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) e atua como membro de diversos conselhos consultivos de empresas como a Embrapa, entre outras funções de liderança desempenhadas no agronegócio brasileiro.

» Cooperando com arquitetura

A Thomas Horn Arquitetos Associados, de Estrela, faz escola com seus projetos em cooperativas de crédito pelo Estado. Primeiro foi a superintendência regional da Sicredi Ouro Branco, de Teutônia, seguido pelo prédio da Sicredi Vale do Taquari, recém inaugurado em Lajeado. O próximo trabalho para essa instituição será a reformulação da agência do Centro.

Outras obras de agências já estão em andamento em cidades como Passo do Sobrado, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. As demandas envolvem os projetos arquitetônicos, complementares e as etapas de interiores (mobiliário). E mais contratos estão por ser fechados com a instituição financeira que se fortalece pelo Pampa afora.



Führ
CONTABILIDADE
CRC RS-004775/O
51 3710.1862 | 51 3011.1862
contato@fuhrcontabilidade.com.br | www.fuhrcontabilidade.com.br
Rua Alberto Torres, nº 452 | Sala 201 | Bairro Centro | Lajeado RS

Gestão Societária
Assessoria Contábil e Fiscal
Gestão de Recursos Humanos
Planejamento Tributário e Financeiro

Poder Legislativo de Fazenda Vilanova



MUNICÍPIO DE FAZENDA VILANOVA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES

Rodovia BR 386, Km 368, Número 1945, Centro
camara@camarafazendavilanova.com.br

Comunidade Vilanovense!

Faça parte da história do município.

Participe das sessões da
Câmara de Vereadores todas as
segundas-feiras, às 18h30min.

SEM FRONTEIRAS

... A Associação Brasileira de Franchising, em uma ação inédita, acaba de lançar o Concurso Cultural de Startups para Soluções Aplicáveis no Franchising Brasileiro. A iniciativa da entidade visa fomentar o empreendedorismo com foco nas inovações, estabelecer novas parcerias e aproximar ainda mais as startups das redes de franquia. As inscrições estão abertas e vão até o dia 21 de setembro.

... Principal palco da subcontratação e inovação industrial da América Latina, a Mercopar, feira que acontece nos pavilhões do Centro de Feiras e Eventos Festa da Uva, em Caxias do Sul, de 3 a 6 de outubro, reunirá expositores de vários segmentos. Lançamentos e novidades em equipamentos e serviços, especialmente nos setores metalomecânico, eletroeletrônico, automação industrial, movimentação e armazenagem de materiais, serviços, borracha, plásticos, energia e meio ambiente, garantem aos visitantes nacionais e internacionais um amplo leque de oportunidades.



COLUNA DO FABIANO



FABIANO CONTE | colunadofabiano@gmail.com

Os primeiros resultados da pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), contratada pela Prefeitura de Lajeado, revelaram gargalos importantes. Três pontos chamaram atenção: má utilização dos espaços, complexidade da rede e aumento de gasto que não foi revertido em resultados. A ociosidade espacial chega a superar o número de estudantes atendidos e alcança o índice de 56% nas Emefs. Os dados são do MEC, e referentes a 2015. A partir desses pontos, a Administração deve executar ações para melhorar a qualidade do ensino público.

Em breve, Lajeado deverá ter um aplicativo para serviços de táxi. A medida é para evitar a entrada do Uber na cidade.

Euclides Rodrigues desfilou-se do PTB, partido que era da base aliada do governo anterior, quando Rodrigues foi diretor de Trânsito durante quatro anos. Nos últimos 60 dias, também houve pedido de desfiliação do PTB de dois integrantes que concorreram a vereador nas últimas eleições, André Martinelli e Lisandra Blau.

Ao ser questionado sobre qual medida julgava ter sido a mais importante em seu governo até agora, um prefeito da região lascou: "ter excluído meu Facebook". As portas da prefeitura estão abertas para a população pedir ou reclamar pessoalmente, disse ele.

Fatos recentes de violência contra professores chamaram atenção no Brasil e reacenderam a discussão sobre o tema. Mas não precisamos ir tão longe para nos surpreender, pois a realidade está muito próxima de nós. Conforme dados da coordenadora de Educação, Greicy Weschenfelder, neste primeiro semestre de 2017 foram 522 casos de agressão verbal, contra 610 episódios do segundo semestre de 2016. Os casos de agressões físicas contra professores foram 58 nos seis primeiros meses do ano. Greicy relata que, nas escolas do Estado, a Cipave - (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar), é um dos projetos que trabalha a temática da violência. Um tema para nosso leitor refletir e ajudar a mudar esta realidade.



O promotor de Justiça Carlos Augusto Fiorioli fez uma declaração polêmica, mas realista e preocupante esta semana, em entrevista à Rádio Independente. "Todas as bocas de fumo de Lajeado são comandadas por menores". O promotor estima em cerca de 70 os pontos de vendas de entorpecentes na cidade. Durante a entrevista o promotor propõe uma reflexão na comunidade. Fiorioli defendeu uma revisão do sistema penal, para que haja uma responsabilização compatível com o ato praticado.

Deputado estadual Lucas Redecker (PSDB) aposta na candidatura de Eduardo Leite ao governo gaúcho em 2018. O ex-prefeito de Pelotas "é a cara nova da política gaúcha", definiu Redecker, em encontro dos tucanos realizado em Paverama no fim de semana. Lucas, que buscará uma vaga na Câmara dos Deputados, defende uma candidatura local a deputado estadual. Hoje, os nomes lembrados são da vereadora de Lajeado, Mariela Portz, e do secretário da Fazenda de Estrela, Henrique Lagemann. Na foto, Redecker está ao lado da vereadora de Paverama, Luciara Silva, e de Mariela.



A Prefeitura de Taquari e a Câmara de Vereadores de Muçum foram os poderes que mais gastaram em diárias em 2016 nos 38 municípios do Vale do Taquari. A Prefeitura de Taquari utilizou R\$ 154.821,07 e a Câmara de Muçum R\$ 69.199,78. Os dados são do Tribunal de Contas do Estado.

O exemplo positivo de contenção de gastos vem dos municípios de Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Pouso Novo, tanto na prefeitura como na Câmara; e nas câmaras de Anta Gorda, Forquethina e Taquari que não tiveram gastos com diárias em 2016.

Segundo dados divulgados pelo IBGE nesta semana, Lajeado recebeu 647 novos habitantes no último ano. Agora a cidade tem 79.819 habitantes.

A nova estimativa habitacional de Teutônia revelada pelo IBGE superando a casa dos 30 mil habitantes fará com que o município receba em torno de R\$ 1 milhão a mais em FPM a partir de 2018. O FPM é o Fundo de Participação dos Municípios e parte do bolo arrecadatório é dividido conforme o número de habitantes.

Coqueiro Baixo é o município gaúcho com o maior percentual de habitantes idosos, com 60 anos ou mais. O percentual chega a 37,45% da população.

O ex-prefeito de Relvado, Adroaldo Da Croce, foi confirmado como novo secretário da Fazenda de Encantado. Ele substitui Luciano Moresco, que retorna à Câmara de Vereadores. Ambos são filiados ao PT.

ECOMED
CLÍNICA DE DIAGNÓSTICO POR ULTRASSONOGRAFIA ALTO TAQUARI LTDA.
DR. JOSÉ SÍLVIO MEDEIROS CURVELO
CREMERS 4248
ESPECIALISTA PELA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA E COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIOLOGIA
ECOGRAFIA OBSTÉTRICA, GINECOLÓGICA, ABDOMINAL E EXTRA-ABDOMINAL, MUSCULOESQUELÉTICA E ESTUDOS COM DOPPLER COLORIDO
MARQUE HORA
(51) 3714-4510 | (51) 3748-5276
Travessa Pedro Kreutz 142 | Centro | Lajeado

FisioClin
Atendimento Fisioterapêutico
CREFITO E-1.308-RS
Dr. Josias Knaack
CREFITO-S 89.811/F
Pilates Original
Mat e Aparelhos
(51) 3714-5335 | 99935-6757
E-mail: fisio.clin@yahoo.com.br
Rua Ceará 265 | São Antônio | Lajeado-RS

Pensando bem:
o ex-presidente Lula, que faz roteiro pelos estados do Nordeste, fará o mesmo pela região Sul? Ou será que Curitiba (capital do Paraná), onde está Sérgio Moro, o assusta?

Muitos CCs

Tribunal de Contas fez apontamento na gestão da vereadora Ana Cláudia (PDT) em 2015, citando que existe desproporcionalidade entre concursos e CCs. Ana foi multada em R\$ 800, mas não foi ela quem criou a situação. E se ela foi apontada, Zecão (PMDB), que foi presidente em 2016, e Gilberto dos Santos (PTB), que é o atual presidente, também serão apontados, pois nada mudou.

Estranho é o TCE sugerir que é preciso ter mais concursados, inchando o quadro de servidores com estabilidade. Os cargos de assessores de vereadores, que são 30 dos 40 CCs, é o grande volume e isso não tem como concursar.

Ana Cláudia se defende também que propôs reduzir de dois para um assessor por vereador, mas não teve apoio.

A Lei Kandir

A Comissão Mista Especial da Lei Kandir realizou audiência pública, na quarta-feira, 30, para debater a regulamentação da Lei Complementar 87/1996, ainda pendente no Congresso, e os prejuízos enfrentados pelos estados atingidos pela desoneração tributária.

Dados apresentados mostram que, em 2016, os estados brasileiros registraram perda líquida de R\$ 25 bilhões na arrecadação em razão da Lei Kandir, que isenta da incidência do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) as exportações de produtos primários e não industrializados. Já no período de 1997 a 2016, as perdas líquidas acumuladas atingiram R\$ 268,9 bilhões.

Em defesa de Lula

Afinal, o processo que culminou com a condenação do ex-presidente Lula por corrupção e lavagem de dinheiro obedeceu a todos os trâmites legais? De acordo com uma centena de renomados juristas brasileiros, não. Estes profissionais se reuniram para publicar um livro no qual, por meio de artigos, pontuam todas as arbitrariedades e "equivocos" jurídicos encontrados na sentença proferida pelo juiz da 13ª Vara Federal de Curitiba, Sérgio Moro. O livro "Comentários a uma sentença anunciada: o caso Lula" foi lançado no dia 31 de agosto, em Porto Alegre, e é uma promoção da Frente Brasil de Juristas pela Democracia e da Frente Brasil Popular, com copromoção do Instituto Novos Paradigmas e Instituto Joaquim Herrera Torres.

Notinhas

* EGR autorizou a instalação de sinaleira no cruzamento da ERS-453 para o bairro Coronel Brito. Uma reivindicação antiga, bandeira de campanha do vereador Sid Ferreira (PDT), que é do bairro. O prefeito Giovane Wickert (PSB) anuncia que fará parceria com uma empresa para instalar a sinaleira. Que seja o quanto antes, para que trabalhadores, estudantes, moradores do bairro possam atravessar a rodovia com segurança.

* PF investiga venda de votos de desembargadores no Nordeste. Esse assunto brotou nos bastidores em Venâncio também nesta semana e tende a esquentar.

Pensamento

Livro do padre Décio Heineck – 1975

"O homem que considera sua vida e a dos outros destituída de sentido, não só é infeliz como desqualificado para viver".

Sérgio Klafke



sergioklafke@folhadomate.com.br

Prefeitos debatem dificuldades na Expointer

Na quarta-feira acompanhei a Assembleia de Prefeitos da Famurs na Expointer, em Esteio, no auditório da Ocergs. Estiveram lá 350 prefeitos, liderados pelo presidente Salmo Dias de Oliveira (PP), prefeito do pequeno município de Rio dos Índios, no norte do estado.

Vários painéis aconteceram, destacando as dificuldades das prefeituras, que só aumentam, com recursos cada vez mais escassos. "E se não nos mexermos vai ficar pior", disse Salmo, citando que tramitam no Congresso 4 mil projetos que têm alguma relação direta com os Municípios. Destes, cita que 400 são situações de impacto importante e pelo menos 40 decisivos. Defensor do movimento Municipalista, Salmo quer propagar este sentimento na sua gestão à frente da Famurs. "É nos municípios onde tudo acontece. São os prefeitos que são cobrados pela população, mas os recursos estão centralizados em Brasília", cobra ele.

O presidente da Confederação Nacional dos Municípios, Paulo Ziulkosky, nome respeitado por todos os prefeitos do Brasil pela sua liderança no movimento Municipalista, alertou os prefeitos de que a cada dia novos compromissos são repassados aos Municípios pela União e Estados. "Não é a arrecadação que está caindo, são os compromissos que são cada vez maiores", defendeu ele, mostrando que o FPM foi de R\$ 57 bilhões de janeiro a agosto em 2016 e é de R\$ 63 bilhões em 2017, um crescimento de 8%. O ICMS foi de R\$ 3,7 bilhões em 2016 de janeiro a agosto e é de R\$ 3,9 bilhões em 2017, explanou.

O presidente da Assembleia Legislativa, deputado Edgar Pretto (PT), em sua manifestação, defendeu uma frente em defesa do encontro de contas dos Estados com a União. "Não tem cabimento o RS estar pagando juros de uma dívida astronômica de R\$ 57 bilhões, quando tem R\$ 43 bilhões em créditos da Lei Kandir a receber da União", disse Pretto.

O presidente do Tribunal de Contas do Estado, Marco Peixoto, também esteve lá. Ficou clara sensação de que o TCE, na gestão de Peixoto, abriu portas de apoio aos prefeitos, como até então não tinha acontecido.

Junto com Patrícia Cerutti, diretora do jornal O Alto Uruguai, de Frederico Westphalen, representando a Associação dos Jornais do Interior – Adjori, como presidente da Associação dos Diários do Interior – ADI, representamos mais de 300 jornais na entrega, junto com o presidente da Famurs, Salmo Dias de Oliveira, de um documento ao presidente do TCE, Marco Peixoto, cobrando as publicações legais que as prefeituras precisam fazer nos jornais, conforme determina a Lei 8.666 de 21 de julho de 1993, que ainda está em vigor. Tanto o presidente da Famurs, como o do TCE, receberam como justa a reivindicação que passará por avaliação técnica e cobrança dos prefeitos, que deixaram de fazer as publicações.



ADI, ADJORI E PRESIDENTE DA FAMURS, ENTREGARAM DOCUMENTO AO PRESIDENTE DO TCE

Área do presídio para o DI está por sair

O vice-prefeito Celso Krâmer (PTB) está acompanhando de perto os trâmites do processo junto ao Governo do Estado para o repasse da área do antigo IPM ao Município para instalar um novo Distrito Industrial. O processo encaminhado no governo passado, pelo prefeito Ailton Artus (PDT) se arrasta por vários anos sem uma definição.

Krâmer disse que o processo foi refeito, retirando do repasse a área dos pavilhões do antigo IPM, que trancavam o andamento, mas foi mantido o acesso à área para o futuro Distrito Industrial pela ERS-287.

Segundo Krâmer, até o dia 20 o processo, agora finalizado na parte técnica, chega ao gabinete da

Casa Civil, onde vai ser decidida pela doação com aprovação do Conselho Técnico do Governo ou se por aprovação pela Assembleia Legislativa. Krâmer diz que como o repasse desta área pelo Estado ao Município, é uma das contrapartidas pela construção da Penitenciária Estadual, o repasse deverá acontecer com decisão do Conselho.

"Precisamos definir isso logo, e receber este repasse ainda este ano, pois em 2018 é ano eleitoral e isso não será mais possível", me disse na quinta-feira Celso Krâmer, convicto de que finalmente acontecerá este repasse, que foi solicitado ainda no governo Tarso Genro (PT).

Exportivas

* A Assoeva, vice-líder do Estadual, joga neste sábado, às 20h, no Poliesportivo contra a ABELC de Boa Vista do Buricá.

* Desfalco do ataque titular de Luan e Barrios nas suas seleções e Pedro Rocha vendido, o Grêmio joga neste sábado, às 16h, na Arena, contra o Sport pelo Brasileiro da Série A. Pode baixar para sete pontos a diferença pro líder Corinthians.

* O Inter folga na Série B e faz amistoso contra o Cruzeiro de Porto Alegre.

* Brasil bateu o Equador por 2x0 na Arena, pelas Eliminatórias Sul-americanas para a Copa da Rússia em 2018. Tite soma históricos nove jogos e nove vitórias na competição. O Brasil já é campeão antecipado, faltando três rodadas. Tem 11 pontos a mais que a Colômbia, que é segunda. Candidato real ao hexa.

* Bolaños, craque do Gauchão, disse que não queria mais jogar no Grêmio. Foi emprestado para o Tijuana do México. Penso que não adianta insistir em trazer colombianos, peruanos, equatorianos pra dupla. Nenhum dá bem certo. Argentinos e uruguaios, e numa segunda linha chilenos e paraguaios, são as melhores opções de estrangeiros. Pelo menos aqui no Sul.

* Argentina, Uruguai e Paraguai se unem para sediar a Copa 2030.

Do Twitter

* Veja: Joesley Batista: "Descobri que eu era um criminoso".

* Exame: Para brasileiros, PSDB está tão enrolado na Lava Jato quanto o PT.

* Estadão: Um ano após impeachment, PT não sabe o que fazer com Dilma.

* O Globo: Brasil vive 'calmaria antes do tsunami', diz Dilma um ano após o impeachment.

* Estadão: Dilma fez 'orgia orçamentária' para ganhar eleição, diz ministro da Educação

* Folha S. Paulo: TCU isenta Conselho da Petrobras, presidido por Dilma, de irregularidade na compra de Pasadena.

* Estadão: Defensor de Lula na ONU vê condenação 'inevitável'.

* Exame: Doria vai de novo ao Nordeste de olho em 2018.

* Estadão: "Quero ser o presidente do povo brasileiro", diz Alckmin.

* Estadão: Governo recua e suspende permissão para exploração mineral em reserva.

* Ana Amélia Lemos: Não me arrependo de nenhuma virgula em relação ao impeachment!

* Lasier Martins: BNDES precisa investigar aqueles que o roubaram.